

**A REPRESENTAÇÃO DO MEIO RURAL NO JORNAL  
IMPRESSO *CORREIO DO POVO*: um estudo comparativo entre  
as décadas 1960, 1970, 1980 e 2010**

**FERNANDA PUHL**

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação do Prof. Andréa F. Weber e avaliação dos seguintes docentes:

---

Prof. Andréa F. Weber  
Universidade Federal de Santa Maria  
Orientadora

---

Prof. Cláudia H. de Moraes  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Luís Fernando Rabello Borges  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof. Janaína Gomes  
Universidade Federal de Santa Maria  
(Suplente)

## A REPRESENTAÇÃO DO MEIO RURAL NO JORNAL IMPRESSO *CORREIO DO POVO*: um estudo comparativo entre as décadas 1960, 1970, 1980 e 2010

Fernanda Puhl<sup>1</sup>  
Andréa Weber<sup>2</sup>

**RESUMO:** o presente artigo analisa um recorte da representação histórica da agricultura nos anos 1960-61-62, 1970-71-72, 1980-81-82 e 2010-2011-2012 no *Caderno Rural* do jornal impresso *Correio do Povo*. Para isso, buscamos leituras, que constituíram o referencial teórico deste trabalho, acerca da história rural, da comunicação dirigida a este setor, bem como observamos a teoria da representação e a hipótese do enquadramento e a metodologia da análise de conteúdo para o desenvolvimento da pesquisa. Percebemos que o *Correio do Povo* apresentou a representação do seu próprio público, ao passo que o jornal se expandiu e realizou uma representação mais plural do meio rural nas décadas de 80 e 2010, enquanto que em 60 e 70 era de uma agricultura elitizada, a das estâncias. Também, que as décadas de 60 e 70 traziam temas mais reflexivos, enquanto 80 e 2010 mesclava informação e reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** história rural; jornal *Correio do Povo*, jornalismo rural, representação; enquadramento.

### INTRODUÇÃO

A agricultura gaúcha continua sendo uma das mais importantes do Brasil, representando cerca de 12% da produção nacional; entre os principais produtos, destacam-se soja, arroz, fumo, trigo, maçã e uva; na pecuária, aves e suínos são as principais criações do ponto de vista da geração de renda; dados apontados pelo resumo estatístico da Fundação de Economia e Estatística do estado do Rio Grande do Sul (FEE, 2011). Mesmo com a redução expressiva da população rural no Brasil, apresentada por Oliveira (2012, p.1) que nos anos 1940 era 69% para 18,8% em 2000, a agricultura ainda representa um setor de destaque.

Acerca da história da agricultura gaúcha, Paulus (1999, p.36-39-41-42-43) expõe que a partir do final da década de 50 o Rio Grande do Sul experimenta um “surto de modernização”, nesse período ocorreu um grande estímulo à cultura do trigo e a expansão do cultivo da soja, graças a Revolução Verde; porém, essa modernização causou impactos ambientais e sociais extremamente adversos. Em agosto de 1990, a fase da nova política agrícola no estilo neoliberal, deixou a agricultura dependente das condições de mercado, inclusive para financiar a produção; por isso em 1994, surge a proposta de agricultura sustentável, defendida por organizações internacionais como a FAO, afirmando que é necessário que os produtores, particularmente os pequenos, procurem soluções viáveis a partir de seus próprios recursos

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

(PAULUS, p.36-39-41-42-43). Nesse contexto, acreditamos que um estudo histórico de como a agricultura fora representada ao longo das décadas, por um dos mais antigos jornais do estado, é de grande valia.

O *Correio do Povo*, veículo escolhido para a análise neste artigo, foi fundado em 10 de outubro de 1895, pelo então jovem jornalista Francisco Antonio Vieira Caldas Júnior, cujo principal objetivo era publicar o primeiro diário gaúcho apartidário, independente e voltado somente aos interesses dos leitores e da comunidade (DOMINGOS, 2010, p.103). O *Caderno Rural* foi fundado em 1958, por interesses da direção, possuía 16 páginas e sempre era divulgado no domingo; em 1983, parou de circular por determinações dos superiores, momento em que o jornal passava por uma crise que culminou em seu fechamento no ano seguinte; apesar do *Correio do Povo* ter retornado dois anos após, o *Caderno Rural* voltou a circular apenas em 2009, no mesmo formato do antigo. (PATRÍCIA MEIRA, editora assistente da editoria Rural, explicação em e-mail).

Considerando a trajetória histórica do *Caderno Rural* do jornal *Correio do Povo*, o principal objetivo deste artigo é analisar como é representada a agricultura no Rio Grande do Sul em suas páginas principais, ao longo dos anos 60 a 2012. Para isso, realizamos a análise de conteúdo de 12 edições, dos anos 1960-1961-1962, 1970-1971-1972, 1980-1981-1982 e 2010-2011-2012, a partir da análise temática e dos termos-chave “agricultor”, “propriedade rural” e “agricultura”. Assim, buscamos empreender uma análise representativa histórica.

A fim de buscarmos analisar a representação da agricultura desde os anos 60 até as décadas atuais, traçamos um panorama histórico dos principais acontecimentos desta época, que compõe grande parte do referencial teórico abaixo organizado. Também, buscamos identificar o surgimento e evolução do Jornalismo Rural, já que nosso objeto de análise consiste no *Caderno Rural* do jornal *Correio do Povo*. Após, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, desenvolvidos com vistas à Teoria da Representação e à Hipótese do Enquadramento Jornalístico que norteiam a análise posterior. Por fim, obtivemos algumas conclusões que são explicitadas.

## **1 AGRICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL DESDE 1950 ATÉ A ATUALIDADE**

Neste tópico, abordaremos, especialmente, a história da agricultura no Sul do Brasil, considerando todas as formas de trabalho no campo como agricultura (cultivo da terra, pecuária, extrativismo, turismo rural, artesanato, agroindústria). Neste sentido, apresentamos na sequência, desde 1950 a 1980 e após de 1990 aos dias atuais, algumas características históricas importantes a serem evidenciadas.

## 1.1 Anos 1950 a 1980: a Revolução na agricultura

Fato muito marcante desse período, conforme explicado por Maestri (2010, p.428), foi o êxodo rural no campo, que veio em consequência da substituição da mão-de-obra pessoal por máquinas. Nos anos 1950, como afirma o autor, no Sul e no Centro do estado, a mecanização das atividades agropastoris – rizicultura, charqueadas, frigoríficos, etc. – expulsou do interior trabalhadores, os quais formaram cinturões urbanos de semiempregados, subempregados, desempregados e miseráveis.

Enquanto nas cidades os “expulsos do campo” se mantinham em uma situação inferiorizada, os agricultores que nele se mantiveram vivenciaram a segunda revolução agrícola dos tempos modernos. A Revolução Verde ampliou progressivamente a utilização de novos meios de produção agrícola provenientes da segunda revolução industrial: a motorização; a grande mecanização; a quimificação (adubos minerais e produtos de tratamento da lavoura); e a seleção de variedades de plantas e de raças de animais domésticos adaptados (MIGUEL, 2009, p.122-123). O autor continua explicando que houve o processo de abertura e aproximação das agriculturas realizadas nas mais diversas regiões do mundo, porém, os agricultores abandonaram a poliprodução vegetal e animal para se consagrarem quase exclusivamente a algumas produções destinadas à venda; assim, foi constituído um vasto sistema agrário multirregional, composto por subsistemas agrários regionais especializados complementares (regiões produtoras de grãos, regiões de criação de gado leiteiro ou de corte, regiões vinícolas, regiões de produção de legumes, regiões frutíferas, entre outras) (MIGUEL, 2009, p.122-123).

Uma das culturas que começou se destacar a partir dos anos 40 foi a da soja. Conforme relatado pela EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária), o primeiro registro desta *cultivare* foi no estado do Rio Grande do Sul, no município de Santa Rosa, em 1914, embora só em 1940 ela tenha adquirido importância econômica e, em 1949, o estado tenha figurado, pela primeira vez nas estatísticas internacionais, como produtor. A EMBRAPA (site institucional) também afirma que, impulsionada pela política de subsídio ao trigo e por fatores como a semelhança do ecossistema do Sul do Brasil com aquele predominante no Sul dos EUA; o estabelecimento da “Operação Tatu”<sup>3</sup> no RS, por volta dos anos 60, cujo programa promoveu a calagem e a correção da fertilidade dos solos; e os incentivos fiscais disponibilizados aos produtores, a soja se firmou nos anos 60 e 70 no estado, como cultura economicamente importante.

---

<sup>3</sup> O trabalho de análises e correções dos solos foi chamado Operação Tatu, este nome foi escolhido devido aos buracos feitos na terra para a retirada das amostras que seriam analisadas na Ufrgs. (Emater/Ascar).

O trigo também fora uma cultura destacada entre os anos 70 e 90 no Brasil, segundo Dabdab Waquil (1998, p.11-16):

Desde 1970, existiram três períodos distintos na produção de trigo no Brasil. O primeiro abrangeu de os anos de 1970 a 1984, quando a produção nacional atingiu aproximadamente dois milhões de toneladas. O segundo iniciou em 1986 e se estendeu até 1989, sendo caracterizado pelo aumento da área cultivada e da produção, chegando bem próximo a auto-suficiência. [...] o terceiro período iniciou-se na década de 1990 com o fim do amparo estatal, reduzindo a produção. A retrospectiva da intervenção estatal no mercado de trigo no Brasil tem um marco importante no ano de 1967, quando foi publicado o Decreto-Lei 210, em vigor até novembro de 1990, que regulamentou toda a política de produção, comercialização e industrialização do trigo no país.

Porém, como nos mostra Kolling (2006, p. 30-31), já no final da década de 70, a realização de uma agricultura moderna e produtiva, baseada no binômio soja-trigo, que parecia perfeita e lucrativa para todos, começou a enfrentar as primeiras crises. Maestri (2010, p.389) também comenta o assunto dizendo que, em 1975, graças à falta de área cultivável, o fim da “febre da soja” teve consequências duradouras, pois o abandono da área e do tempo dedicados à produção de subsistência – pequena criação, policultura, etc. –, em benefício do cultivo da soja, aumentou a dependência do pequeno produtor em relação ao mercado, no que se refere ao provisionamento de seus meios de subsistências, e aos bancos, pela necessidade de financiar a produção apoiada na maquinaria e nos agrotóxicos. Com a queda das cotações dos gêneros agrícolas e a valorização dos insumos, a pequena produção rural passou a conhecer graves dificuldades. (MAESTRI, 2010, p.389).

O Brasil já experienciava a globalização, como argumentam Fonseca Júnior, Fragalle, Silva e Penteado Filho (2009, p.83): “ainda na década de 1970, a economia brasileira e o setor rural já estavam integrados ao circuito do mercado internacional, sustentando rigorosamente os pesados serviços da dívida externa que havia sido contraída”.

Outras formas de cultivo precisavam ser implantadas antes que os agricultores que ainda restavam no campo migrassem ou se empobrecessem. Neste sentido, Kolling (2006, p.31-32) se refere a “tentar manter a sobrevivência da família, integrando técnicas modernas e tradicionais e diversificando a produção”. Foi nesta conjuntura social, ainda nos 70, segundo a autora, que modelos alternativos de produção, como o leite, os suínos, a fruticultura, as aves, a agroindustrialização, começaram a se fortalecer entre esses pequenos produtores, porém, sem abrir mão totalmente do cultivo de soja e de trigo. O que Kolling (2006) descreve fica explícito na apresentação dos números abaixo.

Sobre o leite, por exemplo, Gomes (1991, p.1) expõe que, nos anos 60, a produção total cresceu 4,53% ao ano; nos anos 70, a produção total cresceu 4,85% ao ano; já na década

de 80, quando a economia brasileira ficou praticamente estagnada, a produção total de leite cresceu 2,44% ao ano.

Já no setor de aves, Heizen (2006, p.9) afirma que “o Brasil tem conquistado um espaço significativo na produção mundial, aumentou cerca de 1000% entre os anos de 1961 a 2003, passando de 1,4% para 10,5% da produção mundial de carne de frango”.

Rohenkohl (2003, p.10-11), também trata da carne suína, produzida em grande escala no Noroeste gaúcho e em Santa Catarina. “No Noroeste do Estado até a década de 60, predominava o porco preto [...] quando a atividade passa a ser orientada para o mercado, há mudanças na estrutura, em 1989 foi adotada novas tecnologias, melhorada a genética e inicia-se a produção integrada (empresa e produtor)”. Ou seja, o que até então era uma atividade para a subsistência, criação do suíno comum, após o ano de 1989 passa a ser comercial.

Em oposição, uma cultura antiga que vem perdendo espaço no estado é a pecuária extensiva. Na década de 1960, por exemplo, o RS era o terceiro maior produtor do Brasil, perdendo espaço, nos últimos anos, para os estados do Centro-Oeste, por fatores como baixa remuneração da bovinocultura e concorrência com outros estados. (RIBAS E MASUQUETTI 2008, sp).

Simultaneamente a este modelo de agricultura, que passou por variadas mudanças entre décadas de 50 e 70, iniciou-se também uma nova discussão acerca dos agricultores que não possuíam terra. Iniciado em 1960, com impulso do governador petebista Leonel Brizola, e interrompido pela ditadura militar, em 1964, apenas em 1979 renasce como amplo movimento político de luta pela divisão dos latifúndios sulinos improdutivos. Trata-se do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (MAESTRI, 2010, p.369). Moreira (2005, p.151) ainda cita que, no início dos anos 1980, com a crescente mobilização da sociedade na luta contra a ditadura e pela redemocratização, ampliou-se o espaço de debate a respeito da necessidade de uma reforma agrária no país. Nesse momento, houve a emergência de novos atores, como MST, a Comissão Nacional dos Seringueiros, o Movimento dos Atingidos por Barragens e as oposições sindicais trouxeram novas pautas.

Esses foram alguns dos importantes movimentos do setor rural no RS ao longo do período compreendido pelos anos 1950 a 1980. Passamos agora à exposição da agricultura gaúcha posterior aos anos 90.

## **1.2 Anos 90 em diante: o aporte tecnológico X a agricultura familiar**

A agricultura baseada no latifúndio e no aporte tecnológico ameaçava os empregos agrícolas. Sob este ângulo, a partir de meados de 1980 os pesquisadores do meio rural

brasileiro constroem um “novo” tema de pesquisa: a Agricultura Familiar. Segundo Moreira (2005, p.109), é na década de 1990 que a agricultura familiar ganha espaço no Brasil. Para o autor, os pesquisadores percebem que a agricultura de base familiar possui importância para o desenvolvimento social e econômico do meio rural brasileiro, pois está relacionada ao desenvolvimento sustentável, no qual a geração de emprego (agrícola e não-agrícola), renda, preservação do meio ambiente, produção de alimentos e o desenvolvimento local são os principais indutores do equilíbrio no campo. E, como explica Sulzbacher (2009, p.05), nesse contexto, também é criada a Lei da Agricultura Familiar, Lei 11.326/06 que estabelece a ‘Política Nacional de Agricultura Familiar e empreendimentos Familiares Rurais’, que reconhece a agricultura familiar como segmento produtivo.

Em consequência de muitas reivindicações por parte dos pequenos produtores rurais, algumas melhorias que deram visibilidade a esta classe produtora surgiram na década de 1990. Entre elas, Scheneider, Mattei e Cazella (2004, p.2-3) citam o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), que surgiu, primeiramente, em 1994, como PROVAP (Programa de Valorização da Pequena Produção Rural). Em 1996, ele foi firmado como a principal política pública do Governo Federal para apoiar os agricultores familiares para ações relativas ao crédito de custeio, explica o autor, e, posteriormente, também, para investimentos, em infraestrutura e serviços municipais, bem como em capacitação e pesquisa, em 1997.

Com o tempo, percebeu-se que a Revolução Verde não trouxe apenas benefícios. Tão logo, iniciou-se a discussão acerca da questão ambiental. O primeiro código florestal foi instituído em 1934, mas somente em 1960, sob influência dos debates ambientalistas, a justificativa para a criação das reservas desloca-se para o valor da conservação e preservação dos recursos naturais, com ênfase na manutenção da biodiversidade e dos processos ecológicos (MOREIRA 2005, p.73-74). Com a preocupação ambiental, surgiu um novo tipo de agricultura, embasada não apenas na produção agrícola e pecuária, conforme explica Camargos e Moreira (2003, apud Moreira 2005, p.73-74):

Nas décadas de 1980 e 1990, adquire importância a discussão sobre o uso sustentável dos recursos e sobre a inserção das comunidades envolvidas nos mecanismos de gestão das reservas. Compatíveis à dinâmica pós-moderna de revalorização das localidades no processo de globalização estabeleceram-se novos padrões de conservação, principalmente no que diz respeito à propriedade do solo, ao uso dos recursos e à participação das comunidades. [...] essas transformações foram seguidas da reestruturação das relações sociais das populações residentes no interior e no entorno das unidades de conservação. Várias atividades econômicas foram introduzidas ou incrementadas nessas áreas, tais como o artesanato, o turismo ecológico, o extrativismo. Algumas regiões assumiram o papel de atração de populações urbanas e centros vizinhos e sua ocupação para fins residenciais ou recreacionais representou um fator de expulsão, exclusão ou reinserção das antigas comunidades residentes.

Surge então, em meados da década de 80, a expressão desenvolvimento sustentável, conceituada por Almeida (1995, p.46-47) como o tipo de agricultura que visa integrar a produtividade dos sistemas agrícolas a aspectos econômicos, sociais e ambientais. Nesse sentido, o autor explana questões como: manutenção em longo prazo dos recursos naturais e da produtividade agrícola; mínimo de impactos adversos ao ambiente; retornos financeiro-econômicos adequados aos agricultores; otimização da produção das culturas com o mínimo de insumos químicos; satisfação das necessidades humanas de alimentos e de renda; e atendimento das necessidades sociais das famílias e das comunidades rurais.

A década de 90, neste sentido, pode ser considerada como a tomada de consciência no que se refere ao meio ambiente e as formas de sustento, pela descoberta de que o campo não deve ser apenas monocultural, especialmente para os agricultores familiares. Surge, então, segundo Schneider (2003, p.109), o termo “pluriatividade como a melhor forma de apreender o fenômeno da multiplicidade de formas de trabalho e renda das unidades agrícolas”. E Moreira (2005, p.45-46) ainda acrescenta que, nesse contexto, são observados processos de renascimento rural:

Agudizados nos anos de 1990, mas originados em 1980 – a ideologia do desenvolvimento local e políticas de descentralização, trouxeram mudanças nas representações e nas práticas. Em termos de discurso, o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica produtivista e vem à toa a da qualidade de vida. A nova ruralidade se torna um estilo de vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade; a noção de paisagem produz a estetização da ruralidade, associada diretamente à natureza, assim, o rural aparece como paisagem natural a ser preservada e o papel do agricultor é agora, o de jardineiro da natureza não o de responsável pela segurança alimentar. O questionamento do modelo produtivista e degradação ambiental muda a visão da agricultura e da ruralidade, o que vai incidir numa indiferença crescente em relação aos problemas econômicos dos agricultores.

Várias possibilidades de trabalho surgem no campo, deixando este de ser restrito ao plantio e colheita da soja e do trigo, como nas décadas anteriores. Assim, um dos novos atrativos de trabalho na agricultura é a agroindústria familiar, que se sustenta pelo serviço da família e confecciona de forma artesanal os produtos coloniais. Assim, explicada por Sulzbacher (2009, p.02-03), a agroindústria familiar rural representa uma oportunidade de fuga da dependência do complexo agroindustrial, reapropriando-se de tarefas que haviam sido transferidas do rural para grandes indústrias, a partir de 1950, pela pressão da legislação sanitária. A autora diz que este processo iniciou-se com alguns incentivos públicos pioneiros, como o Programa da Agroindústria Familiar (PAF), no Rio Grande do Sul.

Outra forma de exploração do campo que vem crescendo é o turismo rural, segundo Scheneider e Fialho (2000, p. 16-17), pois é uma atividade que une a exploração econômica a

outras funções, como a valorização do ambiente rural e da cultura local. Igualmente, além de formas alternativas de trabalho dentro do próprio campo, existem os chamados duplos-ativos, como destacam Schneider e Fialho (2000, p.13), “pessoas com domicílio rural que combinam o exercício de um “trabalho principal”, ou aquele considerado indispensável, com outras formas de ocupação ou de obtenção de renda”.

Já beirando o segundo milênio, é proposta no estado a liberação dos transgênicos. Segundo Amaro da Silveira (2004, p.23), no dia 3 de março de 1999, foi decretada a zona livre de transgênicos no Rio Grande do Sul. Este é o primeiro passo no ingresso para, como comenta Maestri (2010, p.439), a dependência dos agricultores em relação às empresas multinacionais, já que a necessidade crescente de capital para a fundação de empresas congêneres, sobretudo com o advento da biogenética e da biotecnologia, impediu o surgimento de empresas nacionais e regionais. Em consequência, houve o surgimento de monopólios multinacionais, que impõem os preços das matérias-primas e dos salários, sob a ameaça de transferir a produção de um país para o outro. (MAESTRI, 2010, p.439).

A agricultura, apesar de ser um setor deslocado dos grandes centros urbanos, em grande parte, já possui um caráter globalizado e acompanha as inovações a estes atribuídas. Falar de campo hoje é reconhecer que as tecnologias, a inserção do homem rural na zona urbana, a diversificação das maneiras de trabalhar estão presentes e fazem parte da história desse setor produtivo. Enquanto, por um lado, há um retorno à época anterior à Revolução Verde – que é conveniente – no que tange à agroecologia, ao agricultor como “jardineiro da natureza”; por outro, também há um avanço muito grande acerca da tecnologia, da produção sustentável com danos reduzidos ao ambiente. Porém, este processo de modificação histórica se dá exatamente, como afirmam Agra e Santos (2001 p,8), “além da modificação da base técnica, a modificação significa a transnacionalização da agricultura e sua inserção no jogo da divisão internacional do trabalho voltando-se, assim, para a formação dos complexos agroindustriais e para a modernização dos latifúndios”.

Neste capítulo tratamos da história rural no Rio Grande do Sul, contextualizada pela do Brasil, desde os anos 50 até os dias atuais, a seguir iremos abordar como se desenvolveu a história do Jornalismo Rural no país.

## **2 JORNALISMO RURAL**

O Jornalismo Rural tem grande relação com a história da extensão rural no Brasil, como será exposto abaixo. Nesse sentido, a informação era levada ao agricultor com a finalidade de orientá-lo ao desenvolvimento.

Segundo Bordenave (1983, p.23), as primeiras iniciativas do processo de Comunicação Rural no Brasil se deram em termos de políticas governamentais de informação agrícola no estado de São Paulo. Estas datam de 13 de setembro de 1899: quando foi promulgada a lei nº 676 reorganizando o Serviço Agrônomo do Estado e atribuindo à Secretaria da Agricultura a ‘direção e distribuição de publicações oficiais sobre agricultura em geral’, bem como ‘a publicação de uma revista sob o título *Boletim da Agricultura*’.

Kolling (2006, p.56) destaca que, nas décadas de 40 e 50, o Ministério da Agricultura possuía o Serviço de Informação Agrícola (SIA), que desenvolveu um amplo programa de informação para difundir notícias e conhecimentos técnicos; como produto para levar informação ao setor agrícola, um noticiário era distribuído diariamente à imprensa e ao rádio. Bordenave (1983, p.24) afirma que, já em 1958, o SIA teve sua emissora própria: a *Rádio Rural*, com dois transmissores de ondas curtas. Ainda, segundo o autor, o SIA chegou a produzir cerca de 350 filmes, exibidos em circuitos nacionais.

Becker (2006, p.19) comenta que na década de 50 a tarefa do SIA de promover a orientação e informação na área rural passou para a extensão rural, com a criação da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR), cujo funcionamento não durou muito tempo. Em 1974, a mesma foi substituída pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, com unidades nos Estados, chamadas de empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATERs), vinculadas às Secretarias de Agricultura.

Além do serviço prestado à Comunicação Rural pelo governo, em 1944 começa a circular em Porto Alegre a revista *A Granja*. Conforme explicam Magno, Melo e Doula (2005, p.1), esta possuía cunho agrário e foi uma das primeiras a abordar temas polêmicos como a reforma agrária, transgenia, expansão de monoculturas, agroindústria e demais assuntos advindos do processo de globalização.

Kolling (2006, p.61) explica que a rádio, principal difusor de informações no campo, foi a primeira a oferecer programas voltados ao público rural já nas décadas de 50 e 60, no entanto, somente em 1980 foi criada, como comenta a autora, em Belo Horizonte, a *Rádio Guarani Rural*, pelo governo de Minas Gerais e, em 1999, foi fundada pela RBS (*Rede Brasil Sul de Comunicações*) a *Rádio Rural AM*, que hoje conta com uma rede espalhada pelo Brasil, *Rede Rural Sat*.

Também, em 1955 o *O Estado de São Paulo* lança o *Suplemento Agrícola*, caderno publicado semanalmente, nas quartas-feiras (KOLLING, 2006, p.60). Em seguida, em 6 de setembro de 1958, o *Correio do Povo* também lança o *Caderno Rural*, segundo a editora assistente Patrícia Meira (em e-mail recebido em 25/10/2011): “tinha como objetivo falar com

o público que mora no Interior do Estado que, à época, já correspondia a uma fatia importante da economia gaúcha”. Porém, como a editora coloca, o *Caderno Rural* parou de ser publicado em 1983, por decisão de diretoria, e retornou em 30 de agosto de 2009.

Kolling (2006, p.59-60) ainda explica sobre os principais programas jornalísticos que surgiram no ramo televisivo:

Em 1960, a TV Cultura levou ao ar o programa “Cidade Sertaneja”, que posteriormente passou a ser exibido pela TV Record, com o nome de “Canta Viola”. De 1965 a 1969, a TV Paulista exibiu o programa “Tarde Sertaneja” e, em 1968, a TV Tupi promoveu o primeiro festival de música sertaneja. Em 1974, a TV Gazeta começou a produzir o “Show da Viola” e o “Canta Brasil”. Porém, os programas jornalísticos voltados para o meio rural surgiram na década de 70, sendo pioneiro o programa *Novos Horizontes*, produzido pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), da Secretaria de Agricultura de São Paulo, veiculado semanalmente na Rede Tupi de Televisão e, posteriormente, na TV Globo de Bauru, São Paulo. Em 1979, a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), na época *TV Gaúcha*, afiliada da Rede Globo, cria o programa *Campo e Lavoura*, com abrangência regional - transmitido em uma edição semanal aos domingos para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em 1980, pela própria influência do programa criado no Rio Grande do Sul, vai ao ar pela primeira vez, o programa *Globo Rural* direcionado para o público nacional, também transmitido em edição semanal, aos domingos, inicialmente. Na TV por assinatura, a RBS, em 1996, criou o *Canal Rural*, pioneiro no Brasil nos sistemas Net e Sky. Em seguida, a concorrente, *Direct TV*, lançou o programa *Agrossat*.

Ocorre então, conforme destacam Fonseca Júnior, Fragalle, Silva e Penteado Filho (2009, p.1), a fundação, em 1973, da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Com vistas ao desenvolvimento do campo, já se realizava uma espécie de extensão rural, baseada nos princípios do difusionismo, mas foi nesta época que o movimento tomou força. Becker (2006, p.21-24) afirma que o modelo difusionista tinha como objetivo fundamental reduzir o tempo entre o lançamento de uma inovação pelos centros de pesquisa e a sua adoção generalizada, buscando a máxima rapidez na difusão das técnicas modernas. Esse movimento, conforme já citado anteriormente, visava desenvolver a informação de uma maneira unilateral, mas, segundo a autora, passadas algumas décadas de tentativas de “tecnificar” a vida rural, foi se percebendo a necessidade de se desenvolver a extensão de maneira horizontal, ou seja, verdadeiramente democrática e popular.

É perceptível que o surgimento da Comunicação Rural se deu em paralelo ao processo de desenvolvimento do campo. Somando-se a Revolução Verde, o difusionismo e as novas tendências de elevada produção que se consagravam, foi necessário motivar e capacitar o homem do campo por meio da informação, tanto de ordem técnica como econômica, política e humana. Atualmente, além de programas radiofônicos e televisivos dirigidos a este público, vemos *A Folha de São Paulo* que veicula nas terças-feiras o *AgroFolha*. *A Gazeta do Povo* de Curitiba circula todas as quintas seu *Caderno Rural* e a *Zero Hora* todas as sextas o *Campo e Lavoura* e a *Revista Globo Rural*. Também há assessorias de comunicação e imprensa

presentes em empresas deste ramo, feiras e reuniões específicas, além de cursos especializados. Os jornais que possuem editoria específica de Jornalismo Rural disponibilizam o conteúdo também em seus sites; como também existem sites e blogs especializados que tratam da agricultura, tanto de veículos de comunicação, como de técnicos da área rural. A fronteira que dividia cidade e campo, cada vez mais é superada pelas novas tecnologias e pela comunicação abrangente.

Juntamente com a exposição do Jornalismo Rural, buscaremos, no próximo capítulo, apresentar nosso referencial teórico-metodológico que tangencia acerca de teorias e métodos sociais utilizados em nosso estudo e por meio dos quais podemos adiante apresentar os resultados.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO: o estudo da representação e do enquadramento por meio da análise de conteúdo**

Neste capítulo, evidenciaremos o referencial teórico-metodológico que embasou a análise do *Caderno Rural do Correio do Povo*. Para obtermos as noções teóricas que nortearam o estudo, nos baseamos nos conceitos de representação e do enquadramento jornalístico; e, como método de análise, nos utilizamos da análise de conteúdo.

No que se refere à noção de representação, Hall (2006, p. 75) analisa a relação da mídia e do indivíduo isolado, afirmando que quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, de modo que parecem “flutuar livremente”.

Assim, a representação pode ser explicada, segundo Hall (2002, p.15), como processo:

Representation connects meanings and language to culture. [...] Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture. It does involve the use of language, of signs and images which stand for or represent things.<sup>4</sup>

Esta conexão de significados, dita por Hall, pode ser encontrada em qualquer relação humana; se esta for autêntica, chamamos de realidade, se for uma construção de uma realidade, dizemos representação. Conforme Berger & Luckmann (2008, p.11): “o homem da rua habita um mundo que é ‘real’ para ele, embora em graus diferentes, e ‘conhece’, com graus variáveis de certeza, que este mundo possui tais ou quais características”. Ou seja, uma

---

<sup>4</sup> Tradução livre: A representação conecta significados e linguagens da cultura. [...] A representação é uma parte essencial pela qual significados são produzidos e trocados entre membros de uma cultura. Isto envolve o uso da linguagem, dos signos e imagens que significam ou representam as coisas.

realidade é conhecida e dada como tal apenas em seu contexto histórico social; quando esta é mostrada em um veículo de comunicação, ou decodificada por outrem, perde este aspecto “real” – autêntico em sua concepção – e transforma-se em uma ‘representação do real’.

Neste sentido, Correia (2009, p.21), citando Marconi Oliveira da Silva (1998, p.14), explica o que se procede na produção da notícia embasada na realidade: “no ritual de passagem do fato à notícia engendra-se uma nova realidade que, correspondendo a novas representações serve para enfeitiçar a realidade original”. Ou seja, o relato jornalístico não é um ato de descrever ou dizer de forma direta, determinada e precisa um fato empírico acontecido no mundo exterior, mas é um ato de apresentação de uma realidade que se constitui, inclusive, com a participação ativa do leitor. Desta forma, as representações passam por institucionalizações sociais, ou seja, a representação individual é tomada por uma instituição que controla a conduta para a construção da nova representação institucionalizada (BERGER & LUCKMANN, 2008, p.80). Este é o processo pelo qual passam as “realidades” até a divulgação na mídia. Neste sentido, também o veículo massivo de comunicação constitui sua “maneira” de apresentar o fato, o qual podemos caracterizar como enquadramento.

Colling (2002, p. 94) trata do enquadramento como o estabelecimento da comunicação além da agenda interpessoal, ou seja, a mídia é capaz de dizer como devemos pensar os temas existentes na agenda, dependendo da abordagem que dá à notícia em questão. Assim, Rothberg (2007, sp) deixa clara a função do enquadramento na prática jornalística, já que este afirma que o mesmo é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, para compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Ou seja, trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem, inclusive, o uso de expressões, estereótipos, sintagmas, etc.

Conforme destaca Cunha (2005, p. 97), “a análise de enquadramento é uma abordagem analítica de produtos da Comunicação, em especial do Jornalismo, que procura interpretar as mensagens mediáticas como representações instauradas pelas escolhas do texto jornalístico”. Neste sentido, são apontadas as teorias de representação como aspecto relevante na questão do framing/enquadramento, já que, considerando que a veiculação de uma notícia se baseia em uma construção da realidade apurada, enquadramento e representação se interconectam, ou ainda, podemos dizer que o primeiro é uma forma jornalística de tratar a construção da realidade na notícia, isto é, a representação da realidade efetuada na notícia.

O método que utilizaremos para analisar a representação/enquadramento da agricultura no *Caderno Rural* ao longo das décadas é a análise de conteúdo. Segundo Fonseca Junior (2009, p.280), ela se refere a um amplo método das ciências humanas e sociais

destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa. Bardin (1977, p.30) trata da análise de conteúdo com duas funções:

Possui duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se: a função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta, é a análise de conteúdo para ver o que dá. E, uma função de administração da prova: hipóteses sob a forma de questões ou afirmações provisórias servindo de diretrizes apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para servir de prova.

Ainda, Fonseca Junior (2009, p.290) esclarece acerca das etapas metodológicas do método de análise:

A análise de conteúdo organiza-se em três fases cronológicas: (1) pré-análise: consiste no planejamento de trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as idéias iniciais com o desenvolvimento das operações sucessivas, contempladas num plano de análise; (2) exploração do material: refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. Se a pré-análise for bem sucedida, esta fase não é nada mais do que a administração sistemática das decisões tomadas anteriormente. (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. A partir dos resultados, o analista pode então propor inferências.

No que se refere à nossa proposta, seguimos a indicação de Rothberg (2007, sp), que explica: “definem-se termos-chave envolvidos nos temas estudados, e cada ocorrência deles é somada, a fim de gerar uma espécie de radiografia dos significados presentes”.

Primeiramente, escolhemos o impresso *Correio do Povo* para nortear nossa pesquisa, por ser um dos jornais mais antigos do Sul do Brasil, bem como por seu caderno voltado à agricultura apresentar a mesma característica. Do impresso, escolhemos o *Caderno Rural*, criado em 1958, publicado sempre aos domingos e com 16 páginas de conteúdo, que teve funcionamento ininterrupto até 1983, momento em que o jornal passava por uma crise, retornando apenas em 2009 no mesmo formato e obedecendo as mesmas regras anteriores.

Após a determinação do objeto de pesquisa, foram escolhidas algumas edições dos três primeiros anos de cada década, 1960-1961-1962, 1970-1971-1972, 1980-1981-1982 e 2010-2011 e 2012. Foi escolhida uma edição anual, sempre da última semana de abril, que consideramos ser representativa de cada ano, já que este período fica entre o final da colheita e início do plantio das principais *cultivares* do RS, soja no verão e trigo no inverno. Realizamos a análise das páginas principais, que são duas, e abordam a chamada que se apresenta na capa do *Caderno Rural*. Abaixo são mencionadas as matérias analisadas.

Tabela 1 – Títulos das notícias e classificações

Ano	Título da notícia	Classificação	Data
1960	- O Ruano Branding destaca-se como garanhão - Lição à muita gente grande: plantando dá	Notícia principal Notícia secundária	23/04/1960

	- Pesca e turismo	Notícia secundária	
1961	Dos jardins da Holanda para um baile em Porto Alegre	Notícia principal	21/04/1961
1962	Devíamos conhecer as nossas árvores	Notícia principal	21/04/1962
1970	Nove vitoriosos no “Derby”	Notícia principal	24/04/1970
1971	Vacaria inicia teste de ganho diário de peso	Notícia principal	23/04/1971
1972	FAO dando água ao deserto	Notícia principal	21/04/1972
1980	Os cogumelos da Fazenda Petim	Notícia principal	25/04/1980
1981	Universidades transferem embriões em cabanhas rio-grandenses	Notícia principal	24/04/1981
1982	- Estiagem vai determinar uma redução na produção de soja de 34% na área da Cotrijuí - Bolsa de Chicago comanda lucros	Notícia principal Notícia secundária	23/04/1982
2010	- Investimento para driblar o inverno - Uso esbarra na falta de semente certificada	Notícia principal Notícia secundária	25/04/2010
2011	- Combustível para o agronegócio	Notícia principal	24/04/2011
2012	- Nem gregos, nem troianos	Notícia principal	29/04/2012

\*\* As notícias principais são as maiores da página, que compreendem também os subtítulos e entrevistas relacionadas ao assunto da mesma. São classificadas como notícias secundárias somente aquelas que possuem menor espaço em relação à principal, bem como tratam de assuntos diferentes.

Posteriormente às determinações dos exemplares para a análise, buscamos identificar como a agricultura é representada pelo *Caderno Rural* ao longo da história, por meio de 1) análise temática e 2) operadores de análise que denominamos termos-chave. Analisamos a temática das notícias, buscando identificar sobre que assunto estas tratam e como isso se relaciona com seu público. Nosso principal operador de análise é a palavra “agricultor”, pois este se refere ao tratamento que se atribui ao perfil rural do homem do campo e, conseqüentemente, ao público que consome o jornal e que se verá representado no mesmo. Em seguida, nos propusemos a averiguar como é representado o local de trabalho do agricultor; para isso optamos pelo sintagma “propriedade rural”, já que este se designa tanto pela área destinada à moradia quanto à área destinada ao cultivo e/ou produção. E por último, com o intuito de verificar a forma de trabalho no campo, optamos pelo termo “agricultura”.

Em todas as análises, buscamos relacionar as características percebidas no que tange à representação dos agricultores aos diferentes períodos da agricultura no estado, estabelecendo um comparativo entre eles. Com isso, pretendemos traçar a evolução no tempo da representação da agricultura pelo *Caderno Rural* da década de 60 até os dias atuais.

#### **4 RESULTADOS: a representação dos agricultores no *Caderno Rural* do *Correio do Povo* entre 1960 e 2012.**

A seguir são descritas algumas constatações, acerca da representação histórica comparativa entre as edições representativas das décadas de 1960, 1970, 1980 e 2010 por meio da análise temática e dos termos-chave, buscando estabelecer uma relação entre o que fora divulgado no *Caderno Rural* do *Correio do Povo*, a representação da agricultura por ele efetuada e o momento histórico da agricultura e da comunicação rural daquele período. Começamos com a análise temática.

Anos	Temáticas
1960	Corrida de cavalo, menino que ensina plantar abóbora, pesca e turismo
1961	Tulipas holandesas plantadas em Porto Alegre
1962	Maiores árvores do Rio Grande do Sul
1970	Cavalos campeões, mais premiados em corridas
1971	Teste de desempenho em peso em bovinos na cidade de Vacaria
1972	FAO leva água ao deserto na Nigéria para eles produzirem alimentos
1980	Cogumelos comestíveis produzidos em Guaíba – RS
1981	Transferência de embriões bovinos para desenvolvimento de técnicas pela UFSM e UFRGS
1982	Estiagem reduz produção de soja na área de abrangência da Cotrijuí
2010	Pastagem de inverno
2011	Produção de cana para etanol
2012	Prós e contras: Código Florestal

### Quadro 1 - Análise da Temática

Nos anos 60-61-62, a representação dada pelo jornal é de uma agricultura elitizada, ao passo que trata da plantação de flores, turismo e corrida de cavalos. Esses assuntos não eram tão comuns a todos os agricultores sul-riograndenses daquela época, que passavam por uma situação não muito favorável, considerando as palavras de Maestri (2010) sobre o êxodo rural.

Miguel (2009) expõe que, nos anos 60 e 70, iniciava-se um sistema agrário multirregional, composto por subsistemas agrários regionais especializados complementares, regiões produtoras de grãos, regiões de criação de gado leiteiro ou de corte, regiões vinícolas, regiões de produção de legumes, regiões frutíferas e outras, graças à Revolução Verde que estava se processando. Esses sistemas mudaram a ideia de que o Rio Grande do Sul é o estado dos pampas e da criação de animais, no entanto, as temáticas abordadas pelo *Correio do Povo* na década de 70, ainda expunham em grande medida os animais que estavam locados em grandes propriedades, já que foram realizadas duas matérias, uma sobre cavalos e outra sobre bovinos com este viés. E a terceira, que não se relacionava diretamente com o estado, relatava a escassez de água numa região nigeriana.

Entre os anos 80-81-82, aparecem três temáticas variadas. Mostrando uma agroindústria de grande porte, que industrializava cogumelos, o *Caderno Rural* começa a exibir a diversidade que se inicia e se amplia cada vez mais na agricultura dos anos vindouros. A tecnologia também começa a ser mostrada, como na notícia sobre o desenvolvimento de embriões para inseminação artificial. Pela primeira vez, nos anos 80, foi citado como tema principal do caderno o cultivo de soja – iniciado no município de Santa Rosa, segundo a EMBRAPA –, que, nesta época, conforme destaca Maestri (2010), já estava enfrentando crises. O que também foi evidenciado na notícia que tratou da redução da produção graças à seca. Nesta mesma reportagem, foi citada a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), que fazia um trabalho amplo de extensão rural, baseada no difusionismo (BECKER, 2006), que foi parte importante da história da formação do Jornalismo Rural.

Na década de 2010, novamente três temáticas distintas foram exibidas. Numa época em que turismo rural (SCHENEIDER E FIALHO, 2000), agroindústria familiar rural (SULZBACHER, 2009), biotecnologia (ALMEIDA E AMARO DA SILVEIRA, 2000), desenvolvimento sustentável (ALMEIDA, 1995) e tantas outras temáticas que estão em voga mostram a pluralidade da agricultura e os vários tipos de trabalhadores, o jornal, em grande parte, fez esta representação plural. As temáticas das notícias foram distintas e compreenderam vários públicos. Uma delas trouxe recomendações de pastagens ao gado leiteiro, que pode ser interessante tanto para grandes produtores de leite, quanto para pequenos. A segunda sobre o plantio de cana-de-açúcar para a produção do etanol, que é uma alternativa nova de renda, também para qualquer grupo social rural. E a terceira trazia a questão do Novo Código Florestal, novamente de interesse geral.

Percebemos que, após a década de 80, a representação realizada pelo jornal é de uma agricultura mais pluralizada e global do que nas edições anteriores, temáticas referentes à produção agrícola, que antes pouco apareciam, começam a ser mais evidenciadas. Antes dos anos 80, as temáticas englobavam mais a pecuária do que o cultivo, mesmo que o Rio Grande do Sul já não fora mais um estado apenas de estancieiros, considerando a afirmativa de regiões agrárias especializadas de Miguel (2009). Na sequência, apresentamos a análise do nosso primeiro termo-chave, agricultor.

#### Anos 60-61-62:

Termo-chave	Ocorrências
Proprietário	3
Criador	1
Dono	1
Produtor	1
Pescador	1
Caçador	1
Cultivador	1

#### Anos 70-71-72:

Termo-chave	Ocorrências
Criador	11
Proprietário	1
Administrador	1
Agricultor	1
Pastor	1

#### Anos 80-81-82:

Termo-chave	Ocorrências
Produtor	19
Agricultor	6
Criador	5
Trabalhador	1
Pequeno produtor	1
Fazendeiro	1

#### Anos 2010-2011-2012:

Termo-chave	Ocorrências
Produtor	16
Agricultor	4
Agricultor familiar	1
Pequeno produtor	1
Trabalhador rural	1
Proprietário	1
Criador	1

**Quadro 2 - Termo-chave: Agricultor**

O termo agricultor, nosso operador de análise, se caracteriza por representar um grupo de trabalhadores que realizam ou coordenam serviços agropecuários, que incluem plantio, criação, extração de produtos naturais ou, até mesmo, turismo rural, manufaturização de alimentos, contanto que realizado em área rural e com bens primários. Neste sentido, os demais termos que foram encontrados acima nas análises dos textos têm significados próximos a agricultor, representando uma parcela de trabalhadores que sobrevivem do campo ou que utiliza de uma fonte mais específica de renda, que não apenas a agrícola.

Nas décadas mais próximas à criação do *Caderno Rural* pelo *Correio do Povo*, anos 60-61 e 62 ficou marcado o estilo de agricultura patronal, existente nos pampas gaúchos e em parte próxima da capital, sede do periódico, pela evidência da palavra “proprietário”, 3 vezes, sugerindo não o trabalho agrícola-pecuário como fonte de renda, mas sim a posse da terra, com o status e poder que lhe é característico. Cotrim (2003, p. 22) explica que nas décadas de 60 e 70 o crédito rural no Brasil era destinado a estimular o crescimento produtivo dos grandes proprietários de terra, de modo que os pequenos foram estimulados apenas em 1995, após a criação do PROVAP. Ou seja, a divulgação na mídia pode ter sido dos que socialmente eram mais estimulados, pois provavelmente eram economicamente mais ativos.

A família Caldas Júnior, dona do *Correio do Povo*, possuía fazendas próximas a Porto Alegre, conforme descreve Pinheiro Machado (1987, p.51-52) em depoimento do próprio Breno Caldas: “a oportunidade que apareceu para vender essa fazenda em Viamão era um preço baixo em relação ao real valor da propriedade [...] isso que eu tinha dado uma fazenda de 2 mil hectares em Guaíba – a Fazenda do Salso – ao banco como garantia!”. Em uma pequena citação duas fazendas foram referidas, desta forma, percebemos que pode haver uma relação entre o gosto do dono do jornal pelo campo, mas que não dependia deste para sua sobrevivência, com a representação que fora empregada pelo jornal impresso aos demais agricultores da época, vinculada a questão da posse da terra e não do seu trabalho.

Nos anos 70, mesmo com a referência da EMBRAPA, de que a soja era uma cultura popular e econômica importante, e o trigo, segundo Dabdab Waquil (1998), estava em boa fase, o *Caderno Rural* não tratou desta temática, pelo contrário, designou os agricultores como “criadores”, por 11 vezes. Ou seja, os assuntos do caderno giravam, em grande medida, em torno das fazendas de criação de gado e haras citados nas reportagens. Explodia a Revolução Verde e o impresso se mantinha reportando o cenário latifundiário gaúcho, com os termos que designam o agricultor-pecuarista, no mesmo sentido.

Já na década posterior, 80-81-82 a representação muda. A palavra “produtor” ganha espaço (19 menções) e a citação do termo “agricultor”, que na década anterior foi mencionada 1 vez aumenta para 6. Já se tem matérias publicadas que falam não apenas de animais ou

grandes fazendas, pois como cita Kolling (2006), um pouco antes desta época a agricultura começa a passar por transformações, se fazendo necessária a diversidade de trabalhos no campo, pois o empobrecimento era grande. Neste sentido, o jornal impresso começa a se referir aos agricultores de uma maneira diferenciada, não mais restrita a um público de latifundiários e pecuaristas, já que a nova palavra mencionada: “produtor” – em 19 ocasiões – que é mais genérica, pode se referir tanto ao cunho agrícola, como pecuário ou agroindustrial. Além disso, “produtor” se refere ao trabalho no campo, a uma atividade, a um fazer, não mais à posse, como ocorria com a palavra dono e proprietário.

Nas décadas de 2010-2011-2012 a variação de palavras para designar o agricultor é grande. O termo “produtor”, 16 citações, ainda leva vantagem, mas outros como “agricultor familiar”, “pequeno produtor” e “trabalhador rural”, nunca antes mencionados, ganham destaque. A pluralidade encontrada no campo hoje, conforme frisa Schneider (2003), faz com que o impresso o represente desta maneira. Outros termos como “caçador” e “pastor”, foram sendo eliminados com próprio fim da profissão, já que o trabalho agrícola mudou e com ele houve uma mudança nas nomenclaturas. E, no caso da expressão “dono”, que também perdeu espaço, possivelmente ocorreu a substituição pela palavra “proprietário”, que são muito semelhantes, mas soam diferentes, já que “dono” remete a posse da terra e desta forma ao modo antigo de colonização/apropriação dos locais inabitados e “proprietário” sugere não apenas a posse, mas ao direito de uso registrado.

A comparação das designações ao longo de 5 décadas sugere que a representação empregada pelo *Caderno Rural* aos agricultores é a mostra do seu próprio público, que no início era mais elitizado e voltado aos grandes produtores e pecuaristas e nos dias atuais é mais plural e disperso por mais locais do Rio do Grande Sul, já que como coloca Rudiger (1998 apud Domingos, 2010, p.105)

O *Correio do Povo*, que tirava cinquenta mil exemplares diários em 1950, viu suas tiragens crescerem à razão de mil por ano até meados da década de 70. [...] A Caldas Júnior era então a sétima maior empresa do ramo em todo País, dominando sem concorrente real o mercado de jornais no Rio Grande do Sul.

A expansão do público proporcionou a representação mais pluralizada a partir da década de 80. Esta variação também pode ser constatada no item propriedade rural, abaixo mencionado, já que a relação entre quem realiza e o local onde é realizado o trabalho, é fundamental.

**Anos 60-61-62:**

Termo-chave	Ocorrências
Haras	7
Fazenda	3
Estabelecimento criatório	2
Casas de campo	1
Granja	1

**Anos 70-71-72:**

Termo-chave	Ocorrências
Haras	9
Estabelecimento	3
Fazenda	3
Propriedade	1
Colônia	1

**Anos 80-81-82:**

Termo-chave	Ocorrências
Cabanha	18
Fazenda	13
Lavoura	11
Estabelecimento	3
Propriedade	2
Pequenas propriedades	1

**Anos 2010-2011-2012:**

Termo-chave	Ocorrência
Propriedade	8
Lavoura	5
Campo	3
Unidades produtoras	1
Estabelecimento	1
Imóvel rural	1
Pequenas propriedades	1
Posse rural	1
Área rural	1

**Quadro 3 - Termo-chave: Propriedade rural**

A designação “haras”, “fazenda” e “estabelecimento criatório”, que foram os mais citados na década de 60 (7 vezes, 3 vezes e 2 vezes, respectivamente), são referidos à criação de animais em extensões de terra grandes, pois como expõe Ribas e Massuquetti (2008), nesta década, o Rio Grande do Sul fora o 3º em produção de pecuária extensiva do Brasil. Mas também, na mesma época, já se cultivava soja e trigo, que são culturas agrícolas, mas que não foram referenciadas em termos de propriedade, o mais próximo desta afirmativa foi a palavra “granja”, que se refere tanto ao aspecto agrícola (cultivo de plantas) quanto pecuário.

Na década seguinte, conforme explica Kolling (2006), a diversificação da propriedade se faz necessária; no entanto, não há muita diferenciação em relação à década anterior no que se refere à representação à propriedade rural dada pelo jornal impresso. A permanência dos termos-chave “haras” (9 citações) e “fazenda” (3 citações) como designações mais citadas e o acréscimo da palavra “estabelecimento” (3 vezes) indicam mais fortemente uma representação pecuarista, não agrícola, e por conseguinte, quando pensamos em Rio Grande do Sul, pensamos em latifúndio, já que a cultura local expunha este como cenário local. Fraga (2004, p. 19-20) argumenta que a gestão do *Correio do Povo* “seguia os moldes de uma verdadeira empresa familiar, onde o poder decisório estava permanentemente concentrado nas mãos de seu diretor-presidente”. Por este fato, podemos associar o gosto de Breno Caldas por fazendas e cavalos, conforme colocado por Pinheiro Machado (1987) anteriormente, com a grande quantidade de palavras nesse sentido mencionadas nesta década.

Como aconteceu com o termo “produtor”, exposto na tabela anterior, que aparece como expressivo na representação apenas na década de 80, há também uma mudança, nessa década, no modo como o jornal se refere ao local de trabalho do mesmo. A continuidade do foco em produtores de porte maior ainda fica marcada, porém, já se tem uma boa citação do termo “lavoura” (11 vezes), que é um dos principais lugares de ocupação dos trabalhadores que cultivam a terra e não realizam apenas a criação de animais. Outra citação que enfoca a mudança na representação da agricultura se refere ao termo “pequenas propriedades” (1 ocorrência), não mencionado anteriormente, que agora ganha espaço pela diversificação de atividades realizadas no campo, bem como pela luta dos agricultores que não possuem terra por pequenas extensões, como expõe Maestri (2010).

Com todas as discussões existentes hoje acerca de preservação ambiental, da agroecologia e do desenvolvimento sustentável, é esperado que a variação de palavras para designar os setores e locais de trabalho esteja na mesma proporção na década de 2010. Apesar de terem tido menos ocorrências, elas são mais plurais. A palavra “propriedade”, 8 ocorrências, obteve destaque em relação as demais, designando, o local de moradia e trabalho ao mesmo tempo. A palavra “lavoura”, 5 vezes citada, também foi destacada, evidenciando o tipo de agricultura atual, que remete tanto a grande quanto à pequena propriedade. Demais termos, como: “estabelecimento”, “unidades produtoras”, “imóvel rural”, “posse rural” e “área rural”, que hoje são pautados, especialmente pelo setor ambientalista, também ocorreram. Vemos também que a expressão “propriedade rural”, hoje a mais usada no jornalismo para se referir à área agrícola, que sequer era mencionada na década de 60 e era pouco presente em 70 e 80, teve somente em 2010, ganhado aceitação de fato. A seguir apresentamos a análise do termo-chave agricultura.

**Anos 60-61-62:**

Termo-chave	Ocorrências
Plantar	13
Criar	5
Cultivar	4
Agricultura	1

**Anos 80-81-82:**

Termo-chave	Ocorrências
Cultivar	11
Semear	3
Produzir	2
Criar	2
Plantar	2

**Anos 70-71-72:**

Termo-chave	Ocorrências
Criação	6

**Anos 2010-2011-2012:**

Termo-chave	Ocorrências
Produzir	24
Plantar	11
Cultivar	8
Semear	3
Pecuária	2
Agricultura	3
Atividade agropecuária	1
Sector agropecuário	1
Agricultura familiar	1
Atividade primária	1
Sistema de produção	1

**Quadro 4 – Termo-chave: Agricultura**

Entre os anos 60-61-62 o termo mais usado foi “plantio”, 13 ocorrências, que se refere à cultura agrícola, aparecendo a palavra “criar” em segundo lugar com 5 citações. A operação Tatu, tratada pela EMBRAPA, que aconteceu na década de 60, pode ter motivado o “plantio”, palavra de maior destaque no período. Também, Ribas e Masuquetti (2008), afirmam que a pecuária extensiva no RS fora importante nesta época, porém, menos citada.

Já no final da década de 70, quando o binômio soja e trigo já começam a perder força (KOLLING, 2006), os números mudam. Apenas a palavra “criação” (6 vezes) foi citada. Considerando que duas das três reportagens/notícias jornalísticas representativas desta década foram relativas a animais, já era esperado que esta forma de trabalho ficasse evidente. No entanto, a terceira delas não se relacionava à criação de animais, de modo que poderia ter havido variação nas designações para a atividade rural. Nesta década, com a citação do termo “criação”, é visível a representação de uma parte da agricultura no Sul do Brasil, a de grandes proprietários pecuaristas, que por muito tempo fora vista como principal atividade econômica produtiva do estado. Isso coaduna com as tabelas 1 e 2, onde agricultor e propriedade rural, na década de 70, também remetiam à pecuária, em especial à criação de cavalos e gado de corte.

Nos anos 80-81-82, conforme enfatiza Moreira (2003), o uso sustentável e as novas maneiras de ocupar os recursos que o campo oferece fazem com que a forma de tratamento do modo de trabalho mude. O destaque foi ao termo “cultivar”, 11 vezes mencionado, considerando que também se inicia o desenvolvimento sustentável, cunhado por Almeida (1995), o pensamento em relação à forma de produção não é mais, simplesmente, o de plantar e esperar o resultado, mas sim, o da consciência de que se deve cultivar/cuidar do que se pretende produzir visando a um resultado já pré-estabelecido.

Já nos anos 2010-2011-2012, além da variação nos termos citados, também houve mudança na quantidade de citações para cada termo. A palavra “produzir” (24 vezes), obteve maior citação, seguida de “plantar” (11 vezes), e, posteriormente, de “cultivar” (8 vezes). O termo “produzir” engloba a área agrícola, da pecuária, do artesanato, ou seja, as inúmeras opções que o campo oferece hoje aos seus trabalhadores, sendo uma palavra utilizada para significar vários setores produtivos. Por outro lado, “cultivar” e “plantar” remetem a um recorte da agricultura, que é bastante desenvolvido atualmente, o da produção de plantas.

Percebemos, de uma maneira geral, que nas primeiras décadas analisadas o enquadramento dado no *Caderno Rural* é de uma agricultura elitizada e que a pecuária se apresentou mais do que a agricultura, considerando a relação entre as citações dos principais termos-chave na década de 60 – “proprietário”, “haras” e “plantar” – e os da década de 70 – “criador”, “haras” e “criação”. Diferentemente das décadas seguintes, quando o tratamento começa a ser mais amplo, na década de 80, por exemplo, é “produtor”, “cabanha” e

“cultivar”, se expandindo mais em 2010, quando os termos são: “produtor”, “propriedade” e “produzir”. Com vistas a estas verificações, a seguir apresentamos algumas considerações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a representação é uma forma de enquadramento que o veículo de comunicação dá a cada fato/evento/fenômeno que acontece ou tem previsão de acontecer; mas, também, pode ser algo inexistente no mundo exterior, que com a divulgação pode vir a se tornar um fato real. Ou seja, existe uma representação real e uma representação construída, e ainda, dentre estas, pode existir a representação parcial, que exhibe apenas uma parte do todo.

Durante a análise, apreendemos que a representação da agricultura dada pelo jornal impresso, na verdade, era a representação do seu próprio público, logo, ao longo das décadas, a representação foi cada vez mais ampliada. Ou seja, nas primeiras décadas 1960 e 1970, o que víamos era a representação de uma classe mais elitizada, os próprios consumidores do impresso, já que naquela época ler jornal não era um privilégio de tantos. Posteriormente, na década de 80 e anos 2010 a situação se inverte, o consumo do jornal passa a ser mais generalizado, com a expansão do *Correio do Povo*; assim, também a representação não é tão específica, várias classes do setor produtivo são evidenciadas. Ou seja, a representação inicialmente, não era da agricultura gaúcha, mas da própria região de circulação do impresso.

Nas décadas de 1960 e 1970 o *Caderno Rural* é mais reflexivo do que informativo, buscou mais o entretenimento para os leitores com enfoque agropecuário por meio de matérias leves; enquanto que nas décadas de 1980 e 2010 é mesclada informação com reflexão, visando atingir mais os agricultores no geral, do que os seus próprios leitores, aparentemente. Acreditamos que o *Caderno Rural* apresente este caráter mais reflexivo por sair no fim de semana e se tratar de uma produção diferenciada do jornal, enquanto que a *Editoria Rural*, que é diária, busca em maior quantidade a informação rápida.

A forma de tratamento apresentada pelo jornal impresso aos agricultores em nenhum momento foi discriminatória. Não houve nenhum registro de palavras com significados depreciativos, como: “colono” ou “caipira”. Primeiramente os mesmos eram tratados por termos como “proprietários” e “criadores”, evidenciando a agricultura das estâncias; após os termos “produtor” e “agricultor” passaram a ter mais destaque substituindo os primeiros.

Os movimentos sociais relacionados à agricultura não foram mencionados nas matérias principais, considerando que nosso período de análise compreende o início da discussão acerca do Movimento Sem-Terra e outros, que ocorreu nas décadas de 1980 e 1990 com mais intensidade (MAESTRI, 2010). Porém, como o estudo se baseou nas matérias

principais do caderno, temas que ficaram de fora desta análise não necessariamente foram desconsiderados pelo jornal, mas, se apareceram foram sempre secundários.

A constatação de que o RS não é só um estado de estancieiros é muito interessante no sentido de desmistificar alguns paradigmas postos a outras regiões do país; com a ampliação da representação da agricultura no *Caderno Rural* do *Correio do Povo* isto ficou evidente. Em síntese, também é importante analisarmos essa evolução histórica da relação entre o jornal impresso com o agricultor, pois a mudança de enfoque - considerando os anos iniciais para os finais analisados - reflete não só o aumento de público, mas o aumento do poder econômico dos produtores rurais que passaram a comprar jornal e ter evidência midiática.

## REFERÊNCIAS

AGRA, Nadine Gualberto; SANTOS, Robério Ferreira dos. Agricultura brasileira: situação atual e perspectivas de desenvolvimento. In: XXXIX CONGRESSO DA SOBER, 2001, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso da Sober. São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia, Administração de Sociologia Rural. 2001, p.1-9.

ALMEIDA, Jalcione. Da ideologia do progresso à idéia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: Conferência Internacional sobre Tecnologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, 1995, Porto Alegre. Anais da Conferência. 1995, p.33-55.

AMARO DA SILVEIRA, Cristiane. Significados sociais das biotecnologias: no campo de disputas em torno dos organismos geneticamente modificados (OGMs) no Rio Grande do Sul. 2004. 169f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Persona, 1977, 118p. Título original: L'analyses de contenu.

BECKER, Sabrina Gisele. **Estrutura informativa da televisão no meio rural o caso dos programas Campo e Lavoura e Globo Rural**. 2006. 113 p. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, 2006.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Título original: The construction of reality.

BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é Comunicação Rural**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

COLLING, Leandro. Agenda setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. Porto Alegre, **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. V. 1, n.17, p. 88-101, 2002. < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3154/2425>>. Acesso em: 08 mai 2012.

CORREIA, João Carlos. **Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre Jornalismo e representações sociais**. Covilhã: Labcom, 2009.

COTRIM, Marcelo Souza. Pecúria familiar na região da Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e a situação sócio-agroeconômica do pecuarista familiar no município de Canguçu, RS. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da. *Agora é Lula: Enquadramentos do Governo do PT Pelo Jornal Nacional*. 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

DABDAB WAQUIL, Paulo. *A cadeia produtiva do trigo no Brasil: contribuição para a geração de emprego e renda*. 1998. 160f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a política externa independente na Imprensa Gaúcha**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida Editora, 2010.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Brasil, 2012. <<http://www.embrapa.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

FONSECA JUNIOR, Wilson Côrrea da. **Análise de conteúdo**. In: Jorge Duarte e Antonio de Barros (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. P. 280 – 304.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa; PEPINO FRAGALLE, Edilson; DIAS DA SILVA, Heloiza; PENTEADO FILHO, Roberto de Camargo. **A comunicação na Embrapa: do difusionismo à comunicação global**. PRISMA.COM n.º 8 2009. ISSN: 1646 – 3153. <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/687/pdf>>. Acesso em: 07 de mai de 2012.

FRAGA, Gerson Wasen. *Branco e vermelhos: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. FEE. *Resumo estatístico*. Rio Grande do Sul, 2012. <[http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/resumo/resumo-rs-2011\\_site.pdf](http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/resumo/resumo-rs-2011_site.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2012.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and signifying practices**. 2 ed. California: SAGE Publications LTDA, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Título Original: *The question of cultural identity*.

HEIZEN Leonardo Ferreira. **A realidade de uma pequena empresa avicultura catarinense**. 2006. 44 p. Relatório (Estágio da conclusão de curso de Agronomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

KOLLING, Patrícia. **A recepção das informações jornalísticas ambientais do programa Globo Rural: os sentidos produzidos por agricultores familiares no município de Santa Rosa (RS)**. 2006. 299 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2010.

MAGNO, Lucas; MELO, Letícia Honório de; DOULA, Sheila Maria. *Globalização no campo: destruição sócio-ambiental e mudanças de valores culturais – uma análise da revista A Granja*. In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, I JORNADA ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, 2005, Presidente Prudente. Anais do Simpósio. Presidente Prudente: Associação dos Geógrafos brasileiros. 11 a 15 de novembro de 2005.

MEIRA, Patrícia. **Informações sobre o Caderno Rural do Correio do Povo**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rural@correiodopovo.com.br> em 25 out. 2011.

MIGUEL, Lovois de Andrade (org). **Dinâmica e diferenciação dos sistemas agrários**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MOREIRA, Roberto José (org.). **Identidades sociais: Ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. Indústria Cultural e o meio rural. Belo Horizonte. Revista Mediação, v. 14, n. 14, p.115-130, 2012. <<http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/969/pdf>>. Acesso em: 12 de set de 2012.

PAULUS, Gervásio. Do padrão moderno à agricultura alternativa: possibilidades de transição. 1999. 185 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

PINHEIRO MACHADO, Antonio José. **Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM Editores S/A. 1987.

RIBAS, Rodrigo Justo; MASSUQUETTI, Angélica. O GADO DE CORTE NO RIO GRANDE DO SUL: PRINCIPAIS SISTEMAS DE PRODUÇÃO. In: XLVI Congresso da SOBER, 2008, Acre. Anais do XLVI Congresso da SOBER. Acre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. sp.

ROHENKOHL, Júlio Eduardo. Os sistemas de terminação de suínos: uma análise econômica e ambiental a partir da teoria dos conjuntos *Fuzzy*. 2003. 183f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia de crítica de mídia. In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2007, Sergipe. Anais do 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Sergipe: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2007, 15 a 17 de novembro de 2007. sp.

SCHNEIDER, Sergio; FIALHO, Marco Antônio Verardi. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário (Org.). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. 1ª. ed. Bauru, 2000, p. 14-50. <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/377.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

SCHNEIDER, Sergio; MATTEI, Lauro; CAZELLA, Ademir Antonio. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: SCHNEIDER, Sergio; SILVA, Marcelo Kunrath; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi (Org). **Políticas Públicas e Participação Social no Brasil Rural**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004, p.21-50.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p.99-121, fevereiro de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

SULZBACHER, Aline Weber. Agroindústria familiar rural: caminhos para estimar impactos sociais. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2009, São Paulo. Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2009, p. 1-25.

## LIÇÃO A MUITA GENTE GRANDE: PLANTANDO DÁ

O hobby de Paulinho chama-se abóboras — Papai Germano é da CEEE, mas faz dobrêe como pedreiro improvisado — Futebol, o outro amor do loirinho da Vila Prass — Vai à missa aos domingos enquanto o papai trabalha em casa — Cuida de sua horta com um carinho impressionante e com um entusiasmo febril — Uma lição a muita gente grande e um ditado que Paulinho comprova: plantando dá

S. LEOPOLDO (Da Sacural)  
— É a tal coisa. Vida de repórter tem desses anos. A gente ruma a um certo lugar para fazer uma cobertura que envolve trabalhadores, patrões, máquinas, obras, e por um acaso depara com um pimpolho de cinco anos de idade, que dá assunto também e uma lição a muita gente grande.  
E Paulinho foi o acaso. Sobrenome é Simões Schiell. Um loirinho que não é travesso e tem como matão duas coisas bem distintas: plantar abóboras e jogar futebol.  
E conversamos muito, demais até. E foram assuntos interessantes, não foram banais. Paulinho contou que tem nove irmozinhos, uns grandes e outros pequenos como ele. Um é tão grande que já é papai.

**"TIO PAULINHO VAI GANHAR BOLA"**  
— É bom ser tio, Paulinho? — Não sei, né. A mamãe diz que é.  
— E o futebol, é bom? Paulinho respondeu logo que era, que já tinha time na redondeza, que gostava de jogar e falou mais:

— Sabe moço, a mamãe vai me dar uma bola assim.  
— E mostrou com as mãos o tamanho que vai ser a pelota.

**"ESPECIALIDADE EM ABOBORAS"**  
Mas o hobby de Paulinho é outra coisa. Abóboras. Sim, abóbora é planta muito e com muito entusiasmo. Tem queda para o negócio, já que colheu a semana passada uma enorme abóbora, fazendo da vizinhança vibrar.

O garoto mostrou a horta para nós. É enorme, grande e está infestada de abóboras, todas plantadas por ele. E conta com entusiasmo como aliás, como cuida de suas abóboras, seu hobby preferido.

**"SEU" GERMANO, O PAPAÍ TRABALHADOR**  
— E o papai, Paulinho? — Tá trabalhando, ele trabalha na Usina.

Usina é CEEE, CEEE é raciocínio e a pergunta veio logo:

— Gosta da escuridão?  
— Não mesmo, tenho medo do escuro.

Mas o menino tem mais para contar e mostrar para o repórter.

— Olha aqui, seu moço, esta nossa casa foi o papai que fez. O? é de tijolo, viu? Eu lá à missa aos domingos no Fílio e o papai ficava trabalhando na casa.

**UMA LIÇÃO A MUITA GENTE GRANDE**

Já que Paulinho deu assunto, é porque dá também, com seus cinco anos de idade, lição a muita gente grande. O menino loirinho da Vila Prass comprova o adágio — Plantando dá — e fornece reportagem interessante, leve, inocente. Seu papai, o "Seu" Germano também mostra, apêgo no que realiza: depois do expediente da CEEE, trabalha em casa, como todo bom chefe de família.

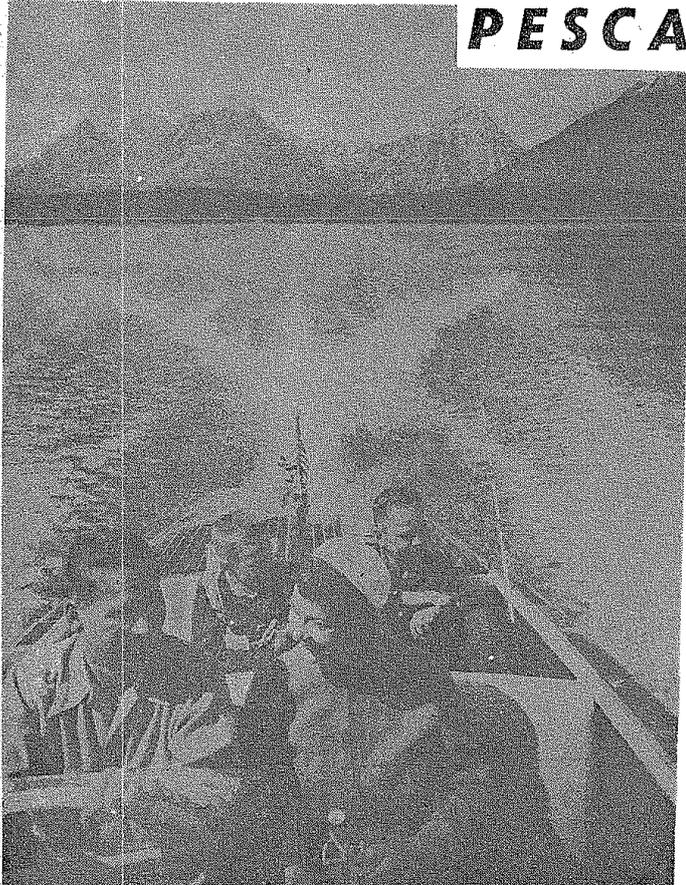
Bem, adeus Paulinho e que as abóboras continuem, que o futebol seja só na prática, o futebol de sua rua, de sua Vila Prass.



**Paulinho e a abóbora** — E a tal coisa: pelas mãos das crianças os adultos recebem sua lição. Paulo Simão parece que ouviu as parábolas de Cristo, e fez em sua horta a multiplicação das abóboras. Desde os dois anos de idade que o garotinho tem especial inclinação pelas plantinhas, e começou como todos os guris curiosos: plantando grãozinho de milho ou de feijão em latínhas.

## PESCA E TURISMO

Adriano Closs



**O turismo e a pesca têm muitos fãs** na América do Norte. A gente do Tio Sam gosta muito de passar os seus fins-de-semana tirando de lancha e pescando nos maravilhosos lagos de sua terra. A foto acima, vê-se um casal yankee com seus dois filhos, numa bela lancha, aproveitando o seu "week-end", entre o turismo e a pesca

Enquanto vegetamos aqui num sistema totalmente falho de propaganda turística, regime de notáveis entradas de dólares que o Brasil despreza, o Uruguai tem tirado todas as vantagens e proveito, oferecendo seus pesqueiros de beira-mar e as excelentes possibilidades de pesca em água doce, punhando cada vez mais aficionados do reconfortante esporte da pesca.

Trouxe época em que o Fomento do Turismo se limitava às praias. Hoje difundem os pesqueiros do Rio Negro do Tacuarembó e as covas no Rio Uruguay, cujas possibilidades conhecemos da entrada do Ibicuí e da Fazenda de Baptista Luzardo. Inevitavelmente o Rio Negro constitui a maior atração, porque é raro não fazer pescaria de dorados, plavos e surubis em todo seu percurso. Por sua vez, Tacuarembó oferece uma atração insuperável na pesca com trampa de traíras que alcançam mais de 7 quilos. Por incrível que pareça, essa saborosa espécie luta como um doirado. Aqui fazemos festa toda vez quando se consegue um bichinho de 3 quilos, "avis-para" que só se consegue no Monjolo, na Mirim e na Mangueira e... olhe lá... Os pesqueiros do Rio Uruguay, no longo percurso da Barra do Quaraí até Ciudad de Colonia, são todos excelentes e quando se toca em ponto desconhecido, basta uma "charlana": segue-se 400 ou 500 metros Uruguay a dentro e a pescaria é certa. Fray Bentos e Carmelo oferecem maiores possibilidades na época das matanças, quando os frigoríficos largam em suas águas resíduos de gado e ovelhas. Nessa ocasião a plava é um brinquedo de guriada para abastecer os hotéis com pescado barato. Em 1963 compramos uma plava de 3 quilos por 1 peso, ou seja por Cr\$ 20,00; depois surgiu o problema: o que fazer com tanto peixe! E, quando conseguimos um rescatante que se prontificou a "planchar" a voga (assado de plava na chapa do fogão) fomos felicitados que o guri nos explorara vergonhosamente, porque se comprava 3 plavas grandes por 1 peso. Já percorremos o pequeno país "Hermano y amigo" em todas as direções e sempre fomos felizes na pesca, quer onde tenhamos tentado. Também nunca tivemos dificuldade em obter embarcações e os pontos de pesca indicados foram certos. No Jacuí nos indicam um baixio ou ponto explorado a ponto de haver 60 pescadores para 10 pinhados extraviados. Egoísmo bastante difundido entre capadores de marre-

ções que nos mandam a Mostardas quando a hacharada inunda a fazenda, Caro Mendes em Camaquã.

O litoral marítimo do Uruguai não poderia ser comparado com o do Rio Grande do Sul, muito mais abundante e mais piscoso. A propaganda, as facilidades de locomoção e o conforto que o Uruguai oferece são incomparáveis. "La Coronilla", ponteadá marítima excelente para pesca de miraguáns e corvinas-ouro, possui boas estradas até as rochas e seus pesqueiros. Houve construção de uma barragem de cimento no ano de 1949, hoje abandonada, porque as areias eliminaram a estrada e o mar está desmanchando a obra só homem elevando feiras e transformando pedaço de cimentadas em brinquedo. Mas há bons hotéis em torno cujo conforto compensa o pouco peixe. Os pontos mais interessantes são: Barra de Castilhos, onde está hoje o melhor restaurante de burriquetes e miraguáns em cardumes nunca vistos. Barra de Maldonado, com uma estrada nova de San Carlos, para evitar a volta por Punta del Este, também é ótimo pesqueiro para garoupas, corvinas, burriquetes e sagos. A Barra de La Paloma, a 20 quilômetros da cidade de Rocha, além de ser um veraneio recomendável em seus confortáveis hotéis e suas matas para barracas, oferece uma pesca abundante em peixe-rei e sobre a barra se consegue quase sempre a brotoia, um dos melhores peixes de porte médio do Atlântico Sul empedrado. La Paloma possui um barco-pesqueiro, que parte diariamente barra afóra, buscando pesqueiros para os aficionados, que pagam cerca de 120/150 cruzeiros de participação. São excursões proveitosas, quando há pouca busca. O barco lança âncora a 10 quilômetros da barra, e quando não belisca, segue adiante até encontrar um divertimento para todos. Em 1959 encontramos uma família da Colonia Suiza e Nueva Helvetia da qual os 2 "mucha-chos" seguíam o pai a todas as pescarias, cada qual com seus canicos sobre o ombro, ao passo que a dona de casa passava o dia pela praia e costurava as calças Fur-West. Perguntamos não se achava muito abandonada com a ausência do marido e dos rapazes. "Si y no — contestou a conformada senhora — menos mal que yo tengo mi marido y los niños el año todo; pero no en nuestras vacaciones".

# O RUANO BRANDING DESTACA-SE COMO GARANHÃO

O único cavalo que conseguiu vencer Yatasto, em solo argentino, brilha como reprodutor no mesmo haras onde nasceu: "El Pelado" - Sideral, também argentino e filho de Sedutor (Full Sail) e Starling II (Noble Star) é o outro garanhão em destaque no élevage portenho - Mamboretá, irmão inteiro de Mangangá e, conseqüentemente, filho de Gulf Stream e Margarita, foi o "crack do ano"

As estatísticas referentes aos animais em primeira campanha, isto é, aos potros, no "turf argentino" publicadas pela revista El Caballo, indicam-nos a Branding, como o garanhão de grande destaque no ano de 1959.

O turf argentino, passou, sem dúvida alguma, por um período de obscuridade no transcorrer do ano de 1959, pois o seu Grande prêmio Internacional foi vendido por dois cavalos brasileiros, além dos animais portenhes terem sido batidos nas outras duas grandes provas internacionais do nosso hemisfério: G. P. Brasil e G. P. Ramirez.

Ademais em julho de 1959 foi vendido para os Estados Unidos o crack mais recente, Manabotá, que foi batido por "uma montanha de dólares". Depois da perda de Yatasto, Nigromante e Penny Post, todos três reprodutores "provados" e generosos, a grande esperança era Manabotá que, finalmente, também, vendido para a América do Norte.

O crack indiscutível do ano foi Mamboretá, o filho do notável Gulf Stream e de Margarita, irmão inteiro, portanto de Mangangá, outro "crack" notável e que se perfilou como um dos maiores garanhões em potencial, na criação argentina.

Por ironia da sorte, também Mamboretá saiu da Argentina, se é que ainda não veio, pois pertence a grande Fazenda Norte-Americana, do Texas. Texas, King Ranch que possui grandes haras e "training". O King Ranch notabilizou-se internacionalmente pela criação de uma nova raça de cavalos, particularmente resistente ao calor: a Santa Gertrudes, produto do cruzamento de Shorthorn com Zebu.

As estatísticas são inequívocas em mostrar o grande sucesso que está alcançando Branding como reprodutor. Servindo no mesmo haras onde nasceu, no "El Pelado", Branding está se destacando como um excelente pai de ganhadores correspondendo assim as fundadas esperanças de Jorge Atucha, seu criador e atual proprietário.

Branding nasceu em 1949 filho de Burudun e Vengadora por Ipe, sendo posteriormente o crack absoluto de sua geração e tendo a glória de ser o único cavalo que conseguiu vencer Yatasto, na Argentina no G. P. Carlos Pellegrini de 1950. Portador de estampa muito agradável, o filho de Burudun chamava-se a atenção, ainda mais, pela rara pelagem que possuía: era alazão bem claro, com as crinas e a cauda, totalmente brancas. O "ruano" tinha uma torcida

imensa e foi o único grande cavalo dos últimos anos que não pertencia a uma coudelaria tradicional ou a algum proprietário muito rico possuidor de muitos animais em "training".

Branding ao que consta era de propriedade de um "sindico" de três cidadãos, sendo que a quase totalidade do interesse pertencia ao dono de um café ou restaurante, onde se, habitualmente, reúne uma grande "roda" turística. Por certo esta condição toda peculiar deve ter contribuído decisivamente para aumentar a sua notoriedade "torcida".

Tendo atuado somente aos dois e três anos, foi, como já dissemos crack absoluto de sua geração e ganhador dos grandes clássicos Nacional em pista "fangosa" no tempo de 2:34" para os 2.500 metros; Carlos Pellegrini, vencendo a Yatasto em 2.000 metros.

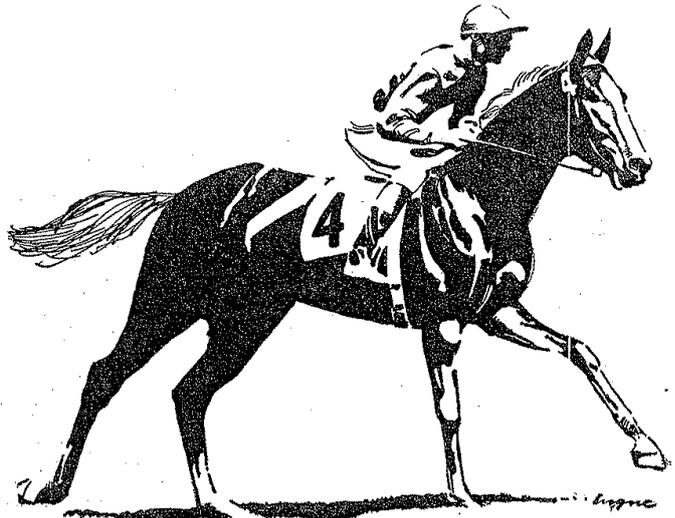
Possuidor de "pedigrée" fraco pois Burudun é apenas um direito filho de Eudrudin e sua mãe sendo filha de Ipe, pode ser considerada como pertencente a uma linhagem, já superada na Argentina. Branding, como reprodutor vem demonstrar mais uma vez que acertados estão os argentinos, na sua orientação de sempre experimental na reprodução os seus grandes cavalos.

Na Europa, por certo, Branding não seria levado a reprodução pelo menos em um grande haras e a tentativa de sua utilização seria realizada por algum haras modesto, que não pudesse pagar uma grande soma por um nome coudelariado (teóricamente) e famoso.

O crack do ano foi sem dúvida alguma, Mamboretá, irmão inteiro de Mangangá e vencedor das três provas de que participou, levantando a soma de um milhão e oitocentos mil pesos. Foi um dos cinco produtos filhos de Gulf Stream nascidos em 1956 que venceram nos três grandes hipódromos argentinos (Palermo, San Isidro e La Plata). O notável filho de Hyperion que já deu entre outros a Mangangá, Pipote, Manabotá, e muitos outros, ao que parece teve, este ano, um pouco diminuído o nível de sua descendência.

Sideral foi o primeiro grande animal produzido por Sedutor e posteriormente, levado, também, para o Haras onde nasceu, demonstrando ser o melhor produtor de excelentes ganhadores.

Atualmente, Sideral divide com Branding as preferências e as atenções dos compradores de potros, pois os seus descendentes são os que mais pre-



O Ruano Branding (cauda e crinas brancas) filho de Burudun e Vengadora, vem ocupando lugar de grande destaque nas estatísticas de reprodutores na Argentina. E' mais um caso de um cavalo sem grandes antecedentes genéticos, porém com excepcional performance de pistas, que "aprova" na reprodução

ocentemente tem se destacado como bons "runners".

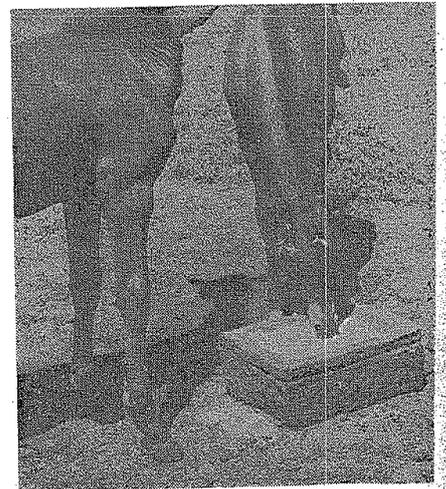
O turf argentino é sem dúvida alguma caixa de surpresas pois não se pode compreender como Scratch e My Love, que vieram para a América do Sul já como reprodutores provados, possam estar em posição tão obscura nas estatísticas. Uma dedução que é apenas intuitiva, e que é antes uma suposição do que uma afirmativa, nos levaria a dizer que o grande número de potros para as poucas carreiras que se disputam nos grandes hipódromos argentinos obrigam os entusiastas a imprimirem a seus pupilos um ritmo de trabalho demasiado árduo, e que por isso aqueles animais que não têm condições físicas, para resistirem a esse "training" sucumbem a ele e não têm oportunidade de revelar as eventuais qualidades de que são portadores.

Assim os cavalos vigorosos, filhos de garanhões já nascidos no país e, conseqüentemente, melhor adaptados às condições climáticas locais, levam vantagem em resistência a este rigoroso sistema de treinamento.

Ademais este fato serve para

provar a incontestável vitalidade do élevage argentino, que apesar das "defalciâncias" de 1959, deve ser respeitado como um dos grandes produtores de cavalos de todo o mundo, e,

que em breve ou mesmo, em seguida, a Argentina voltará a fulgir no cenário turístico sul-americano com cavalos à altura de suas notáveis tradições hípi-



## Os sais minerais na criação do puro sangue

E' indiscutível o valor dos sais minerais no desenvolvimento dos animais domésticos, principalmente o do cálcio e também o do fósforo na formação do esqueleto ósseo. Num estabelecimento-criatório, um dos pontos básicos é a obtenção de animais de constituição forte e robusta e em virtude da escassez dos elementos minerais, é obrigatória sua suplementação na alimentação. Esta necessidade toma maior vulto na criação do cavalo de corrida, pois nenhum animal como o puro sangue necessita tanto de uma constituição forte para que possa exercer as funções a que é destinado, que no caso do cavalo e a de correr em pistas, precisando uma ossatura forte para resistir o rigorismo de uma campanha. O uso dos sais minerais nos nossos Haras já está quase que generalizado, e os produtos agora obtidos são notavelmente superiores aos de anos atrás. Os nossos estabelecimentos de criação com o uso dos sais só poderão "ratificar" e aumentar o conceito que têm os nossos cavalos fora do Rio Grande do Sul, principalmente de serem animais de grande

## ESTATÍSTICAS ARGENTINAS DE 1959

### REPRODUTORES

Com mais filhos na pista	
Branding	19
Sideral	18
Snob	17
Le Petit Prince	16
Romancito	13
Mixnotón	13
Penny Post	13
Magnific	12
My Love	12
Scratch	12
Com maior número de vitórias	
Branding	25
Sideral	29
Farewell	14
Gulf Stream	14
Masked Light	14

### Com mais filhos ganhadores

Branding	13
Make Tracks	9
Cruz Montiel	8
Le Petit Prince	7
Mixnotón	7
The Yuvoraj	7
Farewell	6
Snob	6

### Com mais alta soma ganha

Gulf Stream	\$ 2.870.143
Branding	\$ 3.181.480
Sideral	\$ 3.672.263
Los Curros	\$ 2.282.979
Farewell	\$ 1.956.559
Cruz Montiel	\$ 1.570.570
Masked Light	\$ 1.540.570
The Yuvoraj	\$ 1.385.150
Snob	\$ 1.380.804
Don Mac	\$ 1.185.286

Na foto, apare-

21/04/1961

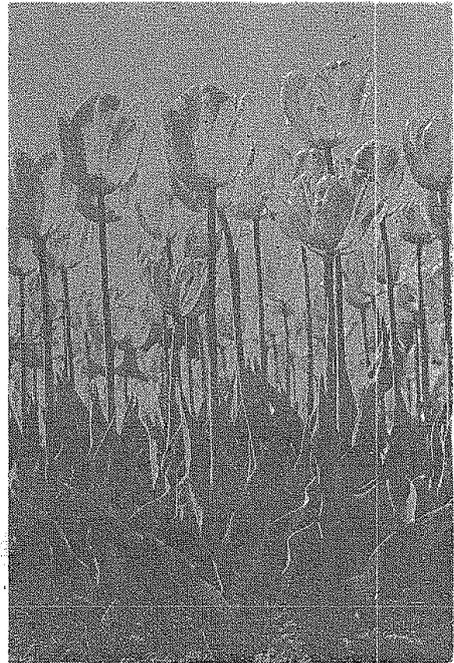


O JOVEM ENIO, filho de Enio Berwanger, da Rádio Guaíba, procura o perfume de uma das belas tulipas

# DOS JARDINS DA H UM BAILE EM PÔRTO

O embaixador da Holanda esteve em Pôrto Alegre. E assistiu ao baile do Juvenil onde encontrou 3.000 tulipas holandesas. Tinham chegado naquele dia, vindas da própria Holanda onde a fora buscar o avião da KLM por feliz iniciativa do Consulado de Pôrto Alegre

E as tradicionais flores que celebrizaram os

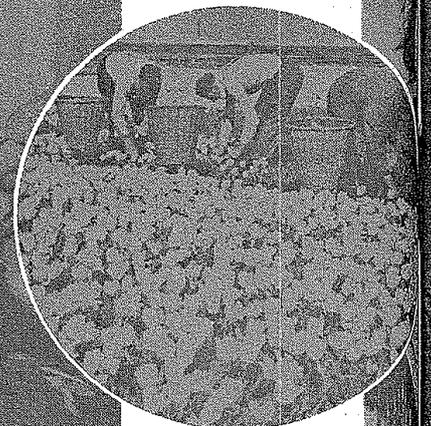


jardins de baile, se para São As Rio Gua vs-la m tonlatu sa bu taliva. ter ma ravilha para t A tulipas troux ra aqu Consu ram ou de orig que us diga- car o s Medit Tivos ceas, l cissos l lpa pa mais o suiso 1581 e cul tural ca cognom Ma tornou classe de jardim bo. São toni san- os mês de mem ficas e sumen sitans Te plant so é m dades.



### VISTAS de perto

as plantas mostram as folhas fortes e em ponta de lança, erguendo-se ao meio a haste única em cujo topo desabrocha a flor deslumbrante que se tornou um símbolo da agricultura holandesa



### A COLHEITA --

Na planície estendem-se os canieiros. Os grandes balaios são usados pelos "colheadores" que devem colher com cuidado máximo para que as flores cheguem ao destino, longe às vezes, sem uma pétala pisada ou manchada

ERAM 3.000 AS TULIPAS QUE CHEGARAM DA HOLANDA -- E vieram em diversas cores: rosa, vermelho sanguíneo, violeta, vermelho com pontas brancas, laranja e amarela

ANEXO D - Continuação da notícia do dia 24/04/1961

24/04/1961

# ONDA PARA ONLEGRE

Os baixos deram nota festiva ao  
rendidas em benefício do Am-

encontraram clima propício no  
zanda se venha um dia a culti-  
do inverno. Até agora porém as  
sistiram. Há sempre quem tra-  
sente. Mas não se repete a ten-  
sistem que vão ao Prata lá dizer  
tulipa, em jardins públicos ma-  
mas variados cálices de forma

de fascinação o cultivo das  
que um embaixador Busbeck  
as primeiras tulipas. Encontra-  
a Europa desconhecia, em  
deservia como diplomata. E vie-  
tulipas, palavra se tem como  
significando turbante, o "chapéu"  
região usavam. E de passagem  
de Figueiredo insistia em colo-

Ásia. E também da bacia do  
mais de 100 espécies, dizem os  
ara. Planta da família das Lilia-  
parentes" os lírios, jacintos, nar-  
Trazem o nome botânico de Tu-  
gesneriana é uma das espécies  
o nome prende-se ao naturalista  
Gesner, que viveu de 1516 a  
deu à horticultura e história na-  
decação e brilho que mereceu o  
alemão".

roduzida na Europa que a tulipa se  
Uma febre que empolgou a  
bussem a cultivá-la nos pequenos  
os jamais visto por um bul-  
inverno são plantadas no ou-  
metros de profundidade. Pas-  
solo e brotam na primavera, no  
peu. Dizem que as tulipas te-  
que o frio. E erguem-se magni-  
no topo da haste firme. As-  
firmas e cores, estasiando os vi-

roduzem de sementes mas a  
anos para sementar. Este proces-  
para a criação de novas varie-



**ORNAMENTANDO O CLUBE** -- Nas caixas compridas, algumas dúzias de tulipas prenderam a atenção de todos pelo colorido e pela forma característica de suas seis pétalas arranjadas em belíssima taça

## PREÇOS E ZELO PELAS TULIPAS NA HOLANDA

Hoje a 300 anos do grande  
entusiasmo que houve pelas  
tulipas, é difícil compreender  
a mania que animou e empol-  
gou os cultivadores holandeses  
em busca de novas e raras va-  
riedades. Pagaram bons pre-  
ços. Registra a história que  
um bulbo foi comprado por  
cinco hectares de valioso ter-  
reno sito no centro da cidade.

Por outro bulbo não menos  
raro o proprietário conseguiu  
trada menos que uma carrua-  
gem aparelhada, com seus ca-  
valos e arreios completos.

A tulipa não tem perfume.  
E' com pesar que os cultivado-  
res confessam essa deficiência.  
Falta que é compensada pela  
simetria encantadora das for-  
mas com as pétalas curvando-  
se em lira e por um desenho  
que encanta e tem sido apro-  
veitada como motivo sem igual  
para ornamento. Escreve-se  
que o maravilhoso palácio de  
marmore que na Índia foi  
construído em memória da  
rainha Taj-Mahal está orna-  
do com tulipas.

Embora muito procuradas e  
festeadas nos tempos atuais,  
as tulipas têm em partes de  
Ásia uma significação que sur-  
preende: são o símbolo de a-  
mor infeliz... Alguns lenda  
talvez. Os tempos modernos,  
porém, encontram na grande  
flor uma das mais belas e se-  
dutoras flores que a horti-  
cultura oferece para o ornato  
do lar, para o ramo que a noi-  
va abraça ao entrar na igreja  
e para as grandes festividades  
quer nos salões quer nas pra-  
ças e passeios públicos.

### AS TULIPAS

também se cultivam fora da  
Holanda... Na foto, temos a  
"Rainha das Camponesas da  
França" recém colta para 1961  
apresentando-se com um ramo  
de flores, onde figuram belas  
tulipas francesas (Keystone)



**EM PLENA FLORAÇÃO** -- Um campo com tulipas em flor. Plantadas em cantei-  
ros bem ordenados, as tulipas são uma fonte de ri-  
queza para a operosa Holanda, que faz milhões de florins em sua próspera e bem cuidada horticultura



21 abril 1962

# HECER AS NOSSAS ARVORES

...ci-  
...stria,  
...jun-  
...dear-  
...na  
...na ge-  
...des se-  
...sara-  
...a Ar-  
...renos.  
...aqui  
...na para  
...dos do  
...da  
...va de  
...rvores  
...rtilisa-  
...da.  
...a Pi-  
...pois  
...Arquê-  
...re Pa-  
...a lig-  
...é um  
...nhas"  
...pois  
...ca-  
...is, ten-  
...a com-  
...a cor  
...arelo e  
...de lon-  
...parco à  
...mas en-  
...dos de  
...achos  
...do mulo  
...a pinhas  
...em de  
...pé: no  
...na par-  
...a.  
...as Fo-  
...as am-  
...nham  
...nham  
...ais às  
...rvores  
...eio fo-  
...a longos  
...a grup-  
...o. E os  
...ar sen-  
...a podem  
...nem e  
...as ram-  
...de for-  
...em gra-  
...ntam-se  
...rvores,  
...o os be-

luartes verdes. Mastros alegó-  
ricos. E' com razão que se cha-  
mam os pinheiros de príncipes  
do reino vegetal. E os cipreses  
podem não ser príncipes  
mas são seus nobres parentes.  
Há ciprestes bonitos em Porto  
Alegre. Filhos de vários conti-  
nentes, os ciprestes são nativos  
da Europa, Ásia e América do  
Norte. O Brasil não os tem. Mas  
o clima do Rio Grande se presta  
bem e os tem como imigran-  
tes bem-vindos. Deram uma nota  
à beleza de nossas praças.  
Encontram-se também no in-  
terior. E em muitas praças de  
nossos municípios eles existem  
sem que ninguém lhes saiba o  
nome, e a espécie. Mereciam  
ser conhecidos. As árvores tem  
nomes. E eles deviam ser en-  
sinados nos colégios. Não de-  
dadas de claro, mas ao menos  
das árvores que existem na  
praça vizinha ao colégio. Nossa  
ignorância é muito grande em  
matéria de árvores... Por que?

### O GUAPURUVU, ARVORE BRASILEIRA

O Guapuruvu cobre-se de a-  
marelado nos meses de novembro.  
E é um espetáculo semelhan-  
te à beleza florida dos ipês, ou  
das paineiras ou dos jacarandás.  
E' do norte e centro do  
país. Tem o frio mas está sen-  
do cultivada aqui como ornamento  
obrigatório nos jardins  
e praças. Há quem o chame de  
"Faveiro" ou de "Fava Divina".  
Sua semente também é muito  
bonita. Tem a forma elíptica  
com uns 3 centímetros de tam-  
anho. Chata e de cor casta-  
nha, serve bem como uma fi-  
cha para marcar jogo. Dura  
muito.

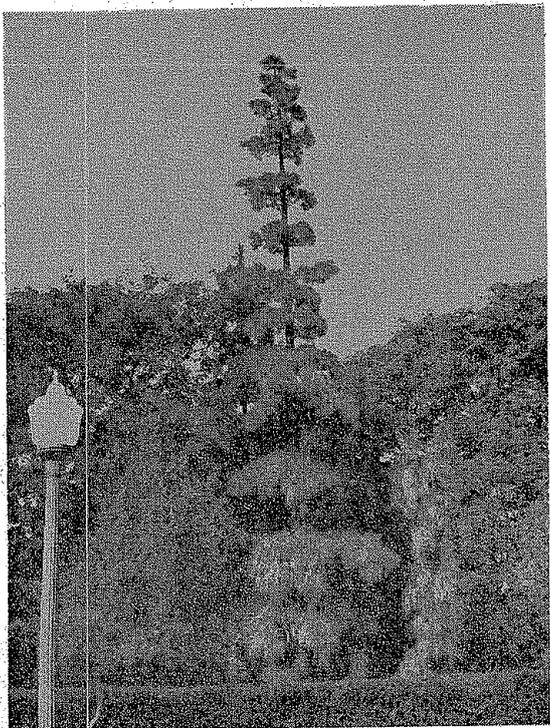
Diz o botânico Hoehne que  
muita gente no sertão do Bra-  
sil acredita nessas belas semen-  
tes como sendo eficazes contra  
a demora na dentição. E as pen-  
duram no pescoço das crian-  
ças como se fossem um "ben-  
tinho". Serve para ajudar a  
dentição dos pequenos.

E' uma das belas árvores  
que o Rio Grande deve ao cen-  
tro do país. Em boa hora a-  
trouxe para cá. Quem te-  
ria sido o primeiro a trazer o  
Guapuruvu? Haverá quem possa  
responder a essa pergunta?

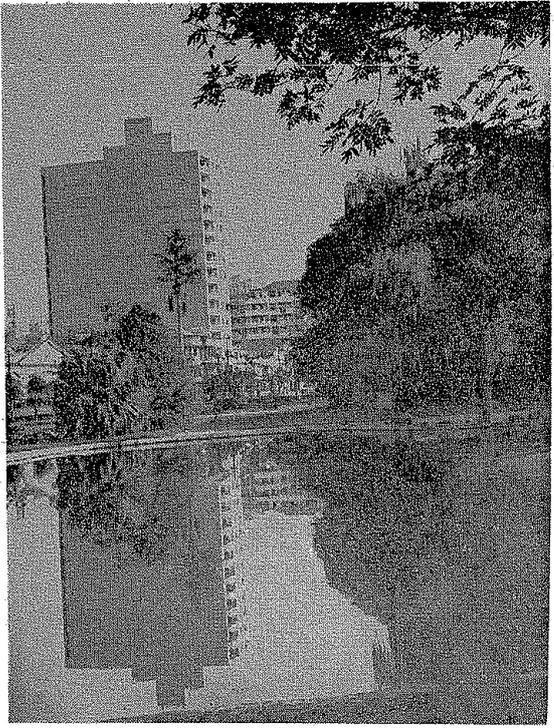


**Raízes estranhas** -- Uma das raízes veio do alto, entrou terra a dentro e transformou em inclinado tronco roliço a parte aérea que se vê bem claro na foto. Também há raízes chatas ditas tabulares. Tudo isso se pode ver no Parque Farrouplha. E' o tronco, nos informa o eng.º agr.º R. Ul Krug, de uma Ficus benjamina, árvore da família das URUCACEA. E' nativa da Índia, onde chega a 35 metros de altura. O exemplar aqui fotografado tem 16 metros, e seu tronco tem 1,30 metros de circunferência.

OS  
...em cer-  
...pla ma-  
...os usos  
...nterna  
...se com-  
...industrial  
...tada. O  
...de salu-  
...sobre hi-  
...citas: cul-  
...de Ar-  
...s. Abri-  
...Argenti-  
...sso cul-  
...para  
...que nos  
...que se  
...slixas.  
...Musolini  
...do Rio  
...passado  
...Telrei-  
...da es-  
...tas de  
...sso pi-  
...pal das  
...amos a  
...sso não  
...na in-  
...as matas  
...sso, em  
...sso ma-  
...o que  
...o. Quan-  
...o velho  
...ardou a  
...gando a  
...madeira  
...sachão  
...s: quan-  
...s, e ain-  
...Grande, lo-  
...s basejam  
...na co-  
...s. E o  
...na há lei-  
...s. Ou  
...querem  
...s. Irão  
...sso 30%  
...sso 9%  
...n que te-  
...s. A á-  
...sso em  
...Turguia  
...s de 5-  
...s anos.



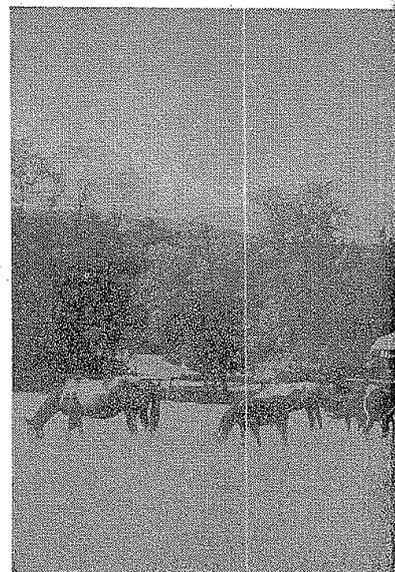
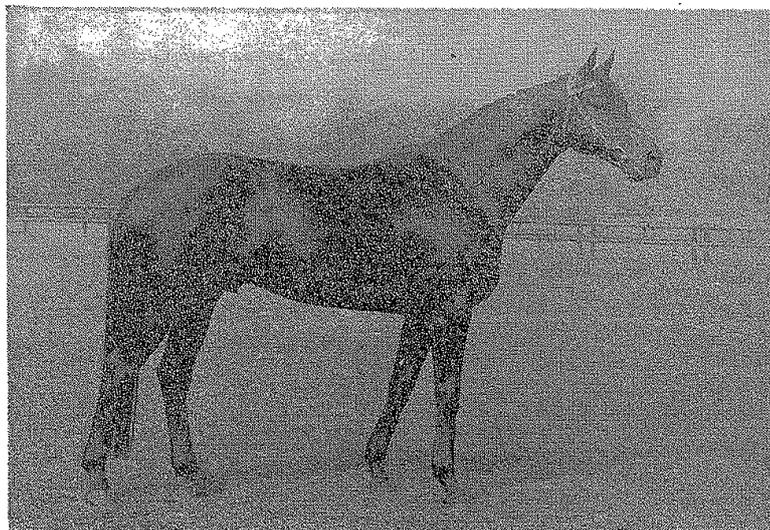
**Uma Aracúria dos Antípodas** -- Nativa da Austrália donde nos vieram eucaliptos, acácia mimosa, grevilha, e muitas outras. Foi plantada no Parque Paulo Gama (parte mais antiga do Parque Farrouplha) cerca de 1920. Há 36 anos pois, e está com 15 metros. Tronco com 70 cm de diâmetro. Nome botânico: Aracúria bidwilli. Chega a 40 metros em sua terra de origem.



**Espelho de água** -- No passado as casas de campo tinham um lago ao pé; era o espelho de água a refletir a fachada do solar. Assim era a Granja Monticello do grande Jefferson, nos Estados Unidos. A foto acima é no Parque Farrouplha. Não há quem lhe recuse uma aprovação merecida.

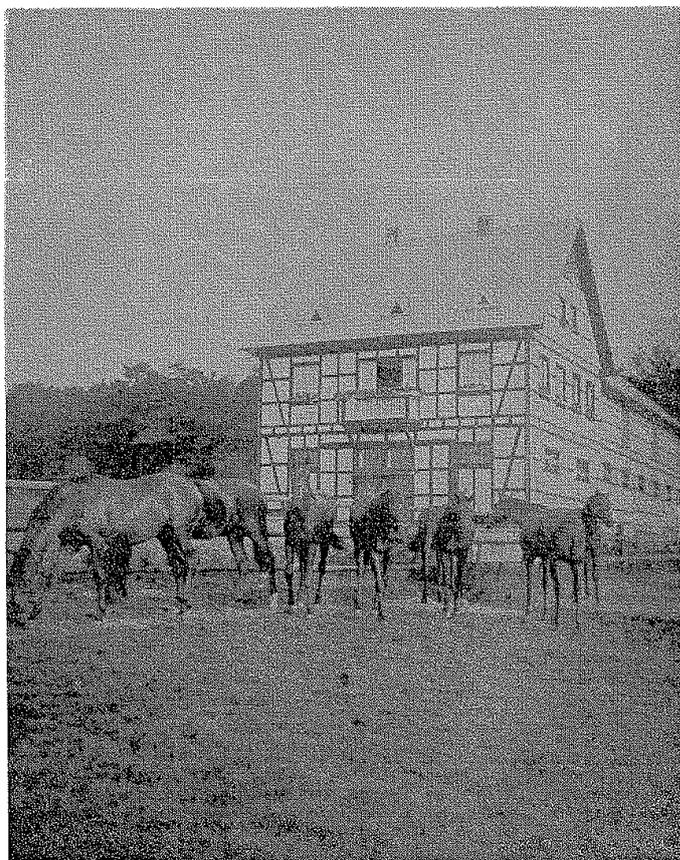
24 abril 1970

Chama-se *Waidwerk* esta pintura de cavalo, que pertence ao plantel de sementais do *Haras Erlenhof*. Nascido em 1962, provém de *Nektar* e *Windstille* (*Avanti*) e levantou, entre outras provas, o "Derby" alemão



Num dos muitos poteiros de <sup>Erlenhof</sup> sileiras — Dulciana, por Cobalt, Enseada, por Cobalt, Guanabara.

## NOVE VITORIOSOS NO " "



A produção do haras alemão da Condessa Batthyany alcança cerca de 15 exemplares cada temporada. Ai estão alguns deles, tendo ao fundo o pavilhão, onde se alojam. As construções destinadas aos animais contêm uma centena de "boxes".

Desde sua fundação o *Haras Erlenhof* já produziu nove laureados no "Derby" alemão. A série compõe-se de Graf Isolani, Athanasius, Nereide, Ticino, Nordlicht, Niederlander, Nektar, Orsini e Fanfar. Don Giovanni, que levantou a importante prova clássica na temporada passada, provém de Orsini. A maioria daqueles nomes figura no "pedigree" de grande parcela de produtos alemães de alto gabarito.

### DINASTIA DE TICINO

Um dos produtos egressos de "Erlenhof", o "crack" Ticino, fundou uma dinastia de sementais na Alemanha. Vencedor de 14 provas, incluindo o "Derby" germânico, tornou-se muito cedo um dos mais famosos reprodutores da Europa.

Ocupou por nove temporadas sucessivas à testa da estatística de ganhões na Alemanha.

Produziu, entre outros cavalos de categoria, a Nektar, líder estatística por cinco vezes, e pai de Nisos, (que pertenceu ao *Haras Guanabara*), *Waidwerk*, *Wilderer* — do *Haras Mondesir*, em São Paulo — *Zank* etc. Nektar é avô materno de Pia, vencedora do Oaks", da Condessa Batthyany. Niederlander, outro descendente de Ticino, encabeçou por duas temporadas turísticas a estatística de reprodutores na Alemanha Oriental.

### ORSINI

Orsini, nascido em 1954, reproduzido de "Erlenhof", filho de sua genitora, ganhou dois títulos de campeão de sua geração nos dois anos seguintes, durante cujo período levantou 14 provas importantes, incluindo o "Derby", "Zweites Rennen" germânico, "Burger Kriterien Rennen", "Nheim Rennen", "Rennen", "Preis von Gelsenkirchen", "Silberne Preis", "Grand Internationales Ostende", "Grand Exposition", "Stokholm" etc. etc. cou-se segundo no "Moulin du Champ" e quinto no "George VI and Elizabeth Stakes". Ganhões produziu: Illusion, Dom Giovanni, treue, Ipanema, Rosetta II, Clea II, Sleipnir etc., etc., vitoriosos importantes provas na Alemanha e França.

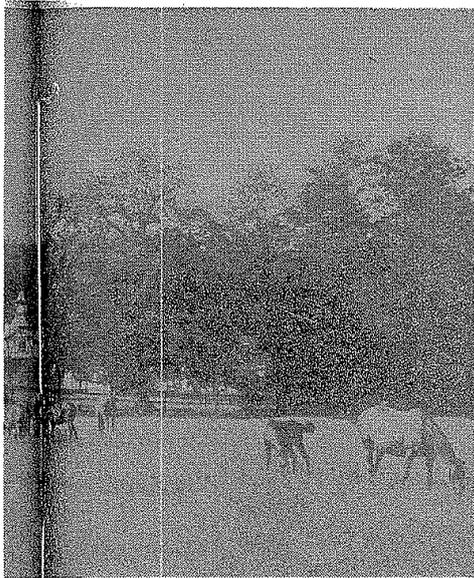
### NO RIO GRANDE DO SUL

A criação de cavalos de alto gabarito acha-se presente no Grande do Sul desde 1967. Foi quando o *Haras do Arco* tornou-se o "Boy em França" (Athanasius e Nektar) por Graf Isolani, por Ferro, cinco triunfos na Alemanha e França), com

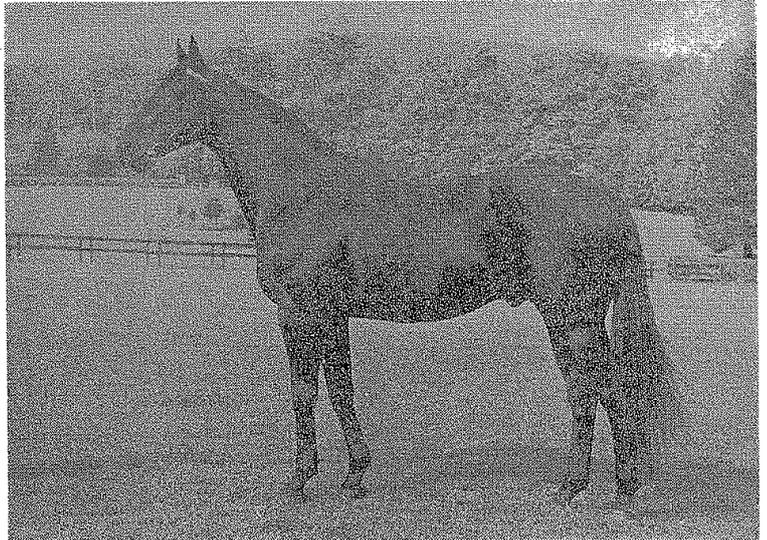
ANEXO H - Continuação da notícia do dia 24/04/1970

24 abril 1970

Orsini, nascido em 1954, por Ticino e Oranien (Nuwolart), líder de sua geração em pistas germânicas, é o atual ganhão-chefe de "Erlenhof". Venceu 14 das 26 carreiras que disputou, incluindo o "Derby". Consagrou-se excelente reprodutor na Alemanha.



Os animais e seus produtos pastam tranquilamente. O efetivo de háes alemão anda por volta de 25, e entre elas figuram quatro bra-quadras Panchito, e Excêntrica, por Royal Forest — tôdas do Haras.

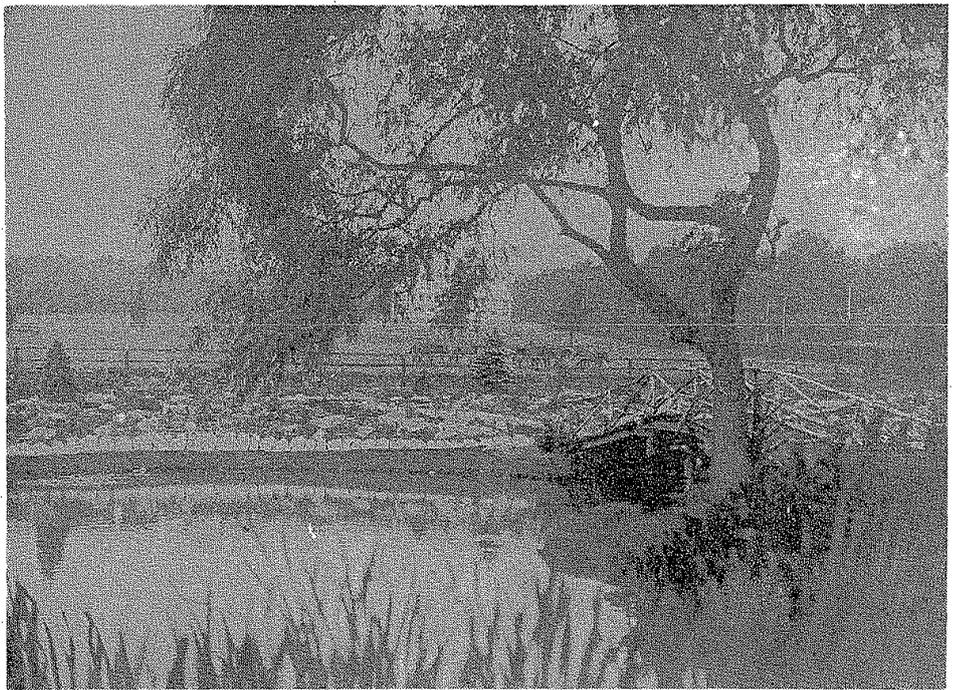


# DERBY"

ido  
itor-ch  
oi o c  
ração  
Com  
ico an  
eriodo  
as em  
inclum  
000  
os, "H  
um"  
"O  
"Gro  
nkirch  
t soci  
tional  
id Fri  
Oslo  
ap",  
no  
le "L  
o no  
Queen  
", em  
de A  
Eri  
Or  
Gera  
tez,  
Pied  
edore  
ovas  
nha

do "Derby" germânico de 1963. O primeiro produto de Panfar, que nas pistas ostentou a jaqueta "azul e ouro" da Condessa Baththyany, estória na próxima temporada do Cristal. Sua geração de 1969 compõe-se de sete animais e a por nascer este ano deve formar-se de onze produtos.

Já no ano imediato, em 1968, outro exemplar do Haras de Bad Bomburg von Höhe desembarcou em Pôrto Alegre. Era Anatól, que veio endereçado ao Haras Cinamomo, de Uruguiana, do dr. João Chaves Barcelos. Tratava-se de um filho de Abernant e Adriana (Arjaman e Adriática, por Janitor de Athene, por Ariel), portador do cartaz de "Melhor dois anos" da safra de 1962 na Alemanha. Muito veloz, o tordilho conquistou sete vitórias, uma delas na França. A geração inicial do "sprinter" alemão nasceu no ano passado. compreende nove produtos.



O Haras Erlenhof é o berço de muitos campeões das pistas alemãs. Nada menos que nove laureados no "Derby" — Graf Isolant, Athanasius, Ne reide, Ticino, Nordlicht, Niederlander, Ne-har, Orsini e Panfar — nasceram e se criaram nessas placas.

## Haras Erlenhof - Berço de Campeões na Alemanha

NDE

"Erl  
te no  
des  
ndo  
ado in  
um Su  
drich  
H  
1) e P  
1). Tr  
s (m  
e um  
n in

Uma estimativa extra-oficial revela-nos que o rebanho de cavalos puro-sangue de corrida da Alemanha, na atualidade, gira em torno de 4.500 exemplares. É interessante acrescentar que nada menos que um milhar dêies está registrado como de propriedade feminina. De fato, alguns dos mais famosos estabelecimentos de criação germânicos acham-se agora em mãos de mulheres, que incluem muitas representantes da nobreza européia. A este grupo pertence a Condessa Margit Baththyany, responsável pela quarta maior criação de produtos de corrida na Europa. Ela dispõe de mais de uma centena de cavalos, a maioria em atuação nos hipódromos alemães e franceses, egressos de dois de seus haras, o "Ballykeane Stud Farm", na Irlanda, e o "Gesüt Erlenhof", na Alemanha.

### ERLENHOF

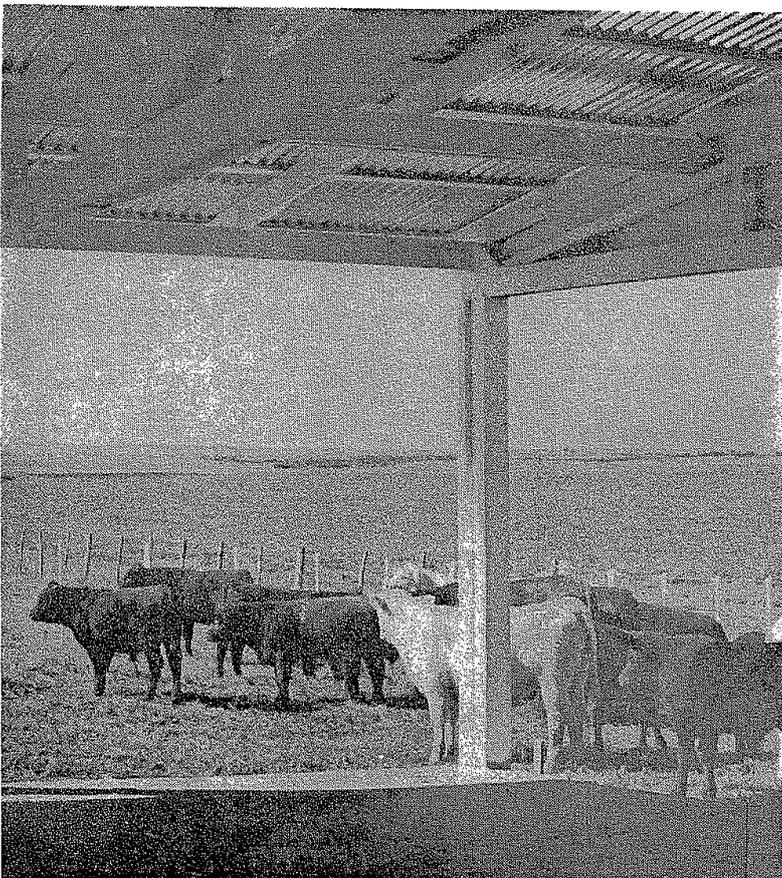
O Haras Erlenhof, no qual foram tomadas as fotografias que ocupa a capa e as páginas centrais deste número do "Rural", situa-se em Bad Homburg vor der Höhe, cidade situada no sudoeste da Alemanha, não muito distante da fronteira com a Bélgica. Ocupa uma área de 75 hectares, dos quais 50 são ocupados por pastagens. Os restantes 25 hectares distribuem-se entre bosques, estradas etc., cercados por 11 quilômetros de sebes. O estabelecimento compreende cinco construções, além da residência do administrador e outras benfeitorias, e que contam uma centena de "boxes" destinados a reprodutores, reprodutoras e seus produtos. Dois são os ganhões que lá atualmente pres-

tam serviços: Orsini, por Ticino, de criação do próprio haras, e Waidwerk, por Neckar. Ambos têm 25 reprodutoras à disposição, incluindo quatro de criação brasileira, quais sejam Du-cina, por Cobalt, Esquadrilha, por Panchito, Euseada, por Cobalt, e Excêntrica, por Royal Forest, tôdas egressas do Haras Guanabara, de São Paulo. O número de produtos correspondentes a duas gerações atinge 30.

### FUNDADO EM 1922

O sr. M. Oppenheimer foi o fundador de "Erlenhof" em 1922. Doze anos depois, em 1934, o Barão Thyssen, genitor da atual proprietária do estabelecimento, Condessa Baththyany, adquiriu-o. O sr. John Kramer é o atual diretor do haras.

23 Abril 1971



**O Galpão Aberto**

No meio da encerra está o talheiro. Mede 8 por 27 metros. E no centro fica o comprido côcho onde podem comer 40 animais. Mas vieram somente 26. O galpão é aberto nos quatro lados e tem piso de concreto. Foto tirada de dentro do galpão, mostrando um lote de terneiros



**Estes são os Santa Gertrudis**

No lote de 26 terneiros somente dois eram da raça Santa Gertrudis. E aqui estão eles, para representar e demonstrar em Vacaria o valor da nova raça que os Irmãos Kleber há 30 anos criaram no famoso King Ranch, no Texas, U.S.A. Uma fazenda que tinha 400 mil hectares. Quase cem léguas de campo. E ali nasceu a nova raça, fruto de cruzamento entre Shorthorn e Zebu

# Vacaria Inicial

Organizada pelos técnicos da DPA, o plano visa dar ao criador um «Certificado de Touro Testado» em Estação de Avaliação de Bovinos da Corte». O Certificado será dado aos animais que se destacarem na Prova.

O criador voltará para a fazenda levando um Certificado que dirá quantos grâmas diários de peso conseguiu seu animal na prova feita pela Secretaria da Agricultura.

Um Certificado que valorizará o seu touro. Servirá o Certificado para vender o reprodutor pois indica ao comprador a performance de que o animal foi capaz.

E, caso o criador queira conservar o touro em seu plantel, terá ele segurança de usar um touro de conhecido poder de crescimento.

E se o criador comparecer a alguma exposição com o seu reprodutor, poderá anunciar o «Ganho de Peso Diário» como uma condição que dará mais valor ao animal aos olhos do provável comprador.

Na Inglaterra, os compradores de Devon vão ao certame encontrando impresso no catálogo o peso de cada touro aos 400 dias de idade. E alguns dos últimos touros, que criadores gaúchos de Devon importaram recentemente daquele país, já foram comprados com peso assim conhecido aos 400 dias.

## QUANDO COMEÇOU O ENSAIO

1 — Os primeiros animais começaram a chegar dia 14 de abril, os outros nos dois dias seguintes. Ao entrar na Estação foram pesados.

2 — Ao chegar começa o chamado período de adaptação que dura até o dia 28 de abril. Um estágio, pois, de cerca de duas semanas para se

Criadores	Município
Achylles Fernandes	Lagoa Vermelha
Amantino Barreto da Costa	Lagoa Vermelha
Atílio Marcantonio	Vacaria
Cassio Costa	Vacaria
Cond. Reinaldo Cherubini	Nova Prata
Garibaldi Lima	Lagoa Vermelha
Inácio Luz	Lagoa Vermelha
Firmino Camargo Branco	Vacaria
Leovegildo Guazelli	Vacaria
Onor Marcantonio	Vacaria
Umberto Campetti	Vacaria
E. E. de Vacaria	Vacaria
E. E. de Tupanciretá	Tupanciretá

Todos os animais inscritos são puros de pedigree. O lote porém varia um tanto quanto a idade. E também quanto ao trato dos animais que aparentam terem recebido diferentes tratamentos nas fazendas donde vieram.

As instalações são para 40 animais. Mas apenas 26 foram inscritos.

## PROVAS IGUAIS EM OUTROS MUNICÍPIOS

O programa organizado pela DPA é mais amplo e compreende provas iguais em 7 municípios a saber:

— Tupanciretá que já teve sua Prova começada a 5 de abril.

— Vacaria que começou a 19 de abril.

— São Gabriel com inauguração marcada para 4 de maio.

— Uruguiana em que a 6 de maio será inaugurada.

— Gusluba, ainda sem data inaugural, receberá os animais a 6 de maio.

— Montenegro, também sem data inaugural marcada, mas recebendo os animais a 12 de maio.

— Esteio, no local novo de Exposições, iniciará a 30 de junho.

O plano total prevê uma inscrição de 240 animais, assim discriminados:

Número de criadores	55
Total de municípios	20
Raças concorrentes	6

As raças concorrentes são: Hereford, Aberdeen Angus, Shorthorn, Devon, Charolês e Santa Gertrudis.

Todas as raças são de «Corte». A prova não comporta animais da raça leiteira ou mista.

## O CONTROLE É FEITO NA BALANÇA

O Ganho de Peso no fim dos 140 dias será dividido por 140 e ter-se-á então o «Ganho de Peso Diário» de cada animal concorrente.

Para isso os animais são pesados com regularidade.

a) — A primeira pesagem foi no dia em que chegaram à Estação de Vacaria.  
b) — A 28 de abril, ao iniciar realmente a Prova, os animais terão sua Pesagem Inicial determinada. Para isso, serão pesados durante três dias seguidos. E duas vezes ao dia. A média 5 pesagem será pois a Pesagem Inicial com que principiam a Prova. Isso será feito dia 27 — 28 e 29 de abril em curso.

c) — Depois, cada 14 dias, haverá um pesagem de controle. Até o final da prova.

d) — Ao chegar ao fim dos 140 dias, será feita a Pesagem Final. Tal qual na Pesagem Inicial, serão 6 pesagens, sendo 2 cada dia, e durante três dias seguidos. Obter-se-á então a Pesagem Final da Prova.

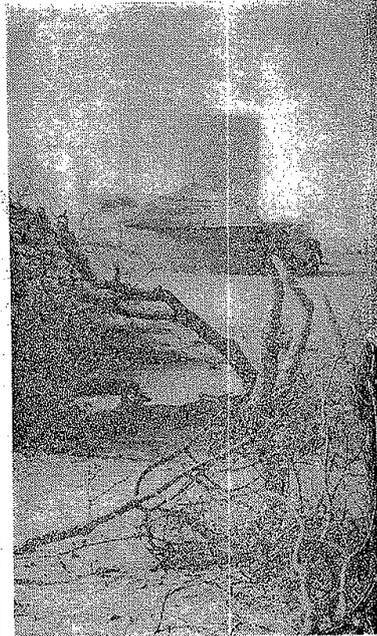
acabamos o  
mar 400 dias  
3 - A 1  
160 e 200 dias  
dia 140 e 140 di  
base para tei  
va e por 76  
metem 1 m  
4 - Um  
gordão arme  
dia. O que  
idade.  
5 - Du  
do dia 9 de  
os ternes 11  
raças: 100  
minar 3 quil  
meu. Não vá  
de almas.  
tos, que de  
duzir o peso  
O que é  
ros. Das im  
municípios Va  
e Nova Prata.  
Os 23 ini  
res. E pi - c  
Vacaria, de  
E que é  
a prova no  
Charolês (avc  
Faltava He  
A se - d  
se profana  
do 22 de



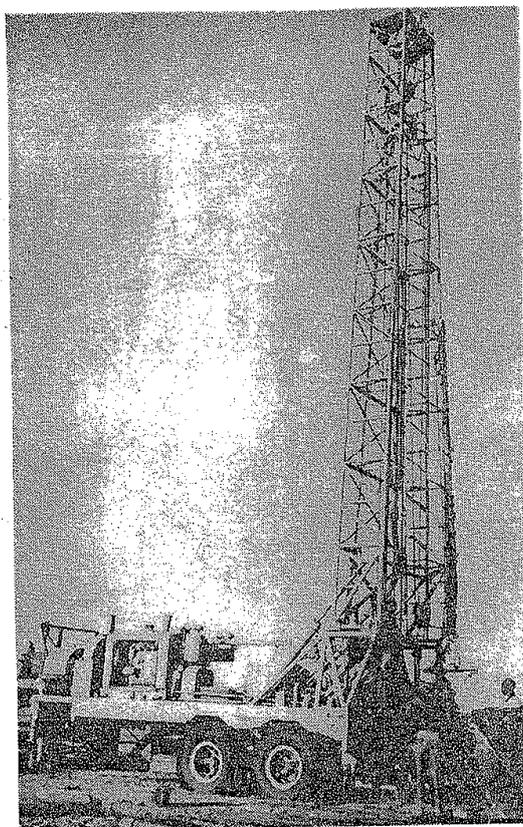
21 abril 1972



**NIGÉRIA É GRANDE** — Com cerca de 922.000 quilômetros quadrados a Nigéria começa no litoral Atlântico. Faz frente ao Golfo de Guiné onde desagua o rio Niger, cujo delta está pois em território nigeriano. Curioso é que há outro país quase do mesmo nome — NIGER — que fica ao norte da Nigéria. E é ainda maior que a Nigéria



**DEPÓSITOS MODERNOS** — Ao lado de capim, vemos um depósito moderno em região árida onde a água é escassa. Engenheiros da FAO, a organização para questões agrícolas e alimentícias, revelam o clima seco, desértico



**FAO ESTÁ PERFURANDO POÇOS** — Em busca de água os técnicos da FAO estão estudando o solo da Nigéria. País que fica no paralelo 10 acima do Equador, Nigéria tem muitas riquezas naturais. Colhe muito cacau, fumo, algodão, amendoim, borracha e madeira. Também é rica em petróleo e em carvão. Mas existem desertos e neles é que a FAO está buscando as águas profundas usando engenhos como os da foto acima

## FAO Dando Água

Um dos grandes problemas dos tempos atuais é o improdutivo deserto. Existem desertos em todos os continentes. Ou em quase todos. São áreas de terras que recebem pouca ou nenhuma chuva.

Existem também no continente americano. Nosso continente tem regiões como o fabuloso e rico Vale do Amazonas onde há locais que recebem 3 mil milímetros ou mais de chuva por ano. Três ou quatro vezes mais que o necessário para uma cultura anual. Em compensação também há nas Américas desertos onde as chuvas são tão poucas que somente irrigando se consegue produzir. O Chile está nesse caso com regiões que devem ter — e tem — irrigação para fazer nascer o capim que as vacas transformam em leite.

África sempre foi apontada como o grande deserto a desafiar o engenho do homem. Mas a Ásia não fica atrás. Lá existe o grande deserto de Gobi. E outros menores como os da Ásia Menor que cedo ficaram conhecidos pelas narrações bíblicas. E pelos canais subterrâneos que nos tempos babilônicos eram escavados para conduzir a água dos rios.

### O Milagre do Oeste Norte-Americano

A luta contra o deserto improdutivo tem um grande exemplo vitorioso. Está essa exemplar vitória no oeste dos Estados Unidos. Lá, havia regiões onde nada vingava. Uma vegetação feita de cactus e outras plantas que sabem passar meses sem uma gota de água.

É conhecida a anedota — no caso verdadeira — de um restaurante situado em pleno deserto do oeste norte-americano. O proprietário acenava ao turista com o seguinte cartaz: — «Se chover hoje, a refeição é gratuita. É uma cortesia do dono da casa». E explicava o dono que era comum passar meses e meses sem cair uma gota de água das límpidas e azuis nuvens.

Pois bem, esse deserto inóspito tornou-se um paraíso. Ali onde nada produzia em matéria de ce-

reais, frutas e hortaliças que vende a grandes centros na costa do Pacífico, ou a

E tudo isso depois de muitas plantas. Há pomares de melões e melancias. Há alfafa e hortaliças que foram das montanhas e dos fundos.

### Não é Milagre É Um Milagre

O trocadelho pertence à FAO. Seus técnicos têm visto o drama das áreas áridas. Simun — levanta em nome de Deus as caravanas e iam abrigo.

Os homens da FAO estão encontrando soluções para a natureza onde não nasce palmeiras ao lado da água, a FAO está produzindo Oásis feitos pelo homem.

É um desses trabalhos que estão nessas páginas centradas na FAO o texto em parte produzido e localizado aquele grupo internacional, oferecendo aos de ver trabalho que está a africanos. Na Nigéria onde de ver o trabalho que está de da própria vida.

### O Trabalho Na Nigéria

Durante a maior parte do ano está seca. Estéril. Sem água na margem do próprio rio. É um dos vários países onde o freio do flagelo das áreas áridas vai.



25 abril 1980

# Os Cogumelos da Fazenda Petim

Os cogumelos são plantas "sem tronco, sem folhas e sem raízes". Não tem clorofila e não se reproduzem por flores e sementes.

Não tendo clorofila não podem, como as demais plantas, tirar o carbono do ar, decompondo o gás carbônico. São obrigados, como escrevem, a obter o carbono da matéria orgânica em decomposição.

Desde tempos remotos que o homem aprendeu a usá-los na sua alimentação, muito embora fossem diversas as espécies venenosas, exigindo conhecimentos seguros de quem os fosse apanhar nos campos e matos.

Hoje ainda há quem os colha silvestres. Mesmo aqui no Estado onde crescem em vários locais, como na própria palha de arroz em decomposição, ao pé dos montes que sobram da trilha do cereal.

Há espécies que são cultivadas. Na Europa e sobretudo nos Estados Unidos,

estes últimos sendo atualmente grandes produtores mundiais.

Os americanos os consideram uma especialidade, um alimento delicado, suculento, de agradável textura e sabor peculiar.

Sua composição química é assim apresentada:

Água .....	90%
Carboidratos .....	5%
Proteína .....	3%
Gordura .....	1%
Minerais e vitaminas ....	1%

Em São Paulo há produção comercial que se vende em Porto Alegre, mercado que recebe também cogumelos rio-grandenses, cultivados no município de Guaiaba em fazenda junto ao arroio Petim, que nossa reportagem visitou este mês.

O cultivo na Fazenda Petim iniciou-se há uns 6 anos, segundo nos informou o sr. Paulo Roberto Pegas. Embora com poucos

anos de implantação o cultivo na Fazenda de Petim é feito em larga escala, aplicando moderna tecnologia. São 2.000 metros quadrados de área construída. Prédios com controle de temperatura, ar e umidade em sua dezena de amplas câmaras de clima condicionado.

Inicialmente a fazenda teve técnico francês residente no estabelecimento, introduzindo a melhor prática seguida na França, país de alta tradição no cultivo de seus famosos "champignons". Presentemente a Fazenda recebe orientação de especialista inglês, que anualmente vem ao Petim dando assistência ao casal Paulo Roberto e Ângela Pegas que dirigem o pioneiro empreendimento.

A variedade que se cultiva no Petim, procedente da Europa, é a cepa 324, linhagem melhorada da espécie "Agaricus bisporus", esse o nome botânico do cogumelo cultivado.

A produção da fazenda é colocada em Porto Alegre, vendendo-se em supermercados e no Mercado Público. A maior parte da colheita é vendida em salmoura. Apenas uma décima parte vende-se em estado fresco. A fazenda conta com cozinha industrial devidamente aparelhada para o preparo do cogumelo que entrega ao comércio. Depois de lavada com água acidulada com ácido cítrico, a produção diária é fervida e posta em barris com salmoura e vinagre. Em salmoura o cogumelo pode ser comprado e negociado no varejo em condições de ser conservado em casa no refrigerador doméstico convencional. Tal qual se faz com a azeitona em salmoura.

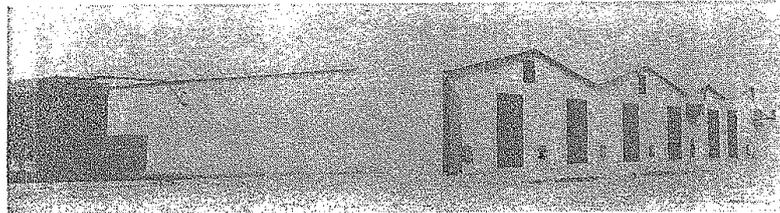
A seguir um relato das diversas fases do cultivo, intenso altamente técnico que faz honra à policultura rio-grandense que sempre se distinguiu no País. Quer nos simples cultivos de cereais e tubérculos, quer nas culturas mais exigentes e aprimoradas das finas frutas e hortaliças, de que são exemplos uvas, pêssegos e maçãs entre as frutas. E couve-flor, ervilha e aspargos entre as hortaliças.

Para facilitar aos clientes de seis cogumelos, a Fazenda Petim preparou pequeno opúsculo ilustrado, indicando como bem preparar alguns pratos, desde o omelete ao pudim. São oito receitas práticas que orientam o comprador.



FASE DE COLHEITA — Inicia-se a colheita

**SEMEADURA E PRÉ-FERMENTAÇÃO** — Acima as operárias espelham na superfície do composto a "semente", que com garfos é revolvido profundamente para que a "semente" fique disseminada em todo o interior da massa. Abaixo o preparo inicial da pilha que formará o composto onde se faz a semeadura.



PAVILHÕES — A Fazenda Petim tem dois mil metros de área construída.

## Preparo Das Caixas Para a Semeadura

O cultivo do cogumelo é feito em caixas de 1,10 por 1,50 metros, onde se põe uma "camã" de uns 25 centímetros de palha fermentada e acobada. O preparo dessa "camã", verdadeiro canteiro onde é feita a semeadura, passa por três fases distintas:

- Pré-fermentação feita ao ar livre.
- Fermentação e mistura feita sob telhado.
- Pasteurização feita em câmara com clima controlado.

Ultimado o preparo do "composto" passa-se "semeadura" que comprete duas fases:

- Semeadura e incubação (equivale à germinação) e é feita dentro da massa do composto).
- Emergência da superfície do cogumelo que aflora à superfície da caixa-canteiro e cresce durante 14 dias, ficando pronto para o início de colheita.

A colheita se faz durante 42 a 45 dias. E assim se resume o tempo necessário para colher cogumelos pelo processo usado na Fazenda Petim:

- A — Preparo do composto:**
- Pré-fermentação ..... 7 dias
  - Fermentação e mistura ... 12 dias
  - Pasteurização ..... 5 dias
  - Subsoma ..... 24 dias
- B — Semeadura e crescimento até início da colheita:**
- Semeadura e incubação ... 12 dias
  - Crescimento ..... 14 dias
  - Subtotal para crescer ... 26 dias
- C — Duração da colheita . 45 dias**

Em resumo temos:

- 24 dias para preparar o composto.
- 26 dias para nascer, crescer e chegar ao ponto de colher.
- 45 dias para colheita.

Nascer e crescer levam somaria 26 dias. E rápido, quase o mesmo tempo que se leva para preparar o composto onde se vai fazer a semeadura. Este rápido crescimento justifica o ríffio popular e antigo existente na França, onde costumam dizer: "Cresce ligeiro como um champignon", referindo-se a alguém ou algo que cresce, ou está crescendo, muito ligeiro.

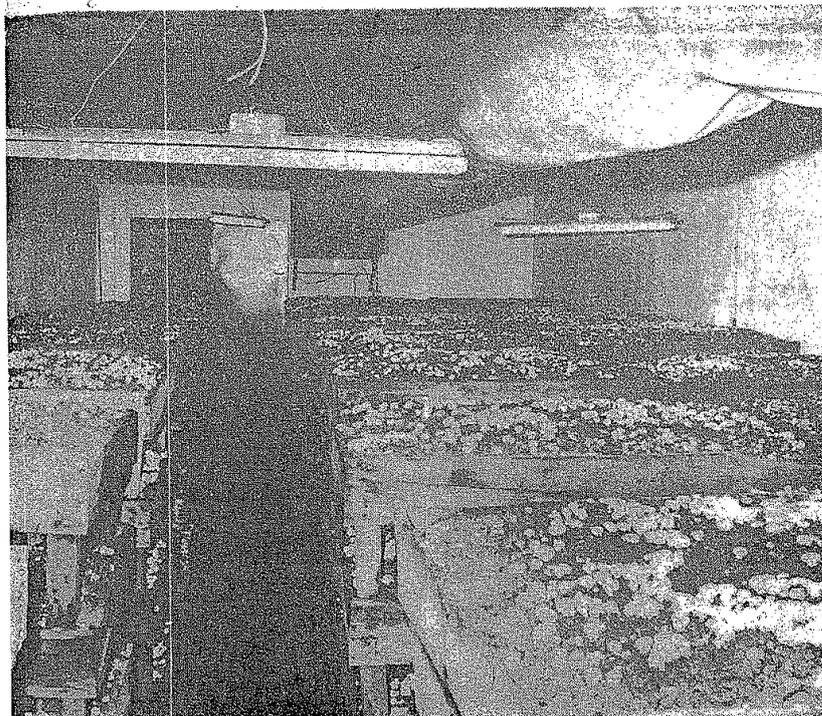
A seguir damos um apanhado de cada uma das fases acima mencionadas, desde o preparo do composto até a colheita.

Partição com a terra do 2.º Simpatio Nacional de 1979. Foto de Agripino J.

## O Bra

Vivendo e trabalhando melhor. Quando você se fertiliza ou em defesa e trabalho que um hábitat. Em outros países há infestação nos seus plantos transforme num prazeroso adubar as suas plantas.

25 abril 1980



FA — As caixas onde foram semeadas os cogumelos começam a produzir e que durante vários dias vai proporcionar excelente safra.

## Pré-Fermentação ao ar Livre

Nesta fase é feita uma pilha, tendo 5 por 8 metros de lado e uns dois metros de altura. Formada por cinco camadas de fardos de palha intercaladas com esterco de galinha e com alguma mistura de uréia, a pilha leva 8 toneladas de palha em fardos.

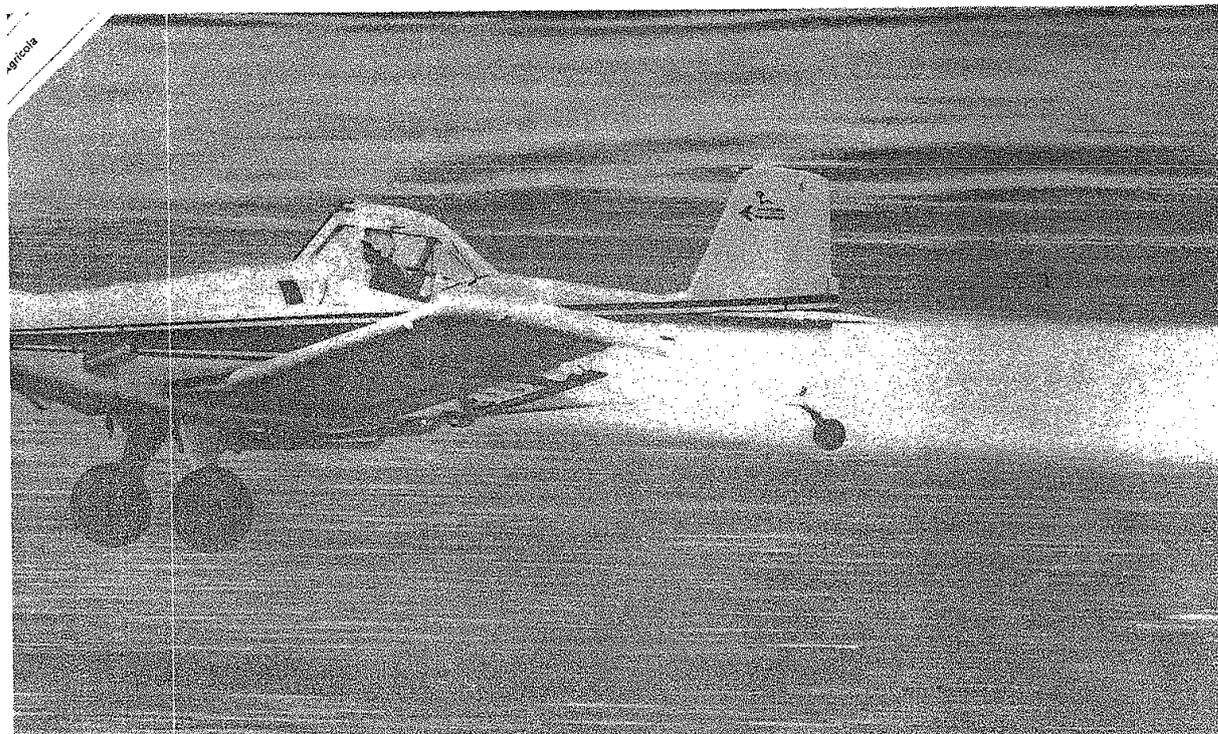
A palha costuma ser de trigo. Material enfardado que é obtido em municípios triticícolas. Agora a Fazenda do Petim está usando palha de Setária. Uma gramínea forrageira perene que está se popularizando no Estado. A Fazenda vem se dedicando à produção de sementes dessa Setária, em grande escala, e capaz de atender ao consumo que é de 5 toneladas de palha por semana.

Ao todo são cinco camadas formadas pelos fardos de tamanho usual, tal qual sabem das enfardadeiras usadas entre nós. Os fardos são dispostos sem desmanchar. Feita a primeira camada, vem arrumada e com os fardos bem unidos, um trabalho; dor sobe e caminha sobre a camada, cortando com faca todos os cordéis que atam cada fardo.

Isto feito, espalham sobre os fardos leve camada de estrume de galinhas, adquirido de aviários comerciais. O estrume é colocado na razão de 800 quilos por tonelada de palha. Um pouco de uréia, 10 quilos por tonelada de palha, é adicionado para reforçar o teor desejado de nitrogênio que o composto deve ter.

Nova camada de fardos é colocada, repetindo-se a inclusão de estrume e de uréia entre cada camada. Com cinco camadas está formada a pilha. Muita água é acrescentada, regando-se a pilha que foi feita em piso cimentado e junto a um tanque, de onde uma bomba eleva água e distribui na parte superior da pilha. Consome cerca de 3.000 litros de água para cada uma das 8 toneladas de palha existentes na pilha. Empapada de água a pilha fica durante 7 dias, tempo em que se processa a chamada pré-fermentação.

As toneladas de palha 8) e as de estrume (6,4) junto com a água, dão em resultado entre 18 a 20 toneladas de "composto" em primeira fermentação. Está pronto pois, para a segunda fase, que a seguir se descreve.



## ! precisa desenvolver a sua agricultura voando.

a rapidez de sua aeronave dá ao agricultor na semeadura, na aplicação de produtos químicos, na colheita, na aplicação de fertilizantes, na aplicação de produtos fitofarmacêuticos, na aplicação de produtos veterinários, na aplicação de produtos para a saúde humana, na aplicação de produtos para a saúde animal, na aplicação de produtos para a saúde das plantas, na aplicação de produtos para a saúde do solo, na aplicação de produtos para a saúde do ar, na aplicação de produtos para a saúde da água, na aplicação de produtos para a saúde do clima, na aplicação de produtos para a saúde do ambiente, na aplicação de produtos para a saúde do planeta.

Mas a rapidez não é a única vantagem da aeronave. Com ele, você economiza combustível (em média, trata-se de que consumiriam 8 litros de óleo diesel num trator, mas com o avião apenas 1 litro de gasolina).

Outra vantagem: a uniformidade na deposição dos produtos químicos (exclusividade do avião agrícola) permite melhor aproveitamento de defensivos e fertilizantes.

Mais vantagens: o aeronave permite o aproveitamento de áreas não trabalháveis por equipamentos de terra e elimina todo o pisoteamento das plantas quanto a aplicação do solo.

Mas a maior vantagem vem agora, para ler todos os vantagens de sua aeronave, você não precisa comprar um. Pode, simplesmente, contratar uma das muitas empresas especializadas na prestação de serviços aeronáuticos.

Papel este, Assoc. vai ver que não é só a sua aeronave e a aplicação dos produtos que vão crescer voando. Seus lucros também.

**EMBRAER**  
EMPRESA BRASILEIRA DE AERONÁUTICA S.A.  
O dinheiro que você aplica num avião volta voando.

24 Abril 1981

# Universidades Transferem Embriões em Cabanhas Rio-grandenses

A transferência de embriões bovinos, que já se tornou prática rotineira em países como a Alemanha e Estados Unidos, agora também está ao alcance dos criadores gaúchos. Em dezembro de 1980, professores e alunos dos cursos de pós-graduação na área de Reprodução Animal das Faculdades de Veterinária da UFRGS e UFSM, transferiram com sucesso embriões de vacas puras de pedigree para vacas comuns. O trabalho foi feito a campo, nas Cabanhas Santa Helena, de Cláudio Hercúlio Macedo, em São Gabriel e Santo Angelo, de Ângelo Martins Bastos Filho, em Uruguaiana. Em setembro deverão nascer, pelo menos, 16 terneiros, filhos de vacas das raças Hereford, Polled Hereford e Aberdeen Angus, que foram inseminadas por touros de alta linhagem.

A Faculdade de Veterinária da UFSM vem-se dedicando à realização de experimentos com transferência de embriões desde 1977, sob a orientação do pro-

fessor Joachim Hahn, da Escola de Veterinária de Hannover, que é um dos pioneiros na utilização desta técnica. Em 1979, também a Faculdade de Veterinária da

UFRGS, que mantém intercâmbio cultural com o estabelecimento de Hannover, começou a participar dos trabalhos. No ano passado nasceram em Santa Maria, os primeiros dez terneiros obtidos através desse processo. Os animais chegaram a ser expostos em Esteio durante a 5.ª Exposição Internacional de Animais. O trabalho realizado em Uruguaiana e São Gabriel, no entanto, foi o primeiro envolvendo animais de cabanha, de alto valor, conforme ressalta o professor Ricardo Macedo Gregory, do Departamento de Clínica Médica, área de Clínica da Reprodução, da Faculdade de Ve-

terinária da UFRGS. Uma das vacas inseminadas e utilizadas como doadoras na Cabanha Santa Helena, é mãe do terneiro que foi Reservado de Grande Campeão da raça Polled Hereford em Esteio, no ano passado. Outra doadora, foi Grande Campeã da raça Aberdeen Angus, em 1979 e Reservada de Grande Campeã em 1980.

Ricardo Macedo Gregory, juntamente com Carlos Antônio Mondino Silva, professor de Clínica da Reprodução da Faculdade de Veterinária da UFSM, está coordenando o programa de transferência de embriões que as duas universidades pretendem

realizar junto as cabanhas. O trabalho com a participação de José Luiz Rodrigues que está concluído na Alemanha, na Escola de Veterinária de Hannover do Macedo Gregory seu curso de Doutorado em atividades com o professor Severino atualmente representa um convênio cultural com a Alemanha. Foi ele que iniciou os experimentos de transferência de embriões em 1977, quando o curso de pós-graduação em Clínica da Reprodução da UFSM a vinda, ao Rio Grande do Sul, do professor Joachim Hahn é responsável pelo desenvolvimento de Biologia da Reprodução, da Escola de Veterinária de Hannover e desenvolve trabalhos com vacas de Inseminação Artificial na Saxônia com Bremen.

O professor orientou o trabalho em 1979 e em 1980 ano passado nas Cabanhas de Santo Angelo e Santa Helena presente também o professor José Luiz Rodrigues.



## CATETER SUBSTITUI CIRURGIA —

Anteriormente, a coleta dos embriões nas doadoras era feita cirurgicamente. Agora, utiliza-se um cateter de borracha flexível. O aparelho foi desenvolvido pelo professor Joachim Hahn, da Universidade de Hannover. O professor Ricardo Macedo Gregory, da UFRGS, explica que as fêmeas não têm sua atividade reprodutiva alterada. Podem continuar produzindo normalmente ou ser submetidas outras vezes à superovulação



**HAHN E MONDINO SILVA** — Desde 1977 o professor Joachim Hahn vem orientando as pesquisas com transferências de embriões bovinos. Aqui ele aparece ao lado de Carlos Antônio Mondino Silva (à esquerda), professor da UFSM e um dos pioneiros na utilização desta técnica.

## Atendimento na cabanha

Na Central de Transferência de Embriões onde o professor Joachim Hahn atua, deverão nascer, este ano, mais de mil terneiros, o que mostra a aceitação que esta técnica tem por parte dos criadores alemães. O professor Ricardo Macedo Gregory explica que na Alemanha são utilizadas centrais, porque inicialmente acreditava-se que eram necessárias condições especiais para a realização das transferências. Além disso, como as distâncias são pequenas e o número de animais por propriedade não é tão grande, acaba tornando-se mais prático para o profissional realizar o trabalho em um ponto central.

Está comprovado, porém, que as transferências de embriões podem ser perfeitamente realizadas a nível de propriedade. Para as condições de criação existentes no Rio Grande do Sul, este seria o processo mais prático.

Esta técnica pode ser utilizada em três ciclos seguidos. Entretanto, já foi constatado na Alemanha que quando as transferências de embriões são realizadas no inverno, a fertilidade baixa, possivelmente devido às condições menos favoráveis de alimentação. As melhores épocas são a primavera e o verão. As doadoras utilizadas nas duas cabanhas gaúchas já foram novamente inseminadas e estão com prenhez positiva, devendo ter agora uma gestação normal.

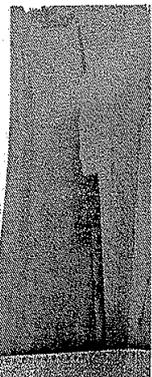
As equipes da UFRGS e da UFSM acreditam que vendo os resultados positivos desta experiência, os criadores do Rio Gran-

de do Sul não hesitarão em utilizar em maior escala a transferência de embriões. As duas Faculdades de Veterinária estão dispostas a desenvolver um programa de atendimento direto às cabanhas, realizando um trabalho de integração entre escola e comunidade. A atividade é importante para o ensino nas universidades. O criador, por sua vez, terá à disposição um serviço especializado.

As principais vantagens da transferência de embriões são a possibilidade de multiplicação de linhagens de reprodutores valiosos e maior aproveitamento dos ventres. Os criadores interessados em conhecer melhor o processo ou utilizá-lo em seus plantéis poderão entrar em contato com os professores Carlos Antônio Mondino Silva, na UFSM e Ricardo Macedo Gregory, na UFRGS.



**INTRODUÇÃO** D 15 centímetros, f o útero. Os embriões são coletados através de um cateter introduzido em pou



cabanhas, gu-  
conará ainda  
do professor  
s, da UFRGS,  
lo estágio na  
da de Veteri-  
; onde Ricar-  
y também fez  
torado. Todas  
n com o apoio  
o Barros, que  
nta a UFSM  
intercâmbio  
la de Hanno-  
promoveu o  
mentos com  
embriões, em  
denador do  
ação em Vete-  
possibilitando  
rande do Sul,  
im Hahn. Espe-  
lo Departam-  
Experimental  
funciona na  
ria de Hanno-  
vesquisas com  
a cooperativa  
ficial da Bai-  
de próxima a

oachim Hahn  
realizado no  
cabanhas Santo  
Helena, estando  
professor Jo-



**ATENDIMENTO AS CABANHAS.** — A Cabanha Santo Angelo, de Uruguaiana, é um dos estabelecimentos que aderiu a transferência de embriões para multiplicação de linhagens conhecidas. Também a Cabanha Santa Helena, de São Gabriel, está utilizando esta técnica, aproveitando, inclusive, animais premiados. As universidades de Porto Alegre e Santa Maria vão agora desenvolver um programa de atendimento às cabanhas gaúchas

## Doadores Podem Produzir Até Trinta Embriões

As transferências de embriões nas cabanhas Santo Angelo e Santa Helena, foram realizadas no início do mês de dezembro de 1980. Os preparativos, porém, começaram bem antes, já no mês de agosto, com a seleção das vacas que poderiam servir como doadoras e receptoras e observação constante das escolhidas.

Os animais, conforme explica Ricardo Macedo Gregory, devem apresentar condições ótimas de fertilidade e nutrição. Como doadores, foram utilizados ventres puros de pedigree das raças Hereford, Polled Hereford e Aberdeen Angus. As receptoras eram vacas cruzas, todas boas produtoras de leite (algumas eram provenientes de cruzamentos com Holandês e zebuínos), para evitar a necessidade de recorrer a amas, após o nascimento dos terninhos.

Outro cuidado indispensável para a transferência, é o de sincronizar perfeitamente todas as fases do cio das doadoras com o das receptoras. As doadoras devem apresentar uma superovulação, o que consiste na liberação de um maior número de óvulos e no prolongamento do período de ovulação. Para conseguir este efeito, injeta-se um hormônio denominado PMSG, o qual é obtido do soro de éguas prenhes. Nem todas as vacas tratadas reagem satisfatoriamente. Dez das doze vacas submetidas ao tratamento (cinco na Cabanha Santo Angelo e cinco na Cabanha Santa Helena) apresentaram a resposta esperada.

Durante a ovulação, que dura um dia inteiro, são feitas três inseminações. Neste trabalho, foi empregado sêmen de reprodutores de alta linhagem.

Sete dias após a inseminação, é feita a coleta dos embriões. Até algum tempo atrás, este processo era feito cirurgicamente. Atualmente é utilizado um cateter de borracha flexível (uma espécie de sonda), com 70 centímetros de comprimento e oito milímetros de diâmetro. O aparelho foi desenvolvido pelo professor Joachim Hahn.

O professor Ricardo Macedo Gregory explica que a pesquisa ainda não conseguiu estabelecer qual a dose de PMSG necessária para a formação de um número determinado de embriões. A substância injetada produz efeito diferente em cada organismo e a quantidade de embriões varia de um animal para outro. Há casos na Alemanha de vacas que chegaram a apresentar 30 embriões. Uma das doadoras tratadas na Cabanha Santo Angelo ti-

nha 17 embriões. O menor número encontrado foi de dois. A média geral foi de quatro embriões por doadora. Através da palpação retal, para verificação da existência de corpos amarelos, os veterinários podem ter idéia da quantidade de embriões formados.

### COLETA DE EMBRIÕES

Para efetuar a coleta, é feita uma lavagem nos cornos uterinos, com o auxílio do cateter. Emprega-se uma substância especial, que servirá como meio de cultura para os embriões. Estes são retirados junto com o líquido.

O meio de cultura sedimenta e os embriões são examinados com microscópio, selecionando-se os que terão condições de se desenvolverem bem. A avaliação pode ser feita pelo exame morfológico. Um embrião mede cerca de 0,12 milímetros.

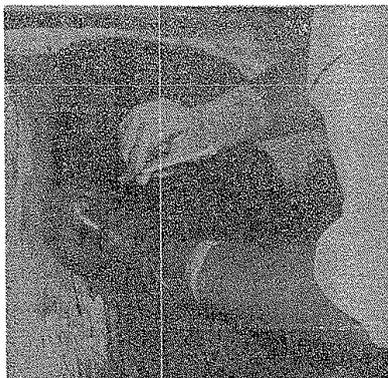
Os embriões permanecem no meio de cultura aproximadamente três horas até serem colocados nas receptoras. Só os viáveis são transferidos. A vaca que produziu 17 embriões, teve 12 transferidos. A que apresentou dois, teve ambos aproveitados.

São preparadas 25 receptoras para cada doadora. No dia anterior a coleta, as receptoras são examinadas, verificando-se quais as que têm melhores condições de receber os embriões e desenvolvê-los. São levadas em consideração também as informações

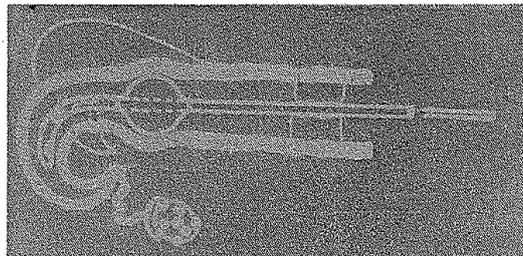
obtidas durante o período que elas estiveram em observação (no caso relatado, quatro meses).

A transferência dos embriões pode ser feita cirurgicamente ou com cateter, como se fosse uma inseminação artificial. A primeira técnica, no entanto, é que proporciona mais casos de prenhez positiva. O diagnóstico é feito dois meses após a transferência. A cirurgia consiste em abrir o flanco do animal, no lado do ovário que ovulou, expondo o útero. Neste é feito um minúsculo orifício com uma seringa e por ali são introduzidos os embriões. A incisão externa não tem mais do que 15 centímetros e depois é suturada, não representando maiores riscos para o animal.

Foram utilizadas 28 receptoras no trabalho efetuado nas Cabanhas Santo Angelo e Santa Helena. Em 22, foi feita a transferência cirúrgica, obtendo-se um índice de prenhez positiva de 68%. Este resultado é considerado muito bom, já que a média na Europa gira em torno de 55 a 60%. Em seis animais, foi feita a transferência não cirúrgica. Só uma receptora teve diagnóstico de prenhez positiva. O total de vacas prenhes é de dezesseis, o que representa um índice de 60%. Oito das vacas que receberam os doze embriões produzidos pela mesma doadora (a que apresentou 17) estão prenhes. Em algumas receptoras foram colocados dois embriões.



**EMBRIONES** — Uma incisão de, no máximo, a no flanco da receptora, é suficiente para expor os são introduzidos com uma seringa, minúsculo orifício. O corte suturado tempo



**COLETA EM ESQUEMA** — Esta é a representação esquemática da situação intra-uterina do cateter para coleta não cirúrgica dos embriões. Vê-se na extremidade, ao alto, o ovário com os corpos lúteos resultantes da superovulação

23 abril 1982

## Estiagem vai determinar uma redução na produção de soja de 34% na área da Cotrijuí

A quebra na safra deste ano, provocada pela estiagem, pode ser a grande preocupação do momento, para a maioria dos produtores de soja do Estado. Mas não são poucos os que vêm tentando avaliar a questão tão imediata quanto as consequências da seca, e que está nas perspectivas de ganhos com a colheita deste ano. Se a tendência acentuada no final da década de 70 for mantida — como já está previsto —, mais uma vez o agricultor verá os custos de sua atividade ultrapassarem a evolução dos preços recebidos por seu produto, enquanto o chamado Ciclo da Soja vai ao mesmo tempo, sendo deixado para trás.

Essa avaliação já vem sendo feita, nos últimos anos, por produtores, técnicos e dirigentes da Cotrijuí, que atua numa área de 16 municípios do noroeste gaúcho, e não só na véspera das safras. A Cooperativa, que faz agora a contabilidade das perdas com a estiagem, já prevê uma safra com quebra de 34 por cento sobre as 889 mil toneladas que deveriam ser colhidas nos 306.500 hectares plantados nesta que é denominada sua Região Pioneira.

Segundo levantamento de 15 de abril da EMATER/RS feito em 49 municípios, incluídos nas macrorregiões de Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Santa Rosa, a quebra da soja, prevista, é da ordem de 15,1%, situando-se no entanto em alguns municípios em parâmetros mais elevados, o que significa a possibilidade de quebras mais significativas em algumas regiões. É claro que estas previsões também são passíveis de ratificação na medida em que se alteram as condições de clima, embora na maioria dos casos os efeitos da estiagem sejam definitivos.

Ainda, segundo a Cotrijuí, o rendimento inicial na lavoura de soja na sua área, tenha sido estimado em 1.800 quilos, deverá ficar — em média — abaixo dos 1.200, pois não só a seca de janeiro e do final de março e início de abril provocou prejuízos. As lavuras foram também atacadas pelas pragas, como a lagarta e o fedo-fedo. A situação é desalentadora, especialmente para minis e pequenos produtores, que representam mais de 90 por cento dos associados que recebem financiamentos repassados pela Cooperativa, e em cujas áreas — de até 25 hectares — a soja fica cada vez mais inviável.

As estimativas de quebras, feitas em torno dos prejuízos da seca, são apenas o início dos cálculos que o produtor terá que fazer para, no final da comer-

cialização, constatar que as perdas vão mais longe. O Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí antecipeu, quando da formação das lavuras, alguns dados capazes de provar que, mesmo com boa produtividade, os ganhos do agricultor são bem limitados. Com base nas despesas médias (formação da lavura, empréstimos, comercialização e outros gastos), o produtor só terá lucros a partir de um rendimento superior a 1.316 quilos por hectare.

### DIFERENÇAS

João Valmir Cezimbra Lopes, coordenador dessa área, ressalta que, ano a ano, a relação entre custos e preços pagos pelo produto acentua uma margem sempre favorável às despesas. Estatística da Cotriexport — uma subsidiária da Cotrijuí, que cuida de exportações e importações — esmiuça essas diferenças. A Cotriexport revela que de 1973 até maio último os custos de produção da soja tiveram um aumento acumulado de 442,7 por cento. Nesse mesmo período, os preços pagos ao produtor aumentaram 370,8 por cento, ou seja, 71,9 pontos percentuais abaixo das despesas.

Esses cálculos foram fechados há quase um ano, mas as comparações não estão defasadas, pois a tendência continua a mesma. A Cotriexport também mostra que, em igual período, a inflação acumulada foi de 432 por cento, para que a comparação — entre custos, preços e índices inflacionários — deixe evidenciadas as quedas que, atualmente, a principal fonte de receita do agricultor do minifúndio vem sofrendo.

Utilizando 1973 — o ano do estouro da soja, em termos de preços — como ponto de referência, a Cotriexport relaciona ainda outros números. Baseando-se sempre em dados referentes aos preços médios conseguidos pelos produtores gaúchos, a empresa demonstra que, em maio do ano passado, o produtor deveria receber Cr\$ 2.000,00, para que a soja tivesse a mesma remunera-

ção conseguida em 73. Em maio, no entanto, a média dos preços pagos ao agricultor no Estado era de Cr\$ 1.180,00.

A correção das médias anuais de preços, feita com base no INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) deixa clara uma queda assustadora nos valores pagos pela soja, já o partir de 1974. Assim, é possível constatar que nunca, desde o início do ciclo da soja, no final dos anos 60, esse produto teve tão baixa remuneração como no ano passado. Este ano, no entanto, esse recorde pode até ser batido, para confirmar essa progressão de preços que corre, invariavelmente, atrás de custos e inflação.

### OSCILAÇÕES

Agora, quando cerca de 30 por cento da safra já foi colhida, boa parte dos produtores poderia começar a liquidar os grãos. Mas quem se dispõe a entregar a soja por preços que oscilam entre Cr\$ 1.500,00 e Cr\$ 1.850,00? O coordenador do Departamento de Estudos Econômicos da Cooperativa ressalta que esses valores são realmente baixos, mas, nem por isso, muitos agricultores deixarão de liquidar suas safras, forçados por uma descapitalização hoje crônica.

João Valmir Lopes lembra que a última safra de inverno, considerada razoável, apenas amenizou a situação do produtor descapitalizado. "A safra pode ter sido boa, quanto a rendimentos na lavoura, mas não tem expressão no volume de grãos", acentua ele. A lavoura de inverno na região chegou, de fato, a apenas 90.400 hectares de trigo, e menos de 40 mil hectares de outras alternativas de inverno, como a aveia, o tremço, a cevada e a colza. No ano anterior, somente o trigo tinha uma área de 177 mil hectares.

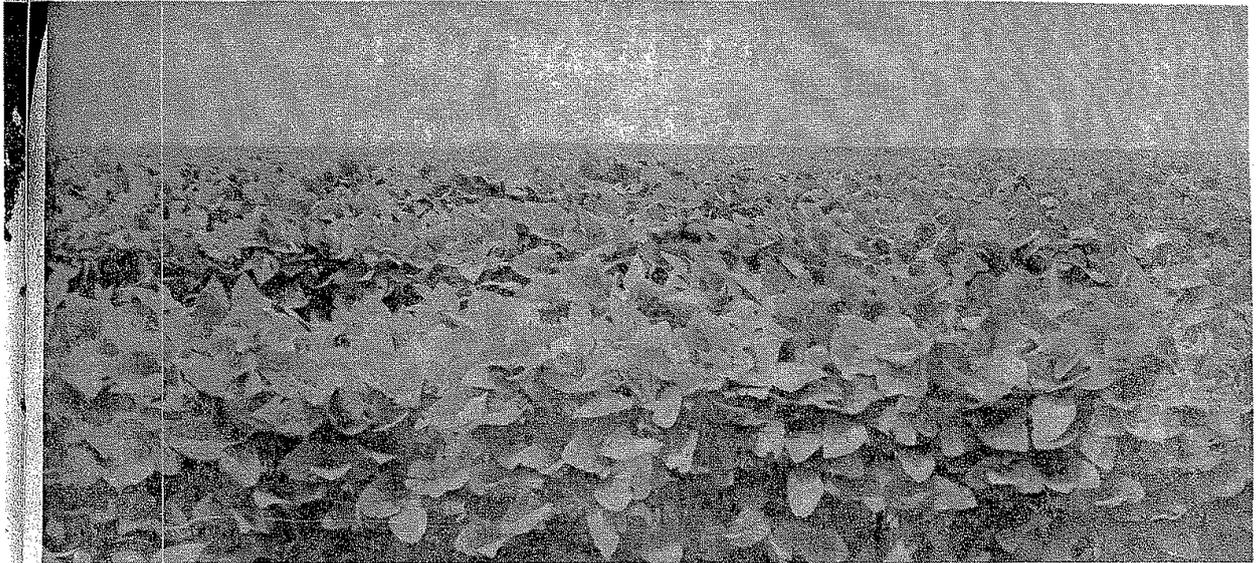
Mas os baixos preços de abril não representam nenhuma novidade, pois — como recorda Lopes — nos últimos anos as cotações da soja, determinadas pelo mercado externo, oscilam sempre contra o produtor. Seguindo, anualmente, uma evolução previsível, a cotação se mantém em baixa até agosto, e somente aí a soja começa a melhorar de preço. "Nessa época, contudo, o produto já não está nas mãos do produtor, e tampouco das cooperativas", enfatiza ele.

Em julho, os produtores precisam devolver os recursos tomados como custo da lavoura, e desde o ano passado ficou arriscado adiar o pagamento do empréstimo, pois os juros de mora — que praticamente não existiam — passaram a ser de mais de 50 por cento ao ano. O agricultor é, portanto, obrigado a liquidar a safra, mesmo que — um mês depois — testemunhe um aumento nas cotações da soja.



23 Abril 1982

RA 04.82



A estiagem vai marcar a produção de soja. Está prevista uma redução de 20% na safra final do Estado

## Bolsa de Chicago comanda os lucros

A soja continua sendo controlada pela Bolsa de Chicago. É o que afirma também João Valmir Cezimbra Lopes, baseado nas oscilações de preços registradas e analisadas anteriormente, com o que o reflexo do controle externo comanda a produção mundial de soja. Para ele, esse centro de comercialização da oleaginosas e outros cereais — capaz de antecipar especulações e influir no mercado antes mesmo do anúncio de intenções de plantio — determina o que os produtores podem ganhar, todos os dias e ao final da safra.

A cotação diária definida pela Bolsa, e que é, já no

dia seguinte, traduzida em cruzeiros para o produtor, não atrai, no entanto, tanta atenção, como acontecia até anos atrás. O preço do dia — como é chamada a oferta — vai sendo, aos poucos, trocado pelo chamado preço médio calculado ao final da comercialização, com base na média dos valores oferecidos ao produtor. Assim ele deixa a "fórmula" de lado, e passa a apostar apenas na estabilidade das cotações, para que alcance um bom preço médio.

O Departamento de Custos e Estatísticas da Cotrijui revela que, desde 1972, essa modalidade supera, em valores, as médias dos



Cezimbra Lopes

demais sistemas de comercialização a nível de produtor. É por isso, que alternativas mais modernas — como os preços-futuro, inclusive em dólar, que antecipam cotações para a soja como oferta de compra, implantados há cerca de quatro anos — não chegam a conquistar muitos simpatizantes.

### IRREVERSÍVEL

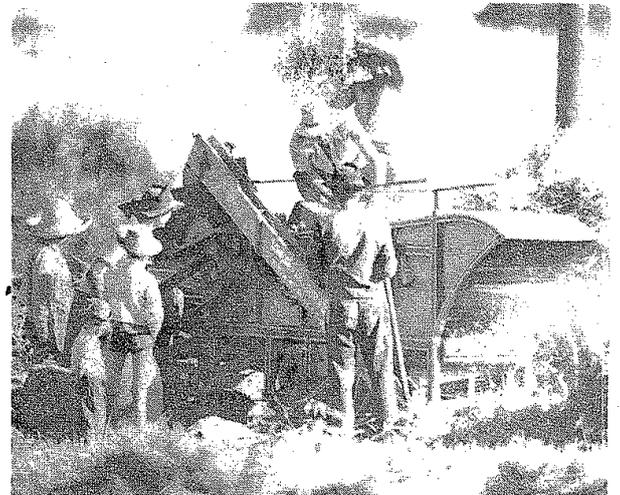
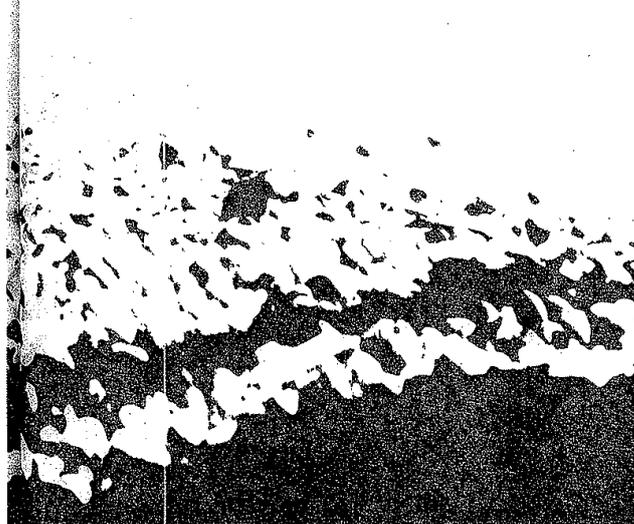
Mas todos os malabarismos feitos pelo produtor, para que seus ganhos não sejam reduzidos ainda mais, não irão contornar perdas que vão sendo somadas desde a formação da lavoura. A evolução dos juros de custeio e de investimentos, que deixou o dinheiro

mais caro, nos últimos quatro anos; o aumento de preços dos insumos e máquinas; o desgaste da terra; e outras consequências sociais da monocultura — como a migração — deixam a certeza de que o Ciclo da Soja chega ao fim.

É claro que essa lavoura não será reduzida de imediato, mas o diretor técnico da Cotrijui, agrônomo Renato Borges de Medeiros, assegura que o fim da monocultura é irreversível. Com um programa de diversificação da produção, puxado pela integração lavoura-pecuária, implantado há cerca de quatro anos, a Cooperativa introduz áreas de forrageiras

onde, até bem pouco tempo, havia apenas soja. A criação de gado de leite tenta viabilizar economicamente as pequenas propriedades, e, ao mesmo tempo, evitar que o solo, compactado e degradado, se torne improdutivo.

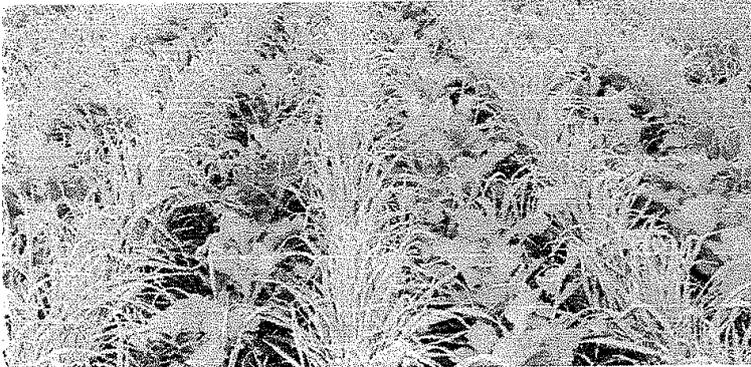
A diversificação, que também faz crescer, a cada safra, a lavoura de milho — agora com 72.200 hectares — não se resume apenas ao plantio de forrageiras como pastagem, mas também ao cultivo de outros grãos das safras de inverno. Por mais algum tempo, de qualquer forma, a soja continuará ocupando o lugar de cultura nobre ao minifúndio do noroeste do Estado.



Os pequenos produtores serão os maiores prejudicados com a seca



25 Abril de 2010



de aveia e nabo forrageiro é uma das diversas opções que produtor tem para definir semeadura

**o Sul**

as plantas atingirem 30 cm (3 dias após a semeadura). Os raios quando houver de 7 a 8 mm melhor rebrote.

as plantas chegarem a 20 cm quando restarem de 5 a 10 cm suportar altas lotações

em que as plantas atingem 20 cm de 7 a 10 cm de altura. É necessária natural, o que contém duas mais anos

proprietário Sempareda e Lander

**ira**

maior equilíbrio em. Cassen explica que a temperatura do solo nas de plantio conveniente que a referir a evapotranspiração pode ser a 25%. Segundo ele, o ser a integração entre porque, em áreas onde a degradação. sistema técnico esta Forraicultura da Embrapa, a utilização de tecnologia de pastagens os anos, principalmente e a usam no alimento do leiteiro. Contudo, se a países como os Estados Unidos e a Argentina tem muito a melhorar. indicados comprim as a implantação de uma t, mas há questões a serem.

**Uso esbarra na falta de semente certificada**

Baixa procura por sementes certificadas, poucas variedades de leguminosas e gramíneas de inverno com origem no mercado e falta adoção da prática de inoculação e pastagem são fatores que precisam ser aperfeiçoados pelos elos da cadeia de forrageiras e adotados em maior escala pelos produtores gaúchos. Conforme Eduardo Loureiro da Silva, vice-presidente da Comissão de Sementes e Mudas do Rio Grande do Sul, grupo que assessora o Ministério da Agricultura (Mapa), o mercado de sementes forrageiras é muito instável porque, diferentemente das culturas tradicionais, há disponibilidade de cultivares com origem de poucas espécies.

Não há estatísticas oficiais, mas a Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudas do Estado (Apassul) acredita que menos de 5% da área de forrageiras em território gaúcho seja coberta com sementes com procedência. Para Loureiro da Silva, a falta de informação do produtor também é um entrave. "A taxa de utilização de sementes forrageiras é muito baixa porque não há oferta suficiente e porque o consumidor não está esclarecido para adquirir produto de qualidade. Ele compra sementes que não têm origem, nem controle de qualidade." O dirigente acredita, entretanto, que essa realidade mudará nos próximos anos, tendo em vista que o Mapa estabelecerá 2011 como prazo final para adoção de materiais de forrageira com comprovada origem genética, conforme a lei de sementes.

A exceção de materiais importados e mais caros, os produtores gaúchos usam sementes comuns. Parte desta oferta é de variedades com qualidade fiscalizada e atestada pelo governo federal, mas sem origem determinada. Outra parte é produzida informalmente, proveniente de campos não inscritos no Mapa e, portanto, sem garantias de rendimento, de poder germinativo e longe de resultar em pastos de qualidade. Para mudar esse cenário, pesquisadores trabalham no melhoramento genético de 11 espécies de forrageiras comuns vendidas no mercado formal: alfafa, aveia branca,

aveia preta, avevém, capim sudão, cornelão, ervilhaca, milho, trevo branco, vermelho e vesiculosos, uma parceria que envolve cinco unidades da Embrapa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Associação Sul-brasileira para o Fomento à Pesquisa de Forrageiras (Sulpasol). De acordo com o chefe de pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Pecuária Sul e coordenador técnico do projeto, Daniel Portella Montardo, no próximo ano, será possível registrar a primeira variedade com origem do projeto. O avevém já passou pelos ensaios em rede, que duram dois anos, e devem chegar ao consumidor final em 2013.

Como há pressa, Montardo explica que a seleção foi direcionada para investimento em materiais de ampla adaptação de solo e clima na região Sul. "O que temos no mercado hoje são materiais sem segurança pela falta de origem. O melhoramento irá tornar mais longos os ciclos de produção de forragem e também melhorar a distribuição de qualidade do pasto ao longo deste período", diz.

Atualmente, a única cultivar de avevém com origem determinada no comércio é a Fepagro São Gabriel. A partir do ano que vem, o leite se amplia com a oferta no mercado da BRS Pontete, desenvolvida pela Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, e pela Embrapa Gado de Leite, de Juiz de Fora (MG). Em relação a materiais comuns, a variedade apresenta rendimento de forragem 7% superior e garante ciclos mais longos, que podem representar até 50 dias de pastejo adicionais para os animais, enfatiza a pesquisadora Andréa Mittelmann. Após dois anos de multiplicação, a semente deve chegar ao consumidor final em 2011, em um volume ainda a ser definido, frente à demanda anual de avevém de 7 milhões de hectares, se considerados os três estados do Sul do país.



**Campesidade**

Piceno

**Causo dos pagos santos**

PAULO MENDES

e-mail: pmenes@creadepico.com.br

As três crianças pareciam tristes naquele domingo chuvoso que chegava ao fim. A estância inteira dormitava com a chuva que quedava que caía há três dias, encharrando a quiche do ranchario, fazendo com que os animais se escondessem debaixo das ramadas, pelos capões fechados. Alguns cuscos divertidos passavam o dia ao redor do borralho do negro Anacleto, no galpão. Olhando aqueles pingos de gente de quem tão bem cuidava, na Milca enxugou as mãos no avental e contou outra história:

— Certa vez, lá pelos pagos santos, cuidavam guarderitando pelo mundo nosso Senhor, que era um ganchito muito simples, nem hota calçada, cuidava de sandálias de couro. São Pedro e São João. Todos estavam muito felizes, quando foram se alimentar com uma ovelha que tinham ganhado de presente. São Pedro, o assador, curteceu a ovelha e colocou as carnes no fogo, prava os rins e achando-os muito especiais, decorou tudo. Na hora do almoço, nosso Senhor perguntou pelos rins, mas São Pedro disse que aquela ovelha não tinha rins. "Não pode ser, Pedro, todos os animais têm rins." — "Eu sei meu Senhor, mas esta ovelha não os tinha." — E São Pedro continuou tentando até que nossos Senhor, ando muito generoso, resistiu ao discussão e segurança brigam. Mais adiante, encontraram um rio sem nome. Nosso Senhor botou o pé na água e foi andando como se pisasse em terra firme. São João fez o mesmo. Já São Pedro tentou andar, começou a afundar e gritou: "Me ajudem!" Então, o Senhor perguntou: "Quem comeu os rins da ovelha?" — "Sou lá, aquela ovelha não os tinha." — E Pedro afundava, afundava, até que o Senhor puxou Pedro pelos cabelos e foram embora.

— Mas à frente, se depararam com um incêndio no campo. O Senhor e São João seguiram em frente, como se nada existisse, porém São Pedro se queimava e gritou: "Me ajuda, Senhor". Então, este perguntou outra vez: "Quem comeu os rins da ovelha?" E Pedro respondeu sempre: "Não sei, não sei, a ovelha não os tinha." — E, vendo São Pedro todo chamuscado, ajustou o fogo e seguiram em frente. Ai, chegaram numa casta muito rica, onde o filho do dono estava doente. Nosso Senhor curou o rapaz e ganhou do pai rico um saco cheio de moedas de ouro. Nosso Senhor colocou as moedas na mesa e as dividiu em quatro partes. São Pedro disse: "Mas, Senhor, nós somos apenas três, para que quatro partes?"

— O Senhor retrucou: "Somos três, mas não esqueça daquele que comeu os rins da ovelha". Inclinadamente São Pedro gritou: "Pai, eu fui eu", e na mão a outra parte. Nosso Senhor virou-se para São João e exclamou: "O homem que este a tudo na vida, nos perigos da água, nos perigos da fome, só não resistiu ao dinheiro..."



**Corações & Mercado**

Dados do safra da corrente

Brasil			Rio Grande do Sul		
Produto	Safra 2008/09	Safra 2009/10*	Produto	Safra 2008/09	Safra 2009/10*
Árroz	12.602,5	11.787,7	Árroz	7.965,0	6.992,9
Feijão	3.430,6	3.217,4	Feijão	125,4	115,3
Milho	51.089,9	54.113,1	Milho	4.748,8	5.232,1
Soja	37.105,5	42.888,7	Soja	7.912,6	9.542,9
Trigo	5.854,0	5.102,5	Trigo	2.816,6	1.805,6
<b>Área (em mil hectares)</b>			<b>Área (em mil hectares)</b>		
Produto	Safra 2008/09	Safra 2009/10*	Produto	Safra 2008/09	Safra 2009/10*
Árroz	2.959,0	2.793,9	Árroz	1.105,0	1.079,6
Feijão	4.147,9	3.833,1	Feijão	117,0	106,7
Milho	14.171,8	13.882,1	Milho	4.388,5	1.181,2
Soja	21.743,1	23.223,7	Soja	3.822,5	3.916,2
Trigo	2.396,2	2.418,0	Trigo	581,3	355,8

Produto	Produção (em mil toneladas)	Área (em mil hectares)	Yield (kg/ha)
Árroz	12.602,5	2.959,0	4.259
Feijão	3.430,6	4.147,9	827
Milho	51.089,9	14.171,8	3.606
Soja	37.105,5	21.743,1	1.707
Trigo	5.854,0	2.396,2	2.443

\* Projeção

24 abril de 2011

DOMINGO 24 de abril de 2011

# Combustível para o agronegócio

■ GRASIELA DUARTE

De olho na demanda crescente pelo etanol, especialmente estimulada pela frota de carros flex, que chega a 12 milhões no país, e maiores exportações de açúcar, que sazonalmente obrigam o Brasil a importar álcool amido para a mistura de 25% com a gasolina, o Rio Grande do Sul planeja mais uma vez estimular a implantação de destilarias. A necessidade é crescente e constante. No Brasil, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), cerca de 85% dos veículos leves novos comercializados são bicombustíveis. A União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica) estima que, em 2020, 80% dos carros de passeio brasileiros serão flex, podendo utilizar gasolina, etanol ou a mistura dos dois combustíveis em qualquer proporção. O secretário do Desenvolvimento, Mauro Knijnik, diz que, junto com a Secretaria da Fazenda, está desenhando um programa específico para a produção de etanol, que deve ser finalizado nos próximos dois meses, para entrar em vigor ainda este ano.

O motivo é a perda tributária colossal que o Estado amarga ao ter que comprar o combustível em outras regiões. Atualmente, o gasto para importar o combustível do centro do país ultrapassa R\$ 1 bilhão. "O RS importa 98% do que consome, cerca de 1 bilhão de litros. É equivalente à arrecadação de duas safras de arroz do Estado", informa o secretário. O projeto será construído em toda a sorte de incentivos. O desafio é fazer algo que nenhum governo conseguiu até

agora – implantar e estabilizar a produção de etanol competitivo no Estado. Para isso, é preciso adaptar as variedades existentes ao tipo de agricultura praticada nas regiões incluídas no zoneamento agroecológico. Também será preciso mudar a cultura dos agricultores e organizar a infraestrutura totalmente voltada para produção de grãos.

Além de abastecer os carros dos gaúchos, a produção garantiria oferta de matéria-prima à Braskem, importante compradora de etanol, que busca fora do Rio Grande do Sul o seu abastecimento. São 600 milhões de litros anuais que vêm diretamente do Sudeste para o Polo Petroquímico de Triunfo, onde abastecem a planta de eteno-verde e de ETBE. "Etanol competitivo interessa para a Braskem", frisa o gerente de Relações Institucionais da empresa, João Ruy Freire.

A formação, no entanto, exigirá um modelo mais adequado a realidade do Estado, já que a área recomendada para plantio pelo zoneamento agroecológico se estende por Litoral Norte, Vale Central e Nordeste, onde as propriedades são potencialmente menores e, na maioria, de agricultores familiares. "Grupos de São Paulo fazem parques enormes de produção. Talvez o RS não comporte isso. Então, precisamos de um projeto para a nossa realidade", frisa o secretário.

Conforme o representante da Unica em Ribirão Preto, Sérgio Prado, o RS não tem condições de produzir cana-de-açúcar nos mesmos moldes praticados no Centro-Sul (SP, PR, MT, MS, GO, MG). Essas regiões são responsáveis por 90% da produção nacional – estimada para esta safra

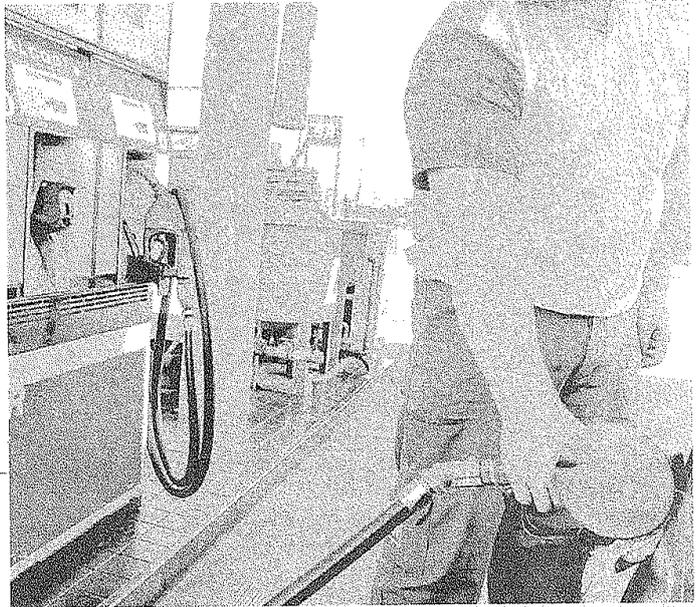


Foto de produtor faz com que o RS deixe de depender o desenvolvimento e contribuição de duas safras de arroz/Anfavea

2011/12 em 568,5 milhões de toneladas, enquanto no ciclo anterior foi de 558,74 milhões de toneladas com produtividade de 82,1 tonelada/hectare. Os outros 10% estão no Nordeste. "A participação dos gaúchos é inexpressiva. Dados da fiamter revelam que a produção do RS está aquém do seu potencial. Ao todo, são 36

mil ha da cultura, sendo que somente 3 mil ha se destinam à produção de etanol; outros 9 mil ha dão origem a melado, rapadura e cachaca. O assistente técnico estadual da Fiamter, Alencar Ringier, avalia que o setor não se desenvolve no RS porque há problemas culturais dos produtores e de infraestrutura, que estão to-

talmente voltados para produção de grãos. "Se não der certo, nem o equipamento serve da cana-de-açúcar para o grão e vice-versa". No Centro-Sul, uma grande usina, com produção de 8 milhões de litros demanda 60 mil ha. Devido à logística, a lavoura deve estar num raio de 30 km da indústria para ser competitiva.



Rio Grande do Sul é uma região de risco de seca no inverno

## RS tem zoneamento e potencial de cultivo

A partir da safra 2009/10, ficou estabelecida orientação para cultivo da cana em determinadas áreas potenciais pelo zoneamento agroecológico. O país tem 63,48 milhões de hectares de área apta ao cultivo com cana, sendo que, destes, 18,93 milhões de ha foram considerados com alto potencial produtivo, 41,17 milhões de ha como médio e 4,28 milhões de ha como de baixo potencial.

Especificamente para o caso do Rio Grande do Sul, considerando a proposta de deslocamento de plantio da cana feita pelos especialistas da região para o período de inverno, foi considerado como risco de seca, quando a

temperatura fosse menor do que 2 graus no abrigo com 20% de chance de ocorrência. A avaliação permitiu ampliar a possibilidade de plantio no Estado.

O zoneamento agroecológico aponta 28 cidades gaúchas com alto potencial produtivo. Foram identificados nesta classe 12.327,90 ha em Cachoeira do Sul, 11.223,42 ha em Manoel Viana, 10.828,23 ha em São Francisco de Assis e 12.653,15 ha em São Nicolau. Na elaboração são avaliados ciclo e demanda hídrica da cultura, ocorrência de geadas e veranicos. O respeito às orientações permite a contratação de crédito de custeio e seguro.

### Indicação para expansão do plantio

Classes de aptidão	Agricultura (AC)		Agropecuária (AP)	
	AC	AC	AP+AC	AP+AC+AC
Alta (A)	68.062,31	17.013,36	85.075,67	85.075,67
Média (M)	195.015,14	121.223,70	316.238,84	316.238,84
Baixa (B)	114.106,89	32.622,68	146.729,57	146.729,57
A + M	263.077,45	138.847,06	401.924,51	401.924,51
Total	377.184,34	172.863,74	550.048,08	550.048,08

Fonte: Mapa Classes de aptidão: alta (A); média (M); baixa (B).  
Uso: Agricultura (AC); agropecuária (AP); pastagem (AP)

### Recomendações

A Unica recomenda esse cultivo na safra que se inicia em agosto e produção de etanol em outono. A ocorrência de geadas por esse e possível comercialização precisa ser avaliada no momento em que se vai iniciar o cultivo e antes de entrar em campo. Devido ao fato de o RS não ter mais o mesmo potencial produtivo a indústria é que com maior oferta os preços se estabilizam. A questão é qual os critérios estão sendo usados para avaliar o potencial de produção de etanol. O representante da Unica em Ribirão Preto, Sérgio Prado, diz que essa recomendação é feita no contexto de risco de seca em 2011. "O cultivo de cana é de ciclo longo e precisa de um planejamento de longo prazo. Na primeira safra de colheita, entre 4 e 8 de abril, o produtor precisa ter o etanol produzido. O preço de etanol no Brasil é de R\$ 1,285 por litro. O preço de etanol no mundo é de R\$ 1,1331 por litro."

24 abril de 2011

CORREIO DO POVO

# Renovação da cana gera riqueza

Além da implantação da infraestrutura requerida na produção de cana, que vão dos fornecedores à indústria e à distribuição, os investidores em produtores precisam ficar atentos à manutenção das lavouras. Neste mês, começou a ser colhida a safra 2011/2012 de cana-de-açúcar no Centro-Sul e também o plantio para renovação das lavouras. A vida útil do canavial é de seis cortes, mas, segundo o representante da Unica em Ribeirão Preto, Sérgio Prado, as perdas de produtividade são observadas entre o quarto e o quinto cortes. "A recomendação é que se renove uma média de 20% da lavoura por safra."

Desde 2008, no entanto, os investimentos foram comprometidos no Centro-Sul graças à crise financeira internacional. Já a escalada do preço do açúcar no mercado internacional estimulou maior processamento da commodity e escassez do álcool anidro na última entressafra. Não por acaso, os preços registraram a maior alta (21%) para o período, chegando na semana de 21 a 25 de março, a R\$ 1.923,00 por litro (sem impostos), de acordo com o Cepea/USP.

A crise foi tanta que forçou o governo brasileiro a importar álcool anidro dos Estados Unidos, para fazer frente ao percentual de 25% de mistura com a gasolina. Além disso, o setor vem perdendo a sua capacidade de investimento desde 2008. A Unica destaca que foram 25 novas usinas na safra 2007/2008, 30 na 2008/2009, 19 em 2009/2010 e dez unidades produtivas em 2010/11. Para este ciclo, são esperadas cinco novas unidades. Prado informa que se os aportes tivessem ocorrido normalmente nos últimos anos, em 2010/11 seria possível obter um adicional de 11 bilhões de litros, nos 25 bilhões de litros processados. "O setor não tem estoques, não gera excedente. Por isso, precisamos de investimentos na cadeia, seja na renovação dos canaviais, seja na ampliação das indústrias."



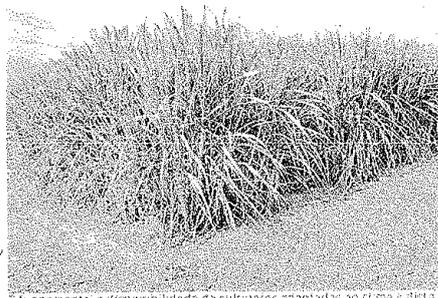
A safra da safra 2009/10, os investimentos em novas usinas tiveram, o que desaqueceu o preço e reduziu oferta/demanda no Brasil

## Coopercana quer expandir produção

A Cooperativa dos Produtores de Cana de Porto Xavier (Coopercana), de Porto Xavier, quer aumentar a produção para 13 milhões de litros por safra, o que representa incremento de 55% em relação aos 7 milhões de litros de etanol hidratado do último ciclo. Para isso, será necessário ampliar as atuais 100 mil toneladas de cana e melhorar o rendimento médio, hoje de 58 toneladas por ha. O presidente da Coopercana, Gildo Bratz, diz que falta capital de giro para crescer e ter estoque, especialmente na entressafra. Quando começou a venda da safra, em julho de 2010, o valor pago ao produtor por litro era de R\$ 1,04. Em março, chegou a R\$ 2,30. "Preço muito bom, mas se não temos produto não adianta." Para alavancar a produtividade, a Coopercana mantém um viveiro junto com a Embrapa Clima Temperado para desenvolvimento de novas cultivares. Segundo Bratz, 110 variedades estão em teste e 25 já foram selecionadas para reprodução e introdução nas lavouras. O fundamental é aumentar a resistência da cana-de-açúcar, que em períodos de muita seca ou seca tem o crescimento paralisado.

## Rio Pardo terá usina de R\$ 65 milhões

Com aporte estimado em R\$ 65 milhões até 2013, deve entrar em operação a Via Vida Bioenergética, em Rio Pardo. São dez investidores, entre agrônomos, advogados e empresários que se uniram para viabilizar o projeto. A usina deve ter capacidade para processar 150 mil litros de anidro por dia – o que corresponde a 28 milhões de litros por safra. Para isso, a empresa está formatando contratos com fornecedores para plantio da cana-de-açúcar. Segundo o diretor presidente da Via Vida, Marcos Lin, quando estiver a pleno serão necessárias 300 mil toneladas por ano, cerca de 6 mil hectares. A indústria será instalada no distrito do Bexiga, em Rio Pardo, uma área de 17 hectares. A prefeitura dará suporte à infraestrutura, realizando terraplenagem da área. Também foi firmados protocolos para financiamento do Fundopem e do BNDES. O Fundopem financia parcela de até 75% do ICMS devido mensalmente pelo estabelecimento. Também foi concedido incentivo via Integral, pelo qual o tomador é premiado com abatimento sobre valor das parcelas de amortização.



É fundamental a disponibilidade de cultivares adaptadas ao clima sulista

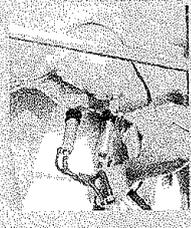
## O Correio responde

**É possível fazer uma boa limpeza nos tetos para prevenir a mastite, sem ter que usar detergentes específicos para isso, normalmente caros para os pequenos produtores?**

As vacas ficam com as tetas sujas, úmidas e irritadas. Nesse caso, a limpeza deve ser feita com água quente (30 a 50 graus) por 15 minutos. Para cada litro de água, use 100 gramas de água quente por litro de água. A água deve ser trocada a cada 15 minutos. No momento de lavar, use água quente (30 a 50 graus) por 15 minutos. Para cada litro de água, use 100 gramas de água quente por litro de água. Use uma colher de sopa de água quente. Depois disso, use um pano limpo e seco para secar as tetas. Não use sabão ou detergente.

De acordo com a Embrapa de Referência em Saúde Animal, as vacas devem ser lavadas com água quente e sabão neutro. A água deve ser trocada a cada 15 minutos. Use uma colher de sopa de água quente por litro de água. Use uma colher de sopa de água quente. Depois disso, use um pano limpo e seco para secar as tetas. Não use sabão ou detergente.

Fonte: Sérgio Krieger, da Embrapa



## Porteira Aberta

### Não custa lembrar Do chá de palha ao sabugo de milho

É comum entre agricultores e produtores rurais, e mesmo em meio urbano, a falta de veículos para regular o trânsito em determinadas situações. A Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento Rural do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio de uma parceria com a Embrapa, lançou o projeto "Porteira Aberta". O projeto visa facilitar o acesso dos produtores rurais às áreas de produção de alimentos e insumos agrícolas. O projeto prevê a criação de um sistema de transporte coletivo para os produtores rurais, com o objetivo de facilitar o acesso às áreas de produção de alimentos e insumos agrícolas. O projeto prevê a criação de um sistema de transporte coletivo para os produtores rurais, com o objetivo de facilitar o acesso às áreas de produção de alimentos e insumos agrícolas.

A conferência paraguaiense, realizada em Assunção, teve como objetivo discutir as possibilidades de integração entre os setores agrícola e pecuário. A conferência foi organizada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil, em parceria com o Ministério da Agricultura e Pecuária do Paraguai. A conferência abordou temas como a produção de alimentos e insumos agrícolas, a comercialização de produtos agrícolas e a integração entre os setores agrícola e pecuário. A conferência foi considerada um sucesso e gerou muitas ideias para a melhoria da produção agrícola e pecuária.



29 abril de 2012

DOMINGO | 29 de abril de 2012

### Legislação rigorosa

Qual será o impacto do Novo Código para o grupo que o sr. representa?

Carlos Sperotto, presidente da Farsul – Temos um projeto aprovado pelo Congresso Nacional para reger e regulamentar as ações que tenhamos a desenvolver em nossas propriedades. Acreditamos que este passo que foi dado é importantíssimo, embora esteja distante do que esperamos, mas foi o que se conseguiu. Tendo em vista a complexidade do Código Florestal, também avaliamos que o tema não chega à fase final, mas devemos ter diálogo mais identificado com a realidade.

A seu ver, houve evolução ou retrocesso em relação à legislação anterior?

Sperotto – Saímos de uma situação e vamos para outra, em que o setor está se acertando e o posicionamento começa a se consolidar. É o que estamos fazendo

e entendendo. Mas com custo elevado para quem perde o seu poder de exploração do seu patrimônio. Temos produtores que perderam 80% do que lhes pertencia. Nós, do Sul, perdemos 20%. Se fosse um prédio de dez andares, dois eu terei que deixar de utilizar.

Na sua visão, haverá maior segurança jurídica nos empreendimentos rurais?

Sperotto – Considerando o Direito Ambiental, não há nenhum produtor no mundo que esteja subjugado a uma legislação tão rigorosa como esta. Com esse código, se estabeleceu que 30 milhões de hectares deixarão de ser cultivados, mas os agricultores têm possibilidade de recuperar o poder de produção com recomposição que está em curso em áreas degradadas.

Com a nova legislação, o sr. é da opinião que o Brasil ainda conseguirá manter os compromissos de corte de emissão de carbono assumidos junto à ONU?



missos de corte de emissão de carbono assumidos junto à ONU?

Sperotto – Inclusive o próprio projeto não se atém à redução de emissões de carbono, porque não é o que está em questão. Mas o Brasil está avançando. Em dois anos, nós concluiremos a etapa que foi prevista na COP 15, quando assumimos o compromisso. Segundo a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), reduzimos em 80% o desmatamento no Brasil, dez anos antes do prazo previsto em 2003, quando esse compromisso foi assumido.

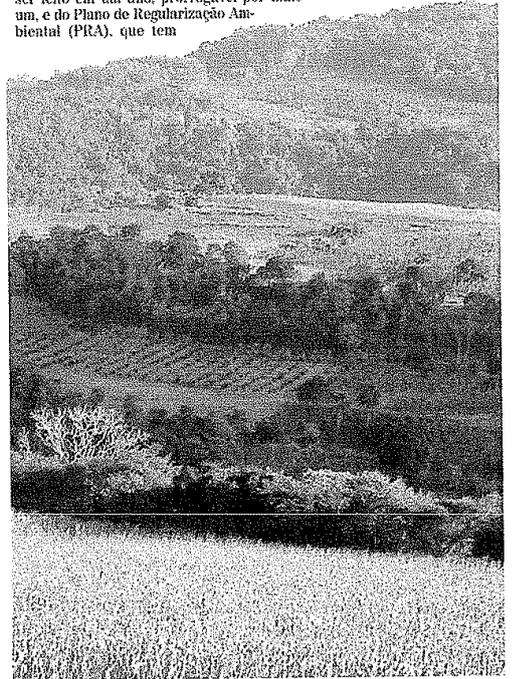
## Nem gregos, r

GRASIELA DUARTE

Passados 13 anos desde que começou a tramitar a proposta de mudança do Código Florestal, o texto aprovado pelos deputados nesta semana sofreu críticas de produtores e ambientalistas. De um lado, o discurso retórico de que se alcançou o que foi possível. De outro, a posição inflamada de quem acredita em retrocesso.

O único consenso parece ser de que ainda há um longo caminho a percorrer até a lei virar prática no país. Se a legislação for sancionada, até sua regulamentação, estima-se que sejam necessários pelos menos seis meses. Depois, sua aplicação dependerá de adoção de medidas dos poderes federal e estadual. Um dos casos é o regramento e a implementação do Cadastro Ambiental Rural (CAR), que deve ser feito em um ano, prorrogável por mais um, e do Plano de Regularização Ambiental (PRA), que tem

dois anos para ser insitu a regularização dos inó vegetação em Área de I (APP) e Reserva Legal ( exigidos pela lei ambiental). É grande o risco de rios dos estados, como o sul legislações próprias as APP's e Reserva Le que, se as regras estudadas na proteção no meio rural valendo, independentem do federal. Com isso, o Florestal passa a ter e blica Legislativa. Após s: verno também deverá ir apoio à conservação em Além do processo le



### Fetagvê aprovação como evolução

Qual será o impacto do Novo Código para o grupo que o sr. representa?

Elton Weber, presidente da Fetag/RS – Em primeiro lugar, vai ser o novo marco regulatório. Em tese, pelo que acompanhamos, até hoje, em todas as discussões, ele vai facilitar a vida do agricultor em diversas partes da atividade agropecuária. Inclusive tornando o menos punitivo e restritivo. Agora, os detalhes, nós vamos ter que verificar, como as Áreas de Preservação Permanente (APP's) e outras questões, quando tivermos com todo o texto pronto e até mesmo se o governo irá vetar ou não algum ponto.

A seu ver, houve evolução ou retrocesso em relação à legislação anterior?

Weber – De forma geral, a nossa visão, até esse momento, é de que houve evolução. Com certeza, até porque deixei mais claro algumas questões.

A legislação não burocratiza tanto em relação a licenciamento e averbações e, ainda, traz para dentro o pagamento por serviço ambiental.

Na sua visão, haverá maior segurança jurídica nos empreendimentos rurais?

Weber – Teoricamente sim, se esse código for realmente aplicado e não forem feitas inclusões de regras ou apêndices via Conama ou outros órgãos.

Com a nova legislação, o sr. é da opinião que o Brasil ainda conseguirá manter os compromissos de corte de emissão de carbono assumidos junto à ONU?

Weber – Essa é uma questão difícil de responder. Os parâmetros não foram acordados com a participação do setor agropecuário, pelo menos não da agricultura familiar, Fetag e produtores rurais. Essa é uma questão que o governo tem que responder. Agora, também precisamos ter claro que a emissão de gases de efeito estufa não vem apenas da agricultura, da pecuária e demais atividades primárias, como a fruticultura, produção de leite. O impacto vem, principalmente, dos centros urbanos, com a frota de veículos e outras formas de poluição existentes, como a indústria. Então, nós não temos como opinar com toda a segurança, já que, quando do acordo, o nosso segmento não participou da discussão.

### Legislação ambiental no Brasil

- 1934 – Institui o Código Florestal Brasileiro. O decreto estabelece, entre outros pontos, o conceito de florestas protetoras, semelhante ao conceito das Áreas de Preservação Permanente.
- 1965 – O Novo Código Florestal cria a Reserva Legal e a Área de Preservação Permanente.
- 1966 – A lei 7.511 proíbe o desmatamento das áreas nativas, mas manteve a autorização para o aproveitamento das áreas desmatadas com espécies exóticas e fazer uso econômico delas.
- 1989 – A lei federal 7.203 determinou que o repolimento das florestas utilizasse prioritariamente espécies nativas, embora não proibisse as espécies exóticas. Também criou-se a obrigação de 20% de Reserva Legal no Cerrado.
- 1996 – A medida provisória 1.511/96 ampliou a restrição ao desmatamento em áreas de floresta. Embora não tenha aumentado a Reserva Legal, passou a permitir apenas o desflorestamento de 20% no Bioma Amazônia.
- 1998 – A Lei de Crimes Ambientais mudou dispositivos do Código Florestal, transformando diversas infrações administrativas em crimes. A lei abriu brecha para a aplicação de pesadas multas pelos órgãos de fiscalização ambiental.
- 2001 – A MP 2.166 novamente alterou os conceitos de Reserva Legal e APP's. Definiu a Reserva Legal como sendo "a área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, excetuada de preservação permanente, necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção de fauna e flora nativas.
- 2011 – Projeto de lei do Novo Código Florestal foi aprovado pela Câmara dos Deputados. Algumas das mudanças ainda eram passíveis de alteração durante a votação no Senado, no mesmo ano. Enquanto o código anterior exigia Reserva Legal mínima em todas as propriedades, variando de 80% na Amazônia a 35% no Cerrado e 20% nas outras regiões, o novo texto aprovado dispensava aquelas de até quatro módulos fiscais de recompor a área de Reserva Legal desmatada.
- 2012 – Os deputados aprovaram o relatório do deputado Paulo Piau (PMDB) com 21 modificações no texto aprovado pelo Senado em dezembro do ano passado. O governo conseguiu devolver ao texto a exigência de recomposição de 15 m de APP's em beira de rios com até 10 metros de largura Os rurais rejeitavam a recuperação dessas áreas.

